**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL**
**UNIDADE LITORAL NORTE – OSÓRIO/RS**
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**
**MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

**GABRIELLA CAMARGO RODRIGUES**

# PERCEPÇÕES SOBRE LICENCIATURA PARA ACADÊMICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE INSTITUIÇÕES PRIVADAS DE ENSINO EM PORTO ALEGRE.

**OSÓRIO**
**2023**

**GABRIELLA CAMARGO RODRIGUES**

# PERCEPÇÕES SOBRE LICENCIATURA PARA ACADÊMICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE INSTITUIÇÕES PRIVADAS DE ENSINO EM PORTO ALEGRE.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Unidade Litoral Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Forell

**OSÓRIO**

**2023**

Catalogação de Publicação na Fonte

R696p Rodrigues, Gabriella Camargo.

Percepções sobre licenciatura para acadêmicos de educação física de instituições privadas de ensino em Porto Alegre. / Gabriella Camargo Rodrigues. – Osório, 2023.

100 f.

Orientador: Leandro Forell.

Dissertação (Mestrado). – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Mestrado Profissional em Educação, Unidade Litoral Norte: Osório, 2023.

1. Educação Física. 2. Graduação. 3. Opção Formativa. I. Forell, Leandro. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Carina Lima CRB10/1905

**GABRIELLA CAMARGO RODRIGUES**

# PERCEPÇÕES SOBRE LICENCIATURA PARA ACADÊMICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE INSTITUIÇÕES PRIVADAS DE ENSINO EM PORTO ALEGRE.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Forell

Aprovado em: 22/03/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

_____

Orientador Prof. Dr. Leandro Forell
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

_____

Profª. Drª. Viviane Maciel Machado Maurente
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

_____

Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki
Convidado externo

_____

Profª. Drª. Fabiana Gazzotti Mayboroda
Convidada externa

Dedico à minha filha, Maria Luísa Rodrigues Pretto, que esteve em meu ventre em boa parte do tempo dedicado à escrita deste trabalho. Para que no futuro ela inspire-se em realizar tudo o que quiser, mesmo quando algo ou alguém a fizer hesitar.

## AGRADECIMENTOS

Para concluir esta etapa, após muitos meses, tenho muito a agradecer ao apoio que recebi de diversas pessoas. Principalmente por recordar com carinho do início desta jornada.

Agradeço ao meu marido, Cristiano, por me impulsionar desde o processo seletivo e acreditar em minha aprovação quando eu mesma duvidava. À minha mãe, Eliana, que foi quem me abraçou forte e com suas palavras certeiras, me fez celebrar genuinamente. Ao meu pai, com sua empolgação e orgulho demonstrados sempre. Aos meus padrinhos e avó materna, que constantemente se preocupavam com minha trajetória. Aos meus sogros pelo carinho e torcida, em especial minha sogra, que me alertou sobre o processo seletivo, dizendo: “esse Mestrado é pra ti!”.

Aos meus colegas da “Liga”, Diana, Felipe e Mari, que além de ingressarmos juntos nessa caminhada, compartilharam comigo muitas emoções e sentimentos, sempre de maneira empática e afetuosa.

Ao meu orientador, Professor Forell, pela forma preocupada e carinhosa, que me permitiu encarar esta trajetória ao seu lado.

## RESUMO

Este estudo trata-se de uma investigação sobre a formação inicial em Educação Física e o entendimento sobre a opção formativa em Licenciatura para acadêmicos de instituições privadas de Porto Alegre, no qual o objetivo foi compreender as percepções destes discentes, acerca da Licenciatura como possibilidade de formação. No que se refere à temática teórica, as aproximações se estabeleceram no campo de possibilidades de Gilberto Velho (2003), assim como o processo de interação humana que a docência está relacionada e seus saberes mobilizados pela profissão professor, segundo Maurice Tardif (2010;2017). O percurso da construção desta dissertação ocorreu em sua totalidade, a partir das restrições sanitárias, das esferas, municipal, estadual e nacional, em razão da pandemia da COVID-19. Portanto, todo contato com os possíveis candidatos e os sujeitos efetivos desta pesquisa, foram realizados de maneira virtual e *online*. Foram adotados procedimentos de pesquisa qualitativa e descritiva. Como instrumento para a produção de informações, utilizou-se entrevistas semiestruturadas, com a participação de quatro acadêmicos em formação inicial em Educação Física. A interpretação e a análise das informações produzidas, foram construídas em um processo de cruzamento, utilizando as transcrições e vídeos das entrevistas realizadas, o marco teórico previamente proposto, assim como a vivências pessoais dos pesquisadores acerca da temática desta dissertação. Os resultados indicam que os acadêmicos compreendem a opção formativa em Educação Física, a partir da motivação de suas vivências esportivas na fase escolar, na infância e juventude. Percebem também, que a Licenciatura possui atualmente, uma procura muito discreta, devido à desvalorização social e monetária. E, que em certa medida, há poucas oportunidades de atuação profissional, pois são restritas ao ambiente escolar. Desta forma, os sujeitos entendem que há limitação no mercado de trabalho.



**Palavras-chave:** Educação Física; Graduação; Opção Formativa.

## ABSTRACT

This study deals with an investigation into initial training in Physical Education and the understanding of the training option in Licentiate for academics from private institutions in Porto Alegre, in which the objective was to understand the perceptions of these students about the Licentiate Degree as a possibility of training. Regarding the theoretical theme, the approaches were established in the field of possibilities of Gilberto Velho (2003), as well as the process of human interaction that teaching is related to and their knowledge mobilized by the teaching profession, according to Maurice Tardif (2010;2017). The course of construction of this dissertation took place in its entirety, based on sanitary restrictions, at municipal, state, and national levels, due to the COVID-19 pandemic. Therefore, all contact with potential candidates and actual subjects of this research was carried out virtually and online. Qualitative and descriptive research procedures were adopted. As an instrument to produce information, semi-structured interviews were used, with the participation of four academics in initial training in Physical Education. The interpretation and analysis of the information produced were built in a crossing process, using the transcripts and videos of the interviews, the previously proposed theoretical framework, as well as the personal experiences of the researchers regarding the theme of this dissertation. The results indicate that the academics understand the formative option in Physical Education, based on the motivation of their sporting experiences at school, in childhood and youth. They also realize that the Degree currently has a very discreet demand, due to social and monetary devaluation. And, to a certain extent, there are few opportunities for professional activity, as they are restricted to the school environment. In this way, the subjects understand that there is a limitation in the labor market.



**Keywords:** Physical Education; Graduation; Formative Option.

## RESUMEN

Este estudio trata de una investigación sobre la formación inicial en Educación Física y la comprensión de la opción de formación en Licenciatura para académicos de instituciones privadas de Porto Alegre, en el que el objetivo fue comprender las percepciones de estos estudiantes sobre la Licenciatura como una posibilidad de capacitación. En cuanto al tema teórico, los enfoques fueron establecidos en el campo de posibilidades de Gilberto Velho (2003), así como el proceso de interacción humana que se relaciona con la enseñanza y sus conocimientos movilizados por la profesión docente, según Maurice Tardif (2010;2017). El curso de construcción de esta disertación se llevó a cabo en su totalidad, con base en las restricciones sanitarias, a nivel municipal, estatal y nacional, debido a la pandemia del COVID-19. Por lo tanto, todo contacto con candidatos potenciales y sujetos reales de esta investigación se realizó de forma virtual y en línea. Se adoptaron procedimientos de investigación cualitativos y descriptivos. Como instrumento para la producción de información se utilizó la entrevista semiestructurada, con la participación de cuatro académicos en formación inicial en Educación Física. La interpretación y el análisis de las informaciones producidas se construyeron en un proceso cruzado, utilizando las transcripciones y videos de las entrevistas, el marco teórico propuesto previamente, así como las experiencias personales de los investigadores en relación con el tema de esta disertación. Los resultados indican que los académicos comprenden la opción formativa en Educación Física, a partir de la motivación de sus experiencias deportivas en la escuela, en la infancia y la juventud. También se dan cuenta de que la Licenciatura actualmente tiene una demanda muy discreta, debido a la devaluación social y monetaria. Y, en cierta medida, las oportunidades de actividad profesional son escasas, al estar restringidas al ámbito escolar. De esta forma, los sujetos entienden que existe una limitación en el mercado laboral.



**Palabras-clave:** Educación Física; Graduación; Opción Formativa.

## LISTA DE SIGLAS

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

ENADE – Exame Nacional de Avaliação de Desempenho dos Estudantes

GEPRACO – Grupo de Estudos de Práticas Corporais

IES – Instituição de Ensino Superior

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

POA – Porto Alegre

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UERGS - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Informações tipológicas dos sujeitos da pesquisa..... 35

**SUMÁRIO**

**1 INTRODUÇÃO ..... 4**

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA E A FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA . 11

**2 PERCURSO METODOLÓGICO ..... 31**

2.1 INSTRUMENTO PARA PRODUÇÃO DA INFORMAÇÃO ..... 32

2.2 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA ..... 33

**3 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES PRODUZIDAS ..... 36**

3.1 EDUCAÇÃO FÍSICA É ESPORTE? TRAJETÓRIAS E LEMBRANÇAS DA VIDA ESCOLAR ..... 36

3.2 OPÇÃO FORMATIVA: DAS EXPECTATIVAS ÀS VISÕES DE MUNDO ..... 45

3.3 PERCURSO ACADÊMICO: AS EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS DOS SUJEITOS E A CONSTANTE DICOTOMIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ..... 54

**4 PRODUTO DE PESQUISA ..... 72**

**REFERÊNCIAS ..... 73**

**APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE TRIAGEM DOS CANDIDATOS ..... 77**

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO ..... 79**

**APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS ..... 80**

# 1 INTRODUÇÃO

Dentre as primeiras lembranças que tenho da infância, recordo-me da minha casa no município de Guaíba[1]. Esta casa, foi minha morada, juntamente com meus pais, por quase quatro anos. Já no primeiro ano de domicílio em Guaíba, aos três anos de idade, como filha única, residindo afastada dos primos, dos avós e dos dindos, e mesmo com dificuldades financeiras, meus pais proporcionaram meu ingresso em uma escola de balé, para assim buscar uma atividade que pudesse proporcionar o convívio com outras crianças. A dança foi minha primeira e mais marcante prática corporal que até hoje constitui minha subjetividade. Atualmente, a dança se estabelece em um local de afeto, admiração e saudade, já que me remete a uma época em que a inocência da infância me permitia ser plenamente feliz.

Após o divórcio de meus pais, precisamos modificar a rotina, e com isso, mudamos de município. Então, voltamos para minha cidade natal e que permaneço atuando profissionalmente até hoje. A realidade que ali se instaurava, era de uma guria morando apenas com sua mãe, que trabalhava em tempo integral, em que o pai fazia o possível para estar presente, sendo os avós maternos, a presença adulta mais frequente. Já era o ano de 1993, portanto a idade de ingresso à escola havia chegado. E as duas escolas no qual estudei durante meus 11 anos de educação básica, foram cruciais na minha opção profissional.

Aos 10 anos de vida, no quinto ano do ensino fundamental, em uma escola estadual, quando em uma atividade da matéria de artes plásticas, a professora solicitou que desenhássemos uma profissão que admirássemos e que nossa família estivesse ligada a ela. No primeiro momento fiquei um pouco em dúvida, pois a professora comentou sobre algumas profissões que a minha família não tinha como trabalho produtivo, tais como: médico, advogado, engenheiro etc. Naquele instante, me apeguei ao fato de ter tido uma experiência na escola anterior (da rede privada) que foi bastante significativa, na qual tive um professor de Educação Física extremamente cativante e que na época lembro-me de estar em suas aulas e pensar como ele era feliz atuando como professor. Então, não tive mais dúvidas e desenhei

[1] Nasci em 1987 em Porto Alegre, mas durante os primeiros anos de vida, eu e meus pais moramos em Guaíba. Um município da Região Metropolitana de Porto Alegre com um pouco mais de 98 mil habitantes.

uma figura masculina bastante estereotipada[2] de um professor de Educação Física dos anos 90.

Das memórias mais salientes deste momento de minha vida escolar, foi o quão surpreso os meus pais ficaram quando observaram o desenho que havia levado para casa, após o visto da professora. Estava muito feliz e satisfeita com o que havia representado naquele papel. Toda orgulhosa eu mostro minha tarefa a eles que tinha em letras garrafais no topo da folha "O QUE EU QUERO SER QUANDO CRESCER". Em um raro momento juntos[3], eles questionaram: "quem é esse homem?". Respondi: "*o profe Paulo, lembra?*". E eles, surpresos: "*mas tu não querias ser bailarina? Vais ser professora de Educação Física?*". E na inocência reagi: "*vou ser sim!*". Um silêncio constrangedor pairou neste momento. Esta situação não é exclusividade de minha experiência escolar, conforme consta no estudo de Folle *et al.* (2009)

> a professora da fase de entrada na carreira declarou que o motivo de escolha pela profissão docente estava diretamente relacionado a identificação com a intervenção de sua professora de Educação Física nas séries iniciais do ensino fundamental (FOLLE et al., 2009, p.31).

Na vida adulta, entendo a preocupação de meus pais, mas fico feliz em ter tido a persistência de manter um desejo tão verdadeiro. Parafraseando Tardif e Lessard (2005), algumas pessoas ainda julgam a fase escolar como "tempo perdido", no que cerce o ofício produtivo, pois acreditam que o que "realmente importa" é o que fazemos na fase pós-escola.

A oportunidade de investigar o campo da Educação Física, no que tange a formação inicial, provoca-me curiosidade, pois minha atuação profissional está na docência do Ensino Superior. Esta inquietação pela carreira da docência acadêmica, teve seu início logo no primeiro ano de graduação em Educação Física (Bacharelado, no Centro Universitário Metodista IPA). Por acreditar na práxis que a atuação profissional da Educação Física deve exercer e por querer aprofundar meus conhecimentos, busquei em paralelo ao início de minha graduação uma oportunidade de estágio extracurricular, na qual ministrava aulas que objetivavam o bem-estar dos funcionários administrativos de uma instituição pública (o Instituto Nacional de Previdência Social - INSS). Naquele período, senti a necessidade de buscar ainda

---

[2] Um abrigo em tecido *tactel;* pochete de couro preto; tênis com cores vivas e extravagantes.
[3] Meus pais eram divorciados há mais de quatro anos neste episódio, portanto ter os dois em um mesmo local durante a rotina da semana, era exceção.

mais embasamento, principalmente no campo da fisiologia do exercício. Desse modo, durante o semestre que cursei a disciplina supracitada, fui convidada para ser monitora e integrar o programa de Iniciação Científica da equipe de análises de fisiologia do exercício, para avaliação de estudos de extensão universitária e de pós-graduação. Como era ingressante, não foi possível colaborar com as publicações deste grupo de estudos, o que na época não entendia como relevante, já que estava em um momento de entendimento dos conteúdos e não via tal necessidade, porém hoje entendo que independente do momento discente em que me encontrava, colaborar, mesmo que discretamente, teria enriquecido ainda mais meu conhecimento.

Concluindo minha trajetória científica durante a graduação, em 2011, meu professor orientador do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sugeriu que participássemos de um Salão de Iniciação Científica e Extensão da instituição em estudava, no qual professores de distintas universidades avaliavam as apresentações e desta forma poderia me preparar para a banca do meu TCC. Para nossa grata surpresa, fomos destaque daquele evento, o que me motivou a seguir buscando a docência acadêmica como profissão, contudo nos anos seguintes, a rota desejada acabou dando espaço para uma distinta oportunidade.

No último estágio curricular da graduação, atuei no Departamento de Esgrima de um grande clube de POA, local escolhido apenas pela minha disponibilidade de horário, já que o interesse pessoal na modalidade ia ao encontro da pequena disseminação dela no Brasil. Ao fim desta experiência curricular, o coordenador do departamento fez o convite para que eu pudesse integrar a equipe de professores, visto que eu estava em período de colação de grau. Por mais de 12 anos aquele departamento esteve sem a presença de uma professora mulher, o que me motivou ainda mais em aceitar o desafio de representar a presença feminina em um esporte historicamente masculino. Por oito anos vivenciei diversos âmbitos deste esporte, tais como: cursos técnicos internacionais, aperfeiçoamento de arbitragem, voluntariado nos Jogos Olímpicos do RIO 2016 e mais de 200 alunos (de crianças à idosos). Mesmo diante de tantas raras oportunidades, ainda me sentia inquieta com minha trajetória profissional e por vezes me questionava: como professora de iniciação esportiva, em um local que me sinto apta e segura, posso me permitir retomar um sentimento da infância e buscar uma formação mais pedagógica?

O ensino do esporte, na dinâmica da iniciação esportiva, requer uma compreensão didática que na formação do Bacharel em Educação Física pode ser, em certa medida raso. Permanecendo com minha inquietude no campo do ensino-aprendizado, ingressei no curso de Licenciatura em Educação Física após seis anos da primeira graduação concluída, na busca pelo conhecimento oriundo das temáticas educacionais e o entendimento da relação do esporte com a aprendizagem. Este despertar ficou potencializado pela experiência de adaptação da fala e modo de ensino para diferentes públicos em um pequeno espaço de tempo, isto é, ao realizar uma aula para criança de idade pré-escolar a forma de ensinar os fundamentos básicos de um determinado esporte não será o mesmo para o público-alvo adulto, que muitas vezes compartilhavam do mesmo ambiente.

Tal moldagem foi me mostrando um caminho didático nunca vivido, pois agora os métodos pedagógicos seguiram para um caminho que, até então em minha carreira profissional, não havia experimentado. Dito isso, as experiências curriculares da docência na educação básica aguçaram em mim uma aspiração da carreira docente, e para isso acontecer, um grande momento surgiu, com minha aprovação em um processo seletivo de um Centro Universitário de ensino superior privado, com os campi situados em POA e Região Metropolitana, no qual disponibilizo minha carga horária de trabalho em sua totalidade. Com um pouco mais de quatro meses de atuação, comecei a perceber a necessidade de me reconhecer como uma docente com titulação de mestre, em razão disso inicie uma busca pelos programas de mestrado, encontrando então a linha de pesquisa na qual escrevo esta dissertação.

Já são mais de dois anos desde o dia que li e reli, algumas vezes, a lista de divulgação dos candidatos aprovados no programa de pós-graduação (PPG) da UERGS. Tive poucas vezes nesse lugar de expectativa e que alcancei o resultado esperado. Alguns chamam de sorte. Para mim, sorte nós temos em sorteios. E essa eu não posso negar que tenho, pois já ganhei alguns. Mas sentir a satisfação de aprovação de um processo seletivo que é bastante valorizado, agora sim posso contar que já senti. E nessas sensações que permeavam meu corpo e que ao mesmo tempo me causavam certo medo, me questionei: será que vou conseguir me habituar com um mestrado em plena Pandemia[4]? Quando conhecerei pessoalmente meu professor

[4] Os primeiros compromissos do PPG-Mestrado em Educação ocorreram em 2020, no auge dos casos do Corona Vírus causado pela SARS-CoV-2, e em uma época que as vacinas ainda não eram uma realidade em nosso país. s

que será meu orientador? E a Unidade do Litoral Norte, como é? E pelas circunstâncias do negacionismo e obscurantismo que vivíamos, essas respostas só foram possíveis muitos meses depois.

Lembro do abraço forte que pude dar no professor Leandro Forell quando o conheci pessoalmente, em uma visita em sua casa, para conversarmos a respeito do projeto de pesquisa na época. Confesso que estava receosa com este encontro, pois ao mesmo tempo que já estávamos convivendo, mesmo que virtualmente há poucos meses, sentir a energia da pessoa, é insubstituível. Mas, saí de lá com a certeza de que estava no programa certo. Porque gosto de perceber que sou aprendiz de algo. Que serei desafiada a evoluir. E foi isso que ocorreu, já que ouvi em diversas aulas com meu orientador: “se não saímos diferentes de um mestrado, é porque não fizemos o mestrado como deveríamos”.

E, na espera de concluir este PPG, afirmo que o finalizo sendo bastante diferente de quando iniciei, tanto por perspectivas que não tinha sido instigada ainda, quanto por me tornar uma pessoa com novas responsabilidades. Me transformei, como professora e como mulher, visto que, no momento que escrevo essas palavras, minha filha Maria Luísa, com seus 4 meses de vida, dorme em seu berço. Acerca das modificações constantes que somos submetidos em nossas vidas, Velho (2003, p. 48) acredita que “os projetos, como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através de seus projetos. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualidade”.

Ao apresentar o projeto para a banca examinadora, muitas contribuições foram feitas e reflexões construídas. E, certamente, auxiliaram nas ponderações realizadas nos momentos de orientação com o professor Forell. Desta forma, contornamos o trajeto inicialmente pensado. Estabeleço aqui uma analogia com a dança[5], fazendo um resgate de algumas das minhas memórias corporais mais significativas. Muitas vezes a coreografia não era realizada como fora ensaiada. Para a realidade desta pesquisa, foi necessário refazer a coreografia. Fico na torcida para que não sejam necessários quaisquer improvisos como ocorriam, muitas vezes nas apresentações de dança.

---

[5] Aos 4 anos de idade, iniciei nas aulas de Ballet em Guaíba, município da região metropolitana de Porto Alegre (POA). Me vinculei à dança até próximos dos 22 anos de idade, quando fiz estágio em aulas de dança para servidores públicos do Instituto Nacional do Seguro Social.

Atuo exclusivamente como professora de uma Instituição de Ensino Superior (IES) de rede privada, vinculada à Escola de Ciências Biológicas e da Saúde desta IES. Desde 2020, quando ingressei, percebi que me inquietava as motivações de meus alunos estarem ali, naquele curso de Educação Física. Seja pelos mais inexperientes ou até mesmo por aqueles que já se estabeleceram financeiramente em suas vidas. Com o agravante de no princípio desta carreira na docência do ensino superior, ter enfrentado uma pandemia[6] nunca vista na sociedade contemporânea, o contato mais aproximado com meus discentes foi enfraquecido. As aulas online se tornaram praticamente um monólogo. Desta forma, o distanciamento físico da relação docente-discente, favoreceu a curiosidade de compreensão sobre os interesses e desejos dos meus estudantes.

Com a conjuntura enfrentada no período de andamento do PPG, algumas curiosidades contribuíram para pensar o objeto desta pesquisa, como por exemplo: como ocorre o processo de escolha do curso de Educação Física? Quais os dilemas vividos por estes acadêmicos no momento de escolha formativa, entre Licenciatura e Bacharelado? Tais ênfases, permitem que estes discentes compreendam a docência como um ato de sua futura profissão?

Em vista disso, o problema de pesquisa propõe: **como acadêmicos de Educação Física, de instituições privadas de ensino em Porto Alegre, percebem a Licenciatura enquanto opção formativa?** Sendo o objetivo de pesquisa, compreender as percepções destes discentes, acerca da Licenciatura como possibilidade de formação inicial.

Penso que minha proximidade com o objeto deste estudo, por ter a formação em Educação Física (com ambas as habilitações), trará nesta dissertação, reflexões bastante relevantes. Neste contexto, Godoy (1995, p. 58) reflete

> No que se refere à postura do pesquisador junto aos informantes, encontramos aqueles que defendem uma atitude de empatia e identificação, enquanto outros posicionam-se de uma forma mais neutra, evitando o envolvimento com os sujeitos.

Desta forma, encerro esta introdução descrevendo o que você leitor encontrará nas próximas páginas. Em seguida, trarei a contextualização teórica que contribuirá

---

[6] Este é o termo utilizado para descrever uma situação em que uma doença infecciosa ameaça simultaneamente as pessoas em distintas localidades geográficas. A Organização Mundial da Saúde declarou em 11 de março de 2020, a pandemia pelo novo Coronavírus (COVID-19).

para o entendimento mais amplo sobre a temática da formação inicial em Educação Física. Neste capítulo, serão abordadas perspectivas sobre a opção formativa, a dualidade do curso e as razões pela opção desta atuação profissional. Na sequência, apresentarei os passos metodológicos desta pesquisa. E, no capítulo que antecede as considerações finais, as reflexões e ponderações das falas dos sujeitos da pesquisa, através da análise das informações, no qual está dividido em três subcapítulos. Por fim, a apresentação do produto pensado a partir desta dissertação. Assim, este estudo pretende contribuir com algumas reflexões sobre a formação inicial, os dilemas impostos aos discentes de Educação Física e suas percepções sobre a Licenciatura.

## 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA E A FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

As ideias iniciais deste estudo, circulavam nas caracterizações das representações sociais. Logo, a averiguação por essa temática foi o que conduziu o estado do conhecimento do projeto desta pesquisa. Contudo, notei que ao longo da construção deste trabalho, o foco se alterou, modificando-se em entender o processo de percepção e da visão de mundo de acadêmicos de Educação Física sobre a Licenciatura. Desta forma, ao longo da análise das informações (Capítulo 3), operei com outras pesquisas observadas durante o percurso das aulas, leituras e discussões do mestrado que cooperaram diretamente com a construção do marco teórico.

Para compreender a produção científica acerca da temática da formação inicial em Educação Física, buscou-se na comunidade acadêmica os repositórios de maior representatividade na área sociocultural pedagógica da Educação Física. Foi realizado um levantamento entre artigos, monografias, dissertações e teses disponíveis nas principais plataformas virtuais, sendo utilizados os descritores “educação física”, “licenciatura” e “formação”. Na tentativa de delimitar os resultados, foram utilizados os operadores booleanos “OR” e “NOT” em todas as bases acessadas.

No primeiro momento, foi realizado acesso à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Utilizando os descritores supracitados, localizou-se 30 pesquisas. Analisando os títulos, as temáticas e os resumos, foram excluídos os estudos que referenciavam a área da Física; análise curricular da formação profissional; esportes e estágios curriculares. Desta forma, o número de pesquisas reduziu-se para 3, sendo 2 dissertações e 1 tese. No segundo momento, foram realizadas buscas nas Revistas Eletrônicas: Revista *Movimento* (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Revista Brasileira de Ciências do Esporte (Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte), Revista *Motrivivência* (Universidade Federal de Santa Catarina), Revista *Pensar a Prática* (Universidade Federal de Goiás), Revista da Educação Física *UEM* (Universidade Estadual de Maringá). O número de estudos inicialmente se apresentou através de 181 artigos.

Concluindo as buscas e refinando a pesquisa com a temática desta pesquisa, removendo as áreas que se afastam das propostas epistemológicas (como os esportes, o lazer, a infância e o treinamento), reduziu-se para 6 estudos. No total, o

levantamento bibliográfico contou com 9 estudos. As próximas laudas deste capítulo, trarão as principais contribuições para a construção das reflexões acerca da temática central desta pesquisa, utilizando-se a contextualização científica investigada pelo estado do conhecimento.

Aproximando uma investigação sobre as visões de mundo dos sujeitos pesquisados neste estudo, que são acadêmicos de Educação Física, trago o autor D'Ávila (2007), cuja interpretação de sua pesquisa de mestrado, acerca dos docentes em Educação Física e o que visam sobre a formação inicial desta área. Tal entendimento apresentou-se da seguinte forma: o Bacharelado e a Licenciatura formam profissionais de distintos campos de atuação; que os documentos oficiais de regulamentação do ensino superior possuem pouca influência para concretizar a imagem sobre a formação profissional, por se basearem prioritariamente em suas experiências; o conteúdo das disciplinas ministradas por estes docentes centralizam sua preocupação nos sujeitos (discentes) sem haver vínculo com o campo de trabalho; em suas produções científicas, há certa consideração intrínseca de aproximação entre o Bacharelado e a Licenciatura para endereçar o conhecimento produzido a todos da área da Educação Física.

Neste sentido, D'Ávila (2007, p.154) discorre sobre estes docentes estarem vinculados à experiência de formação plena em Educação Física e que isto reflete na sua interação docente-discente "que a convivência deles com uma formação única foi intensa, do esporte escolar à docência universitária, e que isto tem uma enorme influência nos seus comportamentos" e desta forma, haver uma tendência de aumentar os dilemas dos estudantes em formação inicial, em realizar suas escolhas formativas. Complementando tal ideia, D'Ávila (2007, p.155) afirma que

> apreende-se que a formação inicial obtida no curso de graduação não é suficiente para estabelecer os diferentes perfis: Bacharel e Licenciado, porque a diferenciação se dará através da formação continuada e se concretizará no campo de trabalho. O grande desafio é construir um percurso que realmente defina quem é um e o outro desde o início da formação.

Assim, D'Ávila (2007) entende que no momento de sua pesquisa, havia uma divisão muito tênue entre um egresso Bacharel e um egresso Licenciado, podendo gerar uma mesma formação profissional a partir de dois cursos e dois títulos distintos.

Ainda sobre acadêmicos em formação inicial, mais em específico da Licenciatura em Educação Física, a tese de doutorado de Honorato (2017) investigou

as visões de mundo em relação a ser professor e ser professor de Educação Física. Em consonância com o objeto desta pesquisa, destaco os achados referentes ao ser professor de Educação Física.

No que tange as percepções destes discentes, sobre o querer ser professor, os participantes da pesquisa relataram: influência através das vivências nas aulas de Educação Física na fase escolar e com as experiências esportivas na infância e juventude; possibilidades de estabilidade de trabalho de atuação no âmbito público, de valorização e de colaborar com inovações do ato pedagógico na Educação Física escolar.

Em sua pesquisa, Honorato (2017, p.116) traz o ponto central do conhecimento transferido do professor para o aluno, como algo constante nas narrativas dos acadêmicos pesquisados quando questionados sobre o papel do professor. A autora retifica estes pontos, quando afirma que é

> Importante ressaltarmos que o professor não transfere conhecimentos, a docência exige além de conhecimentos científicos, conhecimentos didáticos e metodológicos, a fim de o professor estabelecer estratégias e procedimentos para a efetivação do processo de ensino visando a aprendizagem de todos os alunos, numa perspectiva social e transformadora. Nesse sentido a docência não é exercida de forma solitária, se desenvolve por meio de interações com os alunos e outros professores.

Pela abordagem desta pesquisa prospectar a opção formativa, destaco o quinto capítulo da tese supracitada, no qual o quarto subcapítulo traz a seguinte questão: "Por que você escolheu o Curso de Educação Física Licenciatura?" (HONORATO, 2017, p.142). Dentre as respostas, a autora destacou o esporte como protagonista desta escolha; outro aspecto apontado, a educação como área de interesse; alguns acadêmicos destacam a motivação de ações pedagógicas distintas daquelas vivenciadas no seu percurso escolar; e por fim, em minoria, a oferta do curso de Licenciatura estar compatível com o mercado de trabalho, permitindo estudar à noite e assim permanecer vinculado a outra fonte de renda.

Outro ponto fortemente trazido nesta tese, é o esporte como referência da atuação docente da Educação Física escolar, no qual este conteúdo é narrado nas principais respostas apresentadas na pesquisa. Honorato (2017, p.163) discorre que para estes acadêmicos as práticas corporais estão diretamente relacionadas ao esporte e que eles

> consideram que a técnica do esporte deve ser aprimorada para que os alunos possam jogar melhor e que a saúde e qualidade de vida são obtidas pela prática de algum esporte. Os acadêmicos também consideram que escolheram fazer o Curso de Licenciatura em Educação Física, para não perderem o contato com esporte, pois praticam o mesmo desde a infância em escolinhas esportivas.

Em suas considerações finais, a autora sugere que a elaboração do currículo do curso de Licenciatura em Educação Física, deva contemplar sobretudo disciplinas pedagógicas. Além disso, sugere uma aproximação dos estudantes em formação inicial do ambiente escolar de maneira concreta e "não atribuir apenas à disciplina de Estágio Supervisionado a aproximação com a realidade da profissão; constituir um corpo docente consistente nas questões científicas, pedagógicas, técnicas e social" (HONORATO, 2017, p.167).

Já para as reflexões sobre a dualidade do curso de Educação Física, cito a dissertação da autora Ribeiro (2012), na qual entrevistou professores universitários da graduação em Educação Física no Tocantins. Como temática da pesquisa, a autora buscou analisar o discurso destes docentes sobre a relação entre a Licenciatura e o Bacharelado como formação profissional.

As análises foram realizadas a partir de unidades de significados, na qual há "[...] relatos dos sujeitos de uma pesquisa, os quais emitem opinião sobre determinado assunto, opinião carregada de sentidos, de significados e de valores" (RIBEIRO, 2012, p.54 apud MOREIRA, SIMÕES e PORTO, 2005, p.108). A seguir, as questões apresentadas aos participantes da pesquisa, e suas principais respostas.

A autora apresenta inicialmente a pergunta "O que é um curso de Bacharelado para você?". Os docentes responderam em maior parte que é um "Curso com formação para o mercado de trabalho" e um "Curso com um foco maior na área da Performance" (RIBEIRO, 2012, p.55). Na segunda questão, "O que é um curso de Licenciatura para você?". Para tal pergunta, os docentes apresentaram que é "Um curso de formação para trabalhar na área escolar" e um "Curso que prepara o acadêmico para a prática pedagógica de ser professor, para o âmbito da didática" (RIBEIRO, 2012, p.61). Analisando estas duas primeiras questões, a autora enfatiza a necessidade de relembrarmos que

> "o processo de ensino-aprendizagem não acontece somente no âmbito escolar. Ressaltamos que o professor (licenciado ou bacharel), deve atuar preservando a ideia de fazer parte de um processo de

> formação humana, independente do ambiente onde esteja atuando." (RIBEIRO, 2012, p.64)

Sobre a proposta dos currículos dos cursos de Bacharelado e de Licenciatura, Ribeiro (ibid.) questionou se deveria haver elementos diferenciados ao elencar as disciplinas. Os docentes responderam que sim, se deveria diferenciar pois “Na Licenciatura o foco é mais voltado para os espaços da escola e no Bacharelado para outros mercados que não seja a escola” (RIBEIRO, 2012, p.65).

Em relação aos conteúdos prioritários dos cursos, Ribeiro (ibid.) indaga aos professores universitários, se eles enfatizam algum elemento. Àqueles que ministram temáticas no Bacharelado, responderem que priorizam “Conteúdos voltados para os espaços não escolares; O corpo na anatomia, performance e aptidão; O esporte no treinamento” (RIBEIRO, 2012, p.68). Quando as disciplinas estão em especificidade da Licenciatura, os professores enfatizam “A didática; Conteúdos da cultura corporal na escola; O esporte como garantia de todos” (ibid., p.68). Já no tocante das disciplinas em comum a ambos os cursos, os docentes optam pela “Intencionalidade pedagógica; os exemplos; o conhecimento da área de estudo; competência profissional; o ato educativo presente na figura do professor” (ibid., p.68).

Em suas reflexões finais de sua pesquisa, Ribeiro (ibid.) percebeu certa ausência de compreensão dos objetivos, das competências e das habilidades indicadas para cada ênfase de formação em Educação Física. Ela ainda ressalta que tal dualidade, permanece gerando dúvidas para maior parte dos docentes entrevistados.

Ainda sobre essa abordagem da divisão entre Licenciatura e Bacharelado, as autoras Ramalho e Cardoso (2021), utilizaram a perspectiva do mercado de trabalho e realizaram uma pesquisa bibliográfica analisando as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Física. Elas abordam as Resoluções 03/1987 e 07/2004, as quais o Bacharelado é trazido no texto, sendo que na Resolução da década de 80, o termo é trazido pela primeira vez. Já na Resolução de 2004, a divisão entre Licenciatura e Bacharelado é trazida de forma concreta. As autoras discorrem sobre as influências capitalistas e neoliberais para tal cenário e que

> "Cabe ressaltar que uma das fundamentações para pleitear a necessidade da regulamentação da profissão foi justamente a atuação em áreas distintas aos ambientes ditos escolares. As academias de ginásticas e de musculação, por exemplo, estavam cada vez mais ganhando espaço e amplitude na prática social e se tornando um

> negócio frutífero dentro da contextualização capitalista. Poderia, então, se tornar mais um setor com intensa presença de profissionais da área de Educação Física e com grande potencial mercadológico." (RAMALHO; CARDOSO, 2021, p.8)

Tais autoras ratificam que esta dualidade na formação profissional traz um cenário explícito de desvalorização, pois elas acreditam que

> "[...] a divisão em dois campos de atuação da Educação Física (Licenciatura e Bacharelado) condiz com o propósito capitalista que almeja ampliar o seu mercado (possuindo duas áreas distintas e demarcadas para a atuação profissional), dispondo de mais possibilidades de produtos/mercadorias/serviços que podem ser explorados, como também aumenta o número de trabalhadores(as) para a área, promovendo assim uma desvalorização do proletariado e um maior acúmulo de capital para a classe dominante." (RAMALHO; CARDOSO, 2021, p.12)

Ramalho e Cardoso (ibid.) concluem eu seu artigo, que a formação inicial em Educação Física deveria estar desviada do controle direto do mercado de trabalho ou de quaisquer influências sistêmicas de regularização da profissão no setor mercadológico. Acrescentam ainda que, a Educação Física deveria direcionar seus conteúdos iniciais buscando dialogar com a realidade social que a respalda não limitando o processo de ensino aprendizagem.

Ainda sob à luz da opção profissional, os autores Folle e Nascimento (2009), realizaram um estudo com professores da rede estadual de ensino de Santa Catarina que possuíam mais de 25 anos de experiência letiva. Como objetivo central desta pesquisa, os autores analisaram a adesão à docência em Educação Física, principalmente as razões pela opção desta atuação profissional. Além disso, investigaram se houve em algum momento da vida destes professores, o desejo de não mais atuar na docência e/ou os motivos de seguir nela.

Quanto a motivação em ingressar na graduação em Educação Física, três dos quatro professores relataram sobre "gostar de esporte" (FOLLE; NASCIMENTO, 2009, p.356). Além disso, foi descrito por alguns dos professores participantes desta pesquisa, que a relação com seus professores durante os seus percursos da educação básica, os motivou. Como o campo de atuação da Educação Física se mostra bastante diverso, Folle e Nascimento (2009, p.357) acreditam que muitos discentes podem iniciar sua graduação com a intenção de atuar em outro ramo que não o escolar, "e como consequência da oferta de trabalho, acabam por inserir-se no espaço escolar".

Sobre manter a escolha profissional após duas décadas de atuação docente, três dos quatro professores entrevistados relataram que atualmente não escolheriam a Educação Física escolar como campo de atuação. Como razões para tal, as

> "constantes frustrações vivenciadas no ambiente de trabalho, a violência nas escolas e as péssimas condições de trabalho, entre estas os baixos salários e a falta de estrutura física e de materiais adequados para o desenvolvimento do trabalho pedagógico. Além disso, destacaram-se questões ligadas às políticas educacionais, nomeadamente o desinteresse e o descaso do Governo para com a Educação, bem como a falta de apoio da Secretaria de Educação aos professores. (FOLLE; NASCIMENTO, 2009, p.357/358)

Para a permanência na carreira de professor de Educação Física Escolar, "os docentes demonstraram estar fortemente ligados à carreira consolidada que alcançaram no magistério estadual" (FOLLE; NASCIMENTO, 2009, p.360). Além disso, estes professores também descreveram a ansiedade pela aposentadoria, já que eles estão a poucos anos de gozar deste benefício.

Sobre os contextos da formação inicial e do processo de se tornar professor de Educação Física, trago o estudo das autoras Pereira e Figueiredo (2018, p.67), que através das narrativas de dez professores em formação, perceberam que

> "[...] no início da graduação, alguns deles tiveram decepções ou surpresas negativas. Dentre os motivos, destacam-se a tomada de consciência sobre os objetivos de formação do curso: formar professores para a educação básica, além da adaptação à vida universitária e da densidade das disciplinas consideradas teóricas. Há ainda aqui, uma concepção prévia sobre ser professor de Educação Física, provavelmente trazidas pela experiência escolar enquanto aluno da educação básica, em que a ênfase das aulas de Educação Física é a prática esportiva."

Ratificando estas expectativas da abordagem do curso em Educação Física, Pereira e Figueiredo (2018, p.71) sugerem que o "professor em formação deve ser visto, dentro da ideia de estabelecer uma diferente relação com o saber, como produtor de conhecimentos, que vai além de, unicamente, pensar sobre suas ações práticas". Além disso, as autoras refletem sobre as relações afetivas que podem se estabelecer neste processo de formação inicial e que, em certa medida, tal formação não é totalmente dependente do percurso acadêmico

> "Enquanto para uns é o momento de se apaixonar pela profissão e (re)construir suas concepções acerca do tornar-se professor, para outros, é o vento para mudança de norte, que possibilita o

> entendimento e a compreensão da profissão docente, a ponto de perceber que o seu percurso formativo passa por outras realizações, fortalecendo, assim, a singularidade no processo de desenvolvimento de cada pessoa." (PEREIRA; FIGUEIREDO, 2018, p.73)

Como reflexões finais de seu artigo, Pereira e Figueiredo (ibid.) abordam que no processo formativo e experiencial da graduação, os futuros professores de Educação Física, articulam seus planos profissionais e pessoais, este último vinculado ao trajeto da educação básica. Desta forma, estes sujeitos "[...] têm sobre si, sobre suas memórias formativas e na superação e acolhimento dessa formação que viveram no percurso escolar." (PEREIRA; FIGUEIREDO, 2018, p.74)

Acerca da perspectiva do trajeto acadêmico quanto ao conhecimento assimilado na graduação, Santos *et al.* (2019) investigaram professores egressos do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Piauí, durante um período de dez anos, entre 2004 e 2014. Tal estudo, estabeleceu como indagações norteadoras as percepções sobre os conhecimentos adquiridos na graduação e os reflexos gerados a partir destes conhecimentos na prática profissional.

Nesta universidade, a graduação em Licenciatura, possui em seu projeto de formação, três campos do conhecimento: saúde, educação e habilidades específicas da área (prioritariamente o esporte). Foram estes campos utilizados para analisar e entender o processo de afirmação subjetiva do conhecimento destes egressos. (SANTOS *et al.*, 2019, p.5). Para o campo de atenção à saúde, os participantes apontaram que esta unidade na sua graduação foi pouco explorada e que não havia associação com a atuação prática. Dentre as entrevistas transcritas por Santos *et al.* (2019) destaca-se a opinião dos egressos com a ausência de interdisciplinaridade e de se estabelecer relações entre as disciplinas deste campo com o âmbito escolar.

Para o campo da educação, os sujeitos citaram também como área pouco explorada e de teoria em demasia. Dentre os três trechos transcritos no artigo sobre este campo do conhecimento, dois sujeitos apontaram que a prática pedagógica e a reflexão sobre o papel docente da Educação Física escolar eram insuficientes. Como crítica deste cenário, os autores sugerem que

> "Os professores de Educação Física necessitam de uma formação inicial que proporcione dinamicidade no cotidiano escolar, possibilitando aos discentes o seu conhecimento de forma objetiva e prazerosa, acompanhando as modificações dos paradigmas na área de formação. Portanto, considera-se que a universidade atue como um agente de fomento dessas necessidades, buscando dar um novo olhar

> sobre o processo de ensino-aprendizagem na área da Educação Física" (SANTOS *et al.*, 2019, p.10)

Por fim, o campo de conhecimentos e habilidades específicas da Educação Física, os professores entrevistados destacam que há "valorização do saber-fazer de forma prática", além de abordagem nas "modalidades esportivas" e "ausência de propostas pedagógicas" (SANTOS *et al.*, 2019, p.10). Os autores concluem que há certa fragilidade relacionada aos conhecimentos adquiridos por estes professores, porém eles relatam a importância de sinalizar que, mesmo que os sujeitos participantes deste estudo tiveram diferentes períodos de sua conclusão de curso, houve ligação nos argumentos utilizados, ratificando a importância de seguidamente reavaliar as propostas pedagógicas da Licenciatura em Educação Física.

Sobre a perspectiva de egressos que demonstram interesse em obter o título de licenciado pleno[7] após sua formação inicial, ou seja, estes discentes procuram em alguma IES, o ingresso diplomado[8], tanto para aqueles que se formam com a habilitação do Bacharelado quanto da Licenciatura, os autores Iora, Souza e Prietto (2017) trazem em seu estudo, relatos de profissionais formados em Educação Física. Nesta pesquisa, há certos questionamentos sobre a qualificação da formação inicial com esta fragmentação no campo de atuação da Educação Física.

Os autores alegam que o intuito inicial da comunidade acadêmica com a divisão em Licenciatura e Bacharelado, era de proporcionar aos discentes a imersão ao conteúdo da temática educacional, no qual as “mudanças fortalecem os conhecimentos da área da Licenciatura, pois os professores formados nos cursos unificados, durante a formação inicial, pouco adquiriam experiência na área da Educação Básica” (IORA; SOUZA; PRIETTO, 2017, p. 462).

Contudo, a perspectivas destes egressos entrevistados, é que tal fragmentação desqualificou sua formação acadêmica, direcionando de maneira uniforme os conteúdos da Educação Física, que está direcionada à pluralidade de atuação.

Em razão disso, a procura pelo reingresso e conclusão da Licenciatura plena, parece estar ligada à condição do mercado de trabalho contemporâneo, no qual estes egressos acreditam ter ampliação de atuação profissional, principalmente no

---

[7] Termo utilizado para habilitação tanto da área escolar quanto da não escolar da Educação Física.

[8] Quando o indivíduo já possui formação no ensino superior e não há necessidade de um processo seletivo.

que cerne o ambiente do exercício público escolar. Por fim, os autores consideraram que a maioria dos sujeitos entrevistados

> é favorável a uma formação unificada, mais abrangente, pois percebe que a sua segunda formação na graduação, apesar de estabelecer uma ampliação no ganho de conhecimento, poderia ser trabalhada em um curso único, uma vez que o objeto de estudo é o mesmo. Nesse sentido, os acadêmicos compartilham a opinião de que deveria haver uma rediscussão do currículo e do perfil de profissional a ser formado. (IORA; SOUZA; PRIETTO, 2017, p. 471)

Conforme observado, os estudos citados até aqui apresentaram uma ampla abordagem epistemológica com distintas possibilidades metodológicas de abordar a formação em Educação Física como objeto de pesquisa. Dentre as dezenas de estudos removidos nesta contextualização teórica e bibliográfica, encontramos relação com as Ciências Biológicas e da Saúde, o que já se prevê, pois o número de pesquisadores desta temática é bastante superior às Ciências Sociais e Humanas (RIGO; RIBEIRO; HALLAL, 2011, p.343).

Os oito estudos trazidos até aqui, observaram a formação em Educação Física sobre o olhar da opção formativa em ser professor de Educação Física, dos dilemas impostos pela dualidade de formação entre Licenciatura e Bacharelado e da própria atuação profissional destes sujeitos. Percepções *a priori* foram confirmadas, como as durante a formação inicial é dificultoso definir as características dos discentes em Educação Física, tanto para a Licenciatura quanto para o Bacharelado, pois sua trajetória no curso de graduação deve ser somada às suas experiências adquiridas neste período, sendo fundamental para definição das características destes sujeitos.

Além disso, a influência das vivências esportivas e das práticas corporais na época escolar de discentes de Educação Física, apresentou-se como forte indicador para a escolha de atuação profissional, assim como a relação positiva com seus professores de Educação Física desta mesma época.

Outrossim, pode-se perceber a associação da Licenciatura com o âmbito restritamente escolar e do Bacharelado ao campo do esporte, treinamento e saúde. Sendo possível compreender que há certa limitação do entendimento de alguns discentes de que, mesmo em formação com ênfase no Bacharelado, a relação pedagógica entre este profissional e seus alunos/atletas, poderá existir.

Os conteúdos neste capítulo, são contribuintes às reflexões que ao longo desta pesquisa serão abordadas, porém é intrigante a ausência de estudos que possam

abordar a relação das visões de mundo[9] de discentes de Educação Física sobre a Licenciatura, independentemente do trajeto acadêmico escolhido. Tal reflexão direciona ao questionamento dos dilemas encontrados por estes sujeitos ao ingressarem no ambiente acadêmico, como suas escolhas e relações estabelecidas neste caminho que os direcionam para a atuação profissional escolhida.

Percebe-se uma forte tentativa de autores da comunidade acadêmica e científica da Educação Física em construir pontes com as visões de mundo de seus discentes e docentes, (D'ÁVILA, 2007; HONORATO, 2017; TRIANI, MAGALHÃES JÚNIOR E NOVIKOFF, 2017), como forma de buscar interpretar certos grupos. Nesta pesquisa, algumas referências epistemológicas nortearam tal tentativa.

Neste contexto, surgem algumas inquietações: quais as características que se apresentam aos acadêmicos que estudam Educação Física? Como os vínculos sociais na formação enquanto sujeito na infância/juventude, se relacionam com sua pré-disposição à docência? Colaborando com isso, a pesquisa de Triani, Magalhães Júnior e Novikoff (2017), aponta que a maior dificuldade relatada pelos estudantes durante seu percurso acadêmico, está relacionada ao aspecto didático-pedagógico, no qual mais da metade acaba por recorrer aos próprios docentes do curso para sanar suas inseguranças. Isto demonstra como a relação discente-docente se faz importante nesta jornada acadêmica, principalmente pelo fato das relações humanas estabelecidas neste período.

Além disso, no mesmo estudo, consta como condição determinante, pelas perspectivas destes acadêmicos, que a formação do professor e sua prática docente adequada, está diretamente ligada ao conhecimento adquirido neste processo do ambiente acadêmico. Ratificando este aspecto, 12 dos 16 sujeitos participantes deste estudo, no âmbito das experiências extremamente positivas desta jornada, relatam a aquisição de conhecimento. Avaliar esta aquisição, no cenário da educação é complexo, conforme discorre Tardif e Lessard (2005, p. 205) com o exemplo de que

> em alguns ofícios ou profissões de relações humanas, sempre é possível emitir um julgamento relativamente claro sobre o objeto do trabalho e seu resultado: o advogado ganhou ou perdeu uma causa

[9] O sociólogo Karl Mannheim, diz que as visões de mundo são uma sucessão de experiências associadas a uma mesma conformação, que por sua vez, se constitui como base comum das vivências que transcorrem a vida de múltiplos sujeitos. (Ideologia e utopia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980).

> […] no caso da docência, é difícil ou até impossível precisar claramente se o objetivo do trabalho foi realizado.

Creio que os estudos citados até aqui, contribuíram para pensar acerca dos questionamentos norteadores desta pesquisa, orientando seu caminho teórico e apresentando um panorama do que já foi estudado sobre a formação em Educação Física pela comunidade acadêmica, logo, contribuindo para reflexões e novas problemáticas que surgiram nesta pesquisa.

Então, a seguir darei continuidade às aproximações teóricas que contribuíram com as reflexões que tiveram como foco central desta pesquisa, responder à pergunta: como acadêmicos de Educação Física, de instituições privadas de ensino em Porto Alegre, percebem a Licenciatura enquanto opção formativa? Para contribuir com o marco teórico desta pesquisa, abordarei a seguir de maneira sucinta, o contexto histórico e legal da formação em Educação Física.

O caminho forjado por estudantes do ensino superior está recheado de complexidades que não são respondidas somente pela experiência acadêmica, e que em certa medida, demonstram-se através da diversidade dos aspectos sociais e de interação entre eles.

Em nossa trajetória os âmbitos, pessoal e profissional, se estabelecem de maneira conflitante ao longo desta jornada chamada vida. O que o sujeito se torna, mediado por estes conflitos, pode implicar em algumas decisões, e até mesmo, novos rumos e projetos. Neste sentido, trago reflexões que contextualizam esta dissertação, na qual serão abordados, os aspectos sobre a Licenciatura como opção formativa, a docência, a regulamentação de tal formação e por fim, os atores que tencionam as modificações na habilitação, Licenciatura e Bacharelado.

Por muito tempo a principal narrativa dos espaços que frequentei durante minha graduação em Educação Física era de que a formação em Bacharelado oportunizava maiores chances de trabalho e que a Licenciatura era bastante restritiva. Relembrando esse pensamento, e com as inquietações que o embasamento teórico provocou, busquei tais informações de maneira tangível. Segundo o Censo Escolar de 2020, a cidade de POA conta com mais de 900 espaços privados de educação escolar. Já o segmento das academias, clubes e espaços de atividades físicas, somam um pouco mais de 610 empresas privadas[10] desta área de atuação. Portanto,

[10] Empresas registradas formalmente via Conselho Regional de Educação Física – CREF/RS.

esta pesquisa também contribuirá com o entendimento sobre a insistente explanação que somos expostos, de que a área de atuação escolar é mais restritiva e de menor possibilidades.

Em contraponto, é comum observar que socialmente há a narrativa de que ‘profissão das profissões’ é a docência e que por este motivo, seria denominada relevante, porém tal formação profissional passa por diversos momentos históricos de conflitos sociais e de atual conjuntura bastante fragilizada pelos acontecimentos políticos em nosso país[11]. Além disso, Lopes e Wittizorecki (2016) alertam para um discurso que remete à compreensão do trabalho docente, comparando-o com outras funções profissionais com reconhecimento social (eles exemplificam a engenharia e a medicina)

> Há que se registrar que a natureza do trabalho dessas profissões é de outra ordem, então não podemos comparar o trabalho docente com profissões que possuem uma construção social, uma finalidade, uma formação de seus profissionais e uma compreensão de trabalho constituída a partir de parâmetros e normas diferentes. (LOPES; WITTIZORECKI, 2016, p.299)

Ainda na perspectiva da formação docente, como atuação profissional, Tardif e Lessard (2005, p.31) acreditam que “[...] ensinar é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos, para seres humanos”. Além disso, tais autores acreditam que

> Ensinar, portanto, é colocar sua própria pessoa em jogo como parte integrante nas interações com os estudantes. É isto, sobretudo, que explica que a docência, como várias profissões que envolvem relações humanas, comporte necessariamente uma parte de sofrimento e outro de alegria” (TARDIF; LESSARD, 2005, p.285)

Logo, percebemos que momentos de euforia e de certa frustação, não são exclusividades da docência. Mas que, o trabalho docente é um objeto do qual “[...] não é construído de matéria inerte ou de símbolos, mas de relações humanas com pessoas capazes de iniciativa e dotadas de uma certa capacidade de resistir [...]” (TARDIF; LESSARD, 2005, p.35). Corroborando com este trecho, Lopes e Wittizorecki (2016, p.303) concluem seu estudo afirmando que “[...] As práticas pedagógicas dos

---

[11] O Ministro da Educação, Milton Ribeiro, declara que a "universidade deveria, na verdade, ser para poucos, nesse sentido de ser útil à sociedade", pois ele afirma que se há muitos profissionais graduados o mercado se satura e isso geraria o desemprego, indo em total contramão de um país igualitário e desenvolvido.

docentes não estão desconectadas de suas subjetividades, independentemente da posição funcional em que estejam atuando, no contexto em que estejam inseridos".

Acerca da subjetividade do ato docente, Tardif e Lessard (ibid.) acreditam que há colaboração mútua entre os professores, porém tal parceria limita-se ao espaço físico da escola, sendo que as experiências individuais também são importantes. Ainda sobre o ambiente escolar e o trabalho docente, os autores supracitados creem que

> Ensinar é trabalhar num ambiente organizacional fortemente controlado, saturado de normas e regras e, ao mesmo tempo, agir em função de uma autonomia importante necessária para a realização dos objetivos da própria escola. (TARDIF; LESSARD, 2005, p.100)

Bem como as oscilações do trabalho docente, pois ele "[...] comporta diversas ambiguidades, diversos elementos 'informais', indeterminados, incertezas, imprevistos" (TARDIF; LESSARD, 2005, p.43). Desta forma, Tardif e Lessard (2005, p.285) enfatizam que a docência é "qualificante", dado que "ensinar se aprende, em boa dose, ensinando".

Então, identifica-se que a formação docente em Educação Física está diretamente relacionada ao ato de interação humana, com as perspectivas das práticas corporais e que, em certa medida, ultrapassam os limites da escola, sendo uma reflexão desejada nesta pesquisa.

A Educação Física, na rede pública de ensino, tem sua formatação legal na implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996. Com os conteúdos que é Educação Física escolar já proporcionou para educação básica, é necessário refletir sobre sua intenção como possibilidade de prática corporal. Como sou oriunda de um ensino público que não utilizava as aulas de Educação Física de forma a promover a história do movimento humano, idealizei a prática corporal, por muitos anos, como agente de fomento à saúde e de preparo de um sujeito ativo para a sociedade. Contudo, através das compreensões teóricas proporcionadas pelos encontros e discussões das aulas do mestrado, sinto o impacto de algumas desconstruções subjetivas, na qual a tese de doutorado do professor Alex Branco Fraga, contribuiu com uma nova, e ainda nascente, perspectiva.

Para ratificar este sentimento de desconstrução de que não há finitude na qual a Educação Física escolar possa atingir, colaborando solitariamente com a saúde da população brasileira, trago sua reflexão que consta em seu primeiro capítulo

> [...] O que dá sustentação a essa potência físico-sanitária é o devir do corpo saudável, a possibilidade de alcançar um estado de plenitude logo ali adiante, mas que nunca chega. É o retorno de uma promessa que nunca se cumpre, pois oscila entre algo já passado e algo a ser alcançado. É a promessa em potência que o discurso contemporâneo do estilo de vida ativo herda em segredo. Suspeitar desse segredo é de certa forma suspeitar de nós mesmos, daquilo que vem nos constituindo, de um modo ou de outro, como sujeitos desse discurso. (FRAGA, 2005, p. 22)

Assim sendo, é possível encontrarmos no cotidiano a narrativa utópica[12] de que a Educação Física no âmbito escolar tem a centralidade na cultura corporal do movimento e assim viabiliza sanar questões da falta de atividade física diária e do sedentarismo brasileiro, a partir dos itens abordados nas aulas de Educação Física.

Com base nestes prismas, surgiram dúvidas de como esta vivência escolar contribuiu para o ingresso destes acadêmicos no ensino superior na Educação Física, escolhendo a Licenciatura ou se ausentando desta área e assim optando pelo Bacharelado. Suas experiências da vida escolar trouxeram quais contribuições para tal escolha? Ações negativas nas suas práticas corporais os incentivaram a traçar caminhos diferentes como futuros profissionais (da educação ou de outra área de atuação)? Tais inquietações, buscaram ser sanadas na construção da análise das informações produzidas por esta pesquisa.

É bastante comum pensarmos na forma de regulamentação da profissão em Educação Física através da Lei 9.696/98, no qual reconhece tais profissionais a partir de uma representação de seus Conselhos, federais e regionais. Contudo, o histórico desde ocorrido, possui algumas décadas anteriores que devem ser notadas, refletidas e evidenciadas. Ao encontro disso, o trabalho de Souza Neto *et. al.* (2004) refere de maneira cronológica, os ocorridos desde o início da década de 30 até o momento anterior à regulamentação da Educação Física. Para elucidar tais momentos, abordarei a seguir tais datas e eventos significativos no contexto histórico da formação profissional em Educação Física.

Souza Neto *et al.* (2004) apresentaram em seu estudo, que entre o século XIX e o século XX, percebeu-se as primeiras manifestações sistematizadas com atuações profissionais da Educação Física, iniciadas no âmbito militar. Somente na terceira

---

[12] Utopia pessoal que me acompanhou durante o período que antecedeu meu ingresso neste programa de pós-graduação e que somente após uma calorosa conversa com os colegas do GEPRACO, minhas perspectivas se desataram e desta forma fui indiretamente estimulada a buscar leituras, que ainda são embrionárias, na discussão do campo da Educação Física e o (dito) fomento à prática corporal.

década do século XX, no Estado de São Paulo, que há criação do "primeiro programa civil de um curso de Educação Física que se têm notícia" (SOUZA NETO *et al*., 2004, p.115). Aproximadamente uma década após este período, criou-se o periódico *Educação Física: Revista de Esporte e Saúde* (1932 a 1945), que circulou além do território nacional e assim, "sua influência sobre os profissionais foi tamanha que, de certa forma, a Educação Física e a revista Educação Física tornaram-se uma coisa só" (SOUZA NETO *et al*., 2004, p.116).

No final dos anos 30, a Constituição de 1937 traz a obrigatoriedade da Educação Física nas escolas, assim surgindo uma exigência mínima curricular. E dois anos após, criou-se a Escola Nacional da Educação Física e Desportos (ibid.). Até meados dos anos 50, por não exigir a conclusão da educação básica, o ingresso ao curso era visto como formação técnica e não superior como atualmente se faz. O vínculo da Educação Física no âmbito pedagógico ocorre somente na década seguinte, com a LDB de 1961, no qual a formação profissional exigia uma carga horária, ainda pequena, de formação pedagógica e assim, estabelecendo a formação dos primeiros professores de Educação Física, pois até então as "matérias do ensino de 1º e 2º graus era exigido o curso de didática (1939) e para a formação do licenciado na Educação Física não se exigia esse curso" (SOUZA NETO *et al*., 2004, p.119). Já no final da década de 60, propõe-se um novo currículo, em nível de graduação e pós-graduação, com a Reforma Universitária de 1968.

Percebe-se, que por muitas décadas, a Educação Física, vinculou-se ao processo de formação dicotômica em professores de Educação Física ou Instrutores de Ginástica e que, de acordo com Souza Neto *et. al.* (2004, p.120) no final da década de 60, alguns argumentos colaboraram para se ponderar os cursos de Licenciatura, sendo eles

> a) a necessidade urgente e a importância de os cursos se libertarem das ‘amarras’ impostas pelo currículo mínimo; b) as novas demandas do mercado de trabalho que, já há muito, extrapolavam os limites da escola e, por isso mesmo, reclamava um outro tipo de profissional apto para atender, de forma competente, as necessidades sociais, e c) a importância e necessidade de se pensar a Educação Física como um campo de conhecimento específico.

Tal cenário, se concretiza com a Resolução do Conselho Federal da Educação em 1987, na qual se estabelece as áreas da Licenciatura e do Bacharelado.

> O professor generalista é compreendido como o profissional formado sob uma perspectiva humanística, com Licenciatura plena em Educação Física, podendo atuar tanto em sistemas educacionais formais quanto em não-formais. Já o professor especialista é entendido como o habilitado, o bacharel, aquele que escolheu um ramo particular da Educação Física (desporto, dança, recreação etc.) para se especializar, dentro de um conceito de formação pragmático e técnico. (SOUZA *et al.*, 2004, p. 121)

Além disso, estes autores acrescentam em suas considerações finais, que há polêmica no "[…] processo de neoliberalização da economia que passou a exigir um perfil profissional da pessoa autônoma, do profissional liberal em quase todas as profissões tornando ainda mais complexo esse processo de mudanças." (SOUZA *et al.*, 2004, p. 125). O que veremos a seguir, são alguns fatores que tencionam a divisão Licenciatura-Bacharelado, abordando suas características, incluindo a situação atual dos novos ingressantes nos cursos superiores, no qual irão optar em sua habilitação, a partir das experiências de estágios obrigatórios curriculares.

No início da primeira década do século XXI, uma resolução[13] autorizou a divisão de habilitação nos cursos superiores de Educação Física. A partir deste período, houve clareza nos distintos espaços de atuação profissional sendo então, o "campo escolar e não escolar" (REZER, 2013, p. 115). Este mesmo autor, discorre que "[…] obstante a isso, ainda parece haver dificuldade em demarcar, se é que isso é possível, o que realmente diferencia uma intervenção da outra." (ibid. p.115). Tal cenário passou por inúmeras discussões e reflexões da comunidade científica (BOTH, 2011; MORSCHBACHER, 2012; NOZAKI, 2004; TAFFAREL; SANTOS JUNIOR, 2010) para contribuir inclusive com tensionamentos sobre as vantagens ou desvantagens desta ruptura nas ofertas das IES.

Além disso, a visão do egresso em Educação Física, Bacharelado ou Licenciatura, também possui reflexões que contribuem de maneira relevante ao entendimento da dificuldade de categorizar o que se aproxima de suas escolhas como sujeito, a partir de suas aproximações afetivas e significativas na atuação profissional.

O intuito inicial da comunidade acadêmica com tal divisão, era de proporcionar aos discentes a imersão ao conteúdo da temática educacional, no qual as "mudanças fortalecem os conhecimentos da área da Licenciatura, pois os professores formados nos cursos unificados, durante a formação inicial, pouco

[13] Resolução 7, março/2004, do Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Superior, no qual institui Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física.

adquiriam experiência na área da Educação Básica". (IORA; SOUZA; PRIETTO, 2017, p. 462). Contudo, a perspectivas dos egressos entrevistados nesta pesquisa supracitada, é que tal fragmentação desqualificou sua formação acadêmica, direcionando de maneira uniforme os conteúdos da Educação Física, que está direcionada à pluralidade de atuação. Em razão disso, a procura pelo reingresso e conclusão da Licenciatura plena, parece estar ligada à condição do mercado de trabalho contemporâneo no qual se acredita ter ampliação de atuação profissional, por estes egressos, principalmente no que cerne o ambiente do exercício público escolar.

Dentro deste contexto e de maneira presente, a Resolução nº 6, de 18 de dezembro de 2018[14], a partir de sua publicação, instaura que o ingresso de discentes às IES de Educação Física, deve ocorrer de forma única em currículo comum, no qual em determinado período de carga horária cumprida do curso, poderá ser realizada a opção de conclusão em uma determinada habilitação profissional, sendo Licenciatura ou Bacharelado. As IES tiveram o prazo de dois anos para adaptar suas matrizes curriculares, ou seja, a partir de 2021, todo discente iniciará sua formação acadêmica de forma integrada, optando somente a partir do quarto semestre, qual será sua área de escolha e aperfeiçoamento na Educação Física. Dentre os capítulos presentes nesta resolução, destaco

> CAPÍTULO III
>
> DA FORMAÇÃO ESPECÍFICA EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
>
> Art. 9º A etapa específica para a formação em Licenciatura, em Educação Física, deverá considerar os seguintes aspectos:
>
> VII - Ampliação do conceito de docência como ação educativa e como processo pedagógico intencional e metódico, envolvendo conhecimentos específicos, interdisciplinares e pedagógicos, conceitos, princípios e objetivos da formação que se desenvolvem na construção e apropriação dos valores éticos, linguísticos, estéticos e políticos do conhecimento inerentes à sólida formação científica e cultural do ensinar/aprender, à socialização e construção de conhecimentos e sua inovação, em diálogo constante entre diferentes visões de mundo. (BRASIL, 2018, p. 3)

[14] Homologado pelo Ministério da Educação e publicado em Diário Oficial da União, tendo em vista o disposto da Lei nº 4.024/61 e na Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015; na Resolução CNE/CES nº 4, de 6 de abril de 2009; e com base no Parecer CNE/CES nº 584, de 3 de outubro de 2018.

É importante refletir que tais modificações, parecem implicar em situações ainda não vividas em nossa história como curso acadêmico, nas quais a escolha se fará a partir da metade da vivência dos componentes da matriz curricular. Em certa medida, talvez a ideia inicial do discente ingressante, não permaneça a mesma, após imergir nos conteúdos ofertados a ele.

Do mesmo modo, as experiências pelas quais passamos em idade escolar, podem contribuir com algumas opções que fazemos na vida adulta[15]. Será que as aulas de Educação Física na escola, contribuem com minha opção de estudar no ensino superior, a Educação Física? A autora Figueiredo (2004, p. 90) traz justamente um contraponto desta experiência escolar, como uma maneira de afastar o acadêmico em formação inicial da escolha vinculada à Licenciatura

> ingressar num curso de Educação Física vem, cada vez mais, significando para o aluno a busca de uma formação que o capacitará a trabalhar na área da saúde. Ainda hoje, o próprio ensino de Educação Física tem contribuído para desenvolver essa visão, abrigando alguns grupos que buscam identificá-la com a área de Ciências Biológicas, fundamentando, assim, seus estudos em conhecimentos dessa área e rejeitando estudos que utilizam a produção das Ciências Humanas para pesquisar questões que emergem, de forma crescente, no campo da Educação Física.

Já foi citado neste capítulo que a docência está relacionada com o ato de interação entre o professor e o estudante. Tardif e Lessard (2005) asseguram que o próprio docente se coloca em jogo como um indivíduo integrante destas interações; bem como que, as relações humanas devem ser capazes de atos dotados de resistência e de iniciativa para este ofício. Contudo, estes autores apontam que a experiência que a docência traz é “multidimensional” e que ela “não se reduz, portanto, algumas simples sobreposições lineares de receitas e conhecimentos práticos adquiridos com o tempo” (TARDIF; LESSARD, 2005, p.289).

Com isso, é possível questionar, qual o papel do professor, a partir desta influência mútua, na sociedade? Como este docente pode almejar sua caminhada profissional durante a jornada acadêmica? E ainda, quais as expectativas a longo

---

[15] Trago a reflexão diferente do processo geracional do adulto e sim o fim do ciclo comum escolar, ou seja, posso me sentir adulto por que já concluí o ensino médio? Ou apenas quando possuo as responsabilidades legais e sociais de sobrevivência?

prazo que influenciam suas escolhas para atuação na educação (básica ou superior)?

Por fim, acredito que tais reflexões iniciais, contribuem para pensar no âmbito do objeto central desta pesquisa, os acadêmicos de Educação Física. Além disso, estas referências orientaram o caminho desta dissertação ao apresentar um panorama do que já foi pesquisado acerca da opção formativa inicial em Educação Física, no meio acadêmico.

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

Minha opção formativa em Educação Física, surgiu a partir das experiências escolares, e que por um longo tempo, minha família contestou, por acreditar na falta de 'reconhecimento' desta área de atuação. Justamente, por meus pais, não terem trilhado os estudos no ensino superior e, portanto, serem profissionais sem uma habilitação formalizada na época em que eu buscava compreender como se estabelecia a formação acadêmica e/ou profissional, entendi que minha relação se dava pela proximidade com as práticas corporais.

Hoje, em um período de educação híbrida, a pandemia em razão da COVID-19, deixa seu legado, e em virtude disso, atuo ativamente com o formato virtual com meus estudantes, não em minha totalidade de carga horária docente, mas como uma realidade cotidiana que parece ter se estabelecido nas IES privadas. A partir disso, sinto a necessidade de entendê-los como futuros profissionais e assim, poder colaborar ainda mais com sua trajetória e conquistas iminentes.

Neste estudo, o caminho metodológico orientou-se a partir da perspectiva de uma pesquisa descritiva, no qual os objetos de estudo representados pelos estudantes em formação acadêmica, possuem características comuns de sua formação e "estabelecimento de relações entre variáveis" (GIL, 2002, p.42). Além disso, ao se investigar a percepção dos acadêmicos em Educação Física sobre a Licenciatura, estou estabelecendo relações de interação entre a subjetividade e objetividade, sendo assim, alinhando-se com Gil (ibid.), pois este autor aponta como aspecto de uma pesquisa descritiva, a de "levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população".

Convém destacar que a investigação estabelecida por este estudo, teve como objetivo principal buscar compreender as percepções de discentes de Educação Física, de IES privadas em POA, acerca da Licenciatura como possibilidade de formação inicial. Para tanto, a pesquisa foi conduzida fundamentalmente pelas orientações da abordagem de pesquisa qualitativa. Assim, os resultados gerados serão apresentados a partir da análise qualitativa da produção de informação, esta baseada nas respostas dos sujeitos entrevistados, de forma a dialogar reflexivamente.

## 2.1 INSTRUMENTO PARA PRODUÇÃO DA INFORMAÇÃO

O momento histórico e social que vivemos no Brasil, impactou diversos setores. Na educação e na pesquisa, ocorreram adaptações relevantes, tanto no modo de contato entre os docentes e discentes, quanto nos caminhos metodológicos escolhidos em função das restrições em decorrência da COVID-19. Inicio o trajeto da metodologia já inserida no formato síncrono e virtual, mas com um misto de sentimentos, já que a idealização que fazemos ao ingressar em um PPG é de vivenciarmos na presencialidade a rotina de um pesquisador.

Sobre a atuação do pesquisador, o autor Silva (2013, p. 17) aborda que nas metodologias qualitativas, o cientista social

> não é um mero relator passivo e distante, que "lê" a realidade de fora e procura, com neutralidade ou isenção, fazer interpretações. Ele é um participante na vida dos sujeitos que investiga, de modo a apreender e reconstruir o sentido que dão ao seu quotidiano. Essa reconstituição do real, criticamente elaborada, permite obter uma compreensão mais plausível da ação humana porque é congruente com a visão dos atores sociais.

Esta pesquisa caracterizou-se como qualitativa e descritiva, na qual a entrevista foi o instrumento necessário para a produção da informação. Outrossim, Godoy (1995, p. 61) afirma que "do ponto de vista metodológico, é possível observar ainda a aceitação da entrevista como uma estratégia fundamental da investigação qualitativa."

Ainda sobre a entrevista como ferramenta de aproximação à produção das informações deste estudo, o autor Gil (2021, p.95) afirma que

> A entrevista é reconhecida como uma das técnicas mais importantes para a coleta de dados em pesquisas qualitativas. E também uma das mais curiosas, pois caracteriza-se por uma relação social muito atípica: duas pessoas, que provavelmente não se conhecem, falam por um tempo relativamente longo e depois se separam para não mais se reverem.

Desse modo, a entrevista de maneira semiestruturada foi o recurso escolhido, pois se apresenta "ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação." (TRIVINÕS, 1987, p. 146).

Sendo assim, defini uma sequência de perguntas que permitiu ao sujeito entrevistado ampla liberdade de formular suas respostas, zelando pelas respostas significativas aos propósitos deste estudo. Além disso, para o êxito na produção das informações através da utilização deste instrumento, Gil (2021) afirma que o pesquisador deve realizar poucas perguntas diretas, permitindo assim que o sujeito possa se expressar livremente, em concordância com as pautas trazidas durante o diálogo e caso se afaste delas, "o entrevistador intervém de maneira sutil para preservar a espontaneidade do processo" e para atingir este propósito ao utilizar a entrevista semiestruturada,

> O entrevistador define a sequência de formulação no curso da entrevista. Se percebe, por exemplo, com base nas respostas obtidas no início da entrevista, que determinadas questões poderão comprometer seu desenvolvimento, o pesquisador então poderá tomar a decisão de formulá-las em um momento que lhe parecer mais oportuno. (GIL, 2021, p.99)

Na preparação do roteiro de entrevista, foram necessárias diversas etapas importantes, nas quais se destacaram: a idealização da entrevista para que as perguntas norteadoras fossem atingidas; o recrutamento dos sujeitos entrevistados, que devem estar familiarizados com a temática da pesquisa; a disponibilidade do entrevistado que estava ciente previamente deste momento, ou seja, foi realizado um agendamento com antecedência; garantias de condições favoráveis de que o entrevistado teve sua identidade confidenciada; por fim, a organização do roteiro em si da entrevista (LAKATOS E MARCONI, 1996).

## 2.2 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Para melhor responder o problema deste estudo, senti a necessidade de na primeira fase desta pesquisa, observar as características dos acadêmicos das IES em POA, cidade essa escolhida por ser o município onde trabalho. Além disso, investigar com estes acadêmicos sua atual evolução no caminho da graduação, sua ênfase de curso, e se há experiências anteriores/atuais na área de escolha. Para tal, foi fornecido um instrumento virtual gratuito (*Google Forms* – Apêndice A*)*, enviado através de link via e-mail e/ou *Whatsapp.* O contato inicial se deu através de indicações de pessoas

do meu círculo de amizades, tanto pessoais quanto profissionais, na tentativa de divulgar minha pesquisa e conseguir recrutar o maior número de sujeitos.

Estes acadêmicos responderam às seguintes questões:

- Dados pessoais;
- Se está cursando sua primeira graduação;
- Ano/semestre de ingresso ao curso de Educação Física;
- Semestre que está cursando;
- Matriz curricular (comum ou de ênfase – Licenciatura/Bacharelado);
- Dificuldade em realizar a escolha, entre Bacharelado ou Licenciatura ao ingressar;
- Experiência remunerada na área;
- Disposição para participar efetivamente da pesquisa.

No segundo momento, após receber os formulários preenchidos pelos sujeitos, foi realizado o delineamento dos possíveis voluntários da pesquisa e desta forma, proporcionou-se a construção de outro instrumento de produção da informação desta pesquisa, o roteiro da entrevista (consta no interior das transcrições do Apêndice C). As questões que fundamentaram a entrevista, foram derivadas do preenchimento do formulário online (Apêndice A) pelos candidatos interessados em participar. Foram utilizados como critérios tipológicos de escolha dos candidatos à pesquisa:

- Ser estudante de Educação Física;
- Cursando Educação Física na mesma IES desde o princípio do curso;
- Representatividade de experiência curricular (primeiros e últimos semestres do curso) e de gênero;

Com estes formulários preenchidos, os sujeitos que concordaram com tal investigação, o primeiro movimento foi de contatá-los e efetivamente convidá-los para ingressarem à pesquisa. No momento original desta etapa, 15 acadêmicos demonstraram interesse em participar. Assim, foram enviados via e-mail, as instruções para que pudéssemos agendar e realizar a entrevista, deixando esclarecido que seria conduzida de forma virtual, respeitando as orientações sanitárias de afastamento social do período.

Nesta conversa inicial, foi informado que a confidencialidade da identidade do candidato à pesquisa e sua respectiva faculdade, seriam mantidos por todo momento

da relação pesquisadora e entrevistado, visto que concomitante ao processo de investigação, atuo como docente em uma IES da rede privada de POA. Após esse princípio de contato com os 15 sujeitos que demonstraram interesse em participar, apenas quatro responderam ao contato inicial, dando a possibilidade de continuação do processo de pesquisa por meio da realização de uma entrevista semiestruturada realizada virtualmente pela plataforma *Google*, através da ferramenta *Google Meet.* A seguir, o Quadro 1, que aponta as informações que descrevem o momento da formação dos sujeitos, no período que colaboraram com este estudo.

Quadro 1 – Informações tipológicas dos sujeitos da pesquisa

| Participante | Idade | Primeira Graduação | Ingresso | Semestre | Ênfase |
|---|---|---|---|---|---|
| Entrevistado A | 54 | Não (Economista) | 2021 | 2º | Bacharelado |
| Entrevistado B | 31 | Sim | 2018 | 6º | Bacharelado |
| Entrevistada C | 37 | Sim | 2018 | 8º | Licenciatura |
| Entrevistado D | 35 | Sim | 2012 | 8º | Licenciatura |

Fonte: elaborado pela autora.

Os participantes desta pesquisa, conforme é demonstrado no quadro acima, foram nomeados como entrevistados A, B, C e D. Mantendo assim, a confidencialidade de suas identidades.

Por fim, para garantir a conduta ética, foi fornecido a cada participante, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) para sua conferência e assunção digital.

# 3 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES PRODUZIDAS

Neste capítulo serão apresentadas as reflexões acerca das falas dos entrevistados deste estudo. Ele está organizado em três subcapítulos. O primeiro, apresentará fatos e memórias das experiências da vida escolar dos sujeitos participantes desta pesquisa. O segundo, as ideias sobre a formação inicial em Educação Física, no que se refere ao campo das oportunidades, assim como a concepção social da desvalorização da carreira dos professores. Por fim, o terceiro subcapítulo, que trará relatos sobre as jornadas no ensino superior destes acadêmicos para além dos componentes curriculares obrigatórios, e, a frequente descrição da divisão em Bacharel ou Licenciado, fragmentando a formação destes sujeitos.

## 3.1 EDUCAÇÃO FÍSICA É ESPORTE? TRAJETÓRIAS E LEMBRANÇAS DA VIDA ESCOLAR

De maneira costumeira, se reconhece a Educação Física pela área de atuação através dos movimentos corporais. Com isso, observamos que a opção pela formação acadêmica em Educação Física, muitas vezes acontece pela aproximação e apreço à prática esportiva (BECKER; FERREIRA; KRUG, 1999; FOLLE et. al., 2009; MASCHIO *et al.*, 2008; RAZEIRA et. al., 2014). Tal situação perpassa por experiências escolares que carregam a esportivização[16] como situação rotineira das aulas de Educação Física no espaço escolar. As falas dos entrevistados que a seguir serão trazidas, transcorrem neste contexto de práticas corporais limitadas ao campo do esporte. BRACHT (1999, p.15) elucida tal relação como fenômeno social e que

> [...]o esporte se impõe à Educação Física (EF), ou seja, instrumentaliza a Educação Física para o atingimento de objetivos que são definidos e próprios do sistema esportivo. Este processo não vai ser acompanhado de uma reação crítica da EF, muito ao contrário, ele foi saudado como elemento de valorização da EF, que passa a ser sinônimo do esporte na escola.

Acerca desta associação, os entrevistados expressam que o ingresso ao curso de Educação Física foi balizado por experiências esportivas, sejam elas citadas pelos licenciandos ou pelos bacharelandos. Além disso, discorrem sobre o trajeto percorrido

[16] Termo usado aqui como forma de evidenciar o esporte e o tecnicismo. Sendo estes, fontes primárias de conteúdos da aula de Educação Física.

na Educação Física Escolar, citando pontos de experiências relevantes a eles e de outra forma, vivências superficiais, mas que carregam em suas memórias, demonstrando certa importância. Neste resgaste da memória, Velho (2003) afirma que o sujeito atribui significado ao que já ocorreu anteriormente em sua trajetória, podendo refletir tais acontecimentos em seus projetos. Desta forma, a opção formativa de sua carreira acadêmica e posteriormente profissional, faz relação com o já experienciado, seja pelos papéis sociais ou até mesmo cargos vividos pelo sujeito.

No que diz respeito ao campo da Educação Física Escolar, os entrevistados manifestaram suas vivências na época de idade escolar, identificando a relevância destas experiências, citando as práticas conduzidas pelos seus professores desta fase. E, de forma recorrente, citam com suas palavras a identificação de precarização e desvalorização da Educação Física Escolar em suas infâncias e juventudes, perpetuando em certa medida, em algumas experiências acadêmicas. Sobre tais experiências acadêmicas, os entrevistados relatam significado nas rotinas das aulas nas IES, através dos estágios e de atividades de extensão.

Findando a análise das entrevistas, e conforme apresentado no marco teórico deste estudo, o dilema enfrentado pelos acadêmicos de Educação Física acerca da divisão entre as formações em Licenciatura ou Bacharelado. Eles comentam sobre as diferenças nas áreas de atuação e suas ofertas, sobre o reconhecimento financeiro e o ato docente em quaisquer ênfases (Licenciatura ou Bacharelado). Portanto, na análise que se apresentará a seguir, passarei a compreender a formação inicial em Educação Física destes sujeitos, a partir dos seus olhares e percepções no percurso formativo escolhido.

Ao propor aos acadêmicos que comentassem como a Educação Física surgiu na trajetória de vida deles, possibilita-se um resgate deste percurso, gerando reviver tanto os acontecimentos mais recentes, quanto àqueles mais longínquos. Sobre isso, Velho (2003), traz que nossa memória é fragmentada, de tal forma que o sentido que o indivíduo dá a si mesmo precisa da organização de seus fragmentos ao longo de sua trajetória. Em razão de fomentar os parâmetros de memórias dos sujeitos da pesquisa, iniciou-se com a indagação: como a Educação Física surgiu em sua vida?

> [...] eu já tinha conhecimento, já tinha feito cursos online também de gestão de futebol, mas eu percebi aqui dentro do meio né do futebol em si, no departamento de futebol, que na comissão técnica existia na verdade uma necessidade de certificação mais apurada, institucionalizada, registrada e essa a Educação Física para mim, ela

> foi a forma única né porque digamos assim, que existem outras especializações dentro do departamento de futebol, tem médico, tem fisioterapeuta, tem nutricionista, assistente social, várias áreas assim né, mas eu achei que a Educação Física seria aquela que da área do futebol é a que eu mais gosto, lidar com jogador, auxiliando no desenvolvimento das técnicas e do jogo em si, e a Educação Física tem muito mais a ver com isso. Então eu acabei fazendo essa escolha. (ENTREVISTADO A)

Para este entrevistado, que já possui formação acadêmica anterior à Educação Física[17], estar inserido a esta opção formativa se dá pelo campo de possibilidades, que traz caminhos possíveis apresentados ao sujeito, envolvido por vastos processos sócio-históricos e que, ainda passam pela capacidade interpretativa da sociedade (VELHO, 2003). Sua alternativa está ligada ao campo da habilitação profissional, com o registro a partir da formação em Educação Física (Bacharelado), quando cita que há "uma necessidade de certificação mais apurada, institucionalizada, registrada", ou seja, dentre as alternativas para atuação profissional com o futebol, ele opta pela vinculação ao campo da Educação Física. Velho (2003) cita que este campo de possibilidades é algo concedido socialmente, mas que pode se redefinir em distintos contextos, e assim, validando a potencialidade metamórfica do indivíduo. Sobre esta metamorfose, o entrevistado A, demonstra quando define sua inserção ao futebol, mesmo quando se assume estabelecido profissionalmente com a carreira de sua primeira graduação.

Para o entrevistado B, que está cursando sua primeira graduação, descreve que a Educação Física foi inserida em sua vida a partir de experiências esportivas:

> Acho que é meio clichê assim, mas é o que eu vivi né? Que é o esporte. Sempre pratiquei esporte, fiz diversas atividades na escola, durante o fundamental e no médio também, participei de algumas atividades extraclasse na escola durante o ensino médio também. Fiz parte também de grupos de dança de rua, também participei por muito tempo de um grupo de skate. Eu sempre gostei muito de praticar atividades e sempre foi um gancho para mim poder aliviar, porque aquela coisa, a gente eu vive em bairros mais humildes então era o que a gente podia fazer no nosso tempo livre, que era um tempo precioso que a gente tinha para fazer o que a gente gostava né, que era jogar uma bola na praça, jogar um futebol no colégio. Também participei de um clubezinho de bairro onde eu morava e foi sempre bom. O esporte veio pra mim de uma forma que agregou muito. (ENTREVISTADO B)

---

[17] O entrevistado A, tem 54 anos, está cursando o 2º semestre em Educação Física, porém já é formado há mais de duas décadas em Economia, no qual é sua principal atuação profissional.

Este sujeito relaciona suas experiências da prática corporal ao processo de “fazer o que a gente gostava”, relatando prazer com tais vivências. Assim como associa que morar em um bairro de baixas condições socioeconômicas, condiz com a necessidade de praticar atividades físicas que atenuassem tal situação precária. Desta forma, este acadêmico classifica a prática esportiva como fator essencial à Educação Física, tanto no ambiente escolar, quanto fora dele. Sobre isso, Bracht (1999) cita que tal prática é argumentada pelo “prisma conservador (aptidão física e esportiva)” e que isso causa a ausência de relevância de investimentos públicos, ratificado pelo entrevistado B, que citou que a oferta destas práticas corporais era cíclica, ou seja, a cada mandato político municipal, o projeto poderia ou não permanecer.

Outrossim, Bracht (1999, p.82) comenta acerca do aumento significativo de atividades privadas e individuais promovidas pelo estado mínimo neoliberal, no qual

> Parece que a visão neotecnicista (economicista) de educação, que enfatiza a preparação do cidadão para o mercado de trabalho, dadas as mudanças tecnológicas do processo produtivo, pode prescindir hoje da Educação Física e não lhe reserva nenhum papel relevante o suficiente para justificar o investimento público - a revitalização do discurso da promoção da saúde é uma tentativa de setores conservadores de legitimar a Educação Física na escola, mas tem pouca probabilidade de encontrar eco, haja vista a crescente privatização, e individualização, da saúde promovida pelo Estado mínimo neoliberal. Além disso, o crescimento da oferta e do consumo dos serviços ligados às práticas corporais fora do âmbito da escola e do sistema tradicional do esporte - como as escolas de natação, academias, escolinhas de futebol, judô, voleibol etc. - permite o acesso à iniciação esportiva, às atividades físicas, sem depender da Educação Física escolar.

Quando das vivências familiares e das experiências escolares, a entrevistada C, relata que sua relação com a Educação Física aconteceu com o envolvimento destes dois âmbitos.

> Na escola e também muita influência do meu pai. Ele jogava futebol, então eu cresci vendo meu pai jogando futebol. Meu pai me levava nos jogos dele e eu achava muito legal. Na Educação Física da escola, eu acho que sempre fui muito inquieta então na Educação Física eu me sentia mais livre. [...] eu virei mãe adolescente e não pude começar a faculdade quando eu queria. Iniciei a faculdade aos 34 anos, com a Educação Física Licenciatura, mas sempre soube que eu queria fazer desde sempre, nunca mudei. (ENTREVISTADA C)

Os sentimentos gerados pelo convívio com outras crianças fora do ambiente tradicional da sala de aula, remetiam a sensação de “liberdade”, conforme a entrevistada ressalta ao longo de sua participação. Sobre esse sentimento de afeição às aulas de Educação Física descrita pela entrevistada, a autora Darido (2012, p. 35) traz em seu texto que tal sensação é compartilhada por alunos que “experimentam muito prazer nas práticas corporais”. Além disso, em outro estudo realizado pela mesma autora, identificou-se que mais da metade dos alunos do ensino fundamental de uma escola estadual pública de São Paulo, elegem a Educação Física, como o conteúdo de maior apreço (DARIDO, 2004).

No contexto da relação de afeto paternal pelo futebol, no qual o papel da família demonstrou ter função cotidiana na biografia desta acadêmica, Velho (1981, p. 63) cita que "[..] ao nível do desempenho dos papéis familiares de pai, esposo, filho, mulher, avô etc. que se dá a socialização contínua (e não apenas na infância) nos aspectos afetivos e emocionais da cultura". Demonstrando assim, a permanência e afirmação de que a entrevistada C salienta sua definição pela Educação Física.

Em contraponto, o entrevistado D afirma, que sentiu dificuldades em optar pela formação em Educação Física. Ele se aproximou pela prática esportiva no ambiente escolar, porém não explicitou uma significância a partir do ato docente de seu(ua) professor(a) da época

> Na verdade, eu nunca tive vontade assim de uma vocação, alguma coisa de criança, quero ser isso, quero ser aquilo. Mas eu sempre fui uma criança muito ativa, fazia futebol, fazia corrida, praticava diversos esportes na época escolar, né? (ENTREVISTADO D)

Ele relaciona seu ingresso à graduação em Educação Física, a partir de suas experiências na infância, pois menciona como forma de opção acadêmica às suas vivências a partir das atividades físicas relatadas, e desta forma assume uma associação entre tais experiências e sua trajetória formativa. Sobre isso, Darido (2012, p.45) comenta que

> Na Educação Física, muitos professores, ainda influenciados pela concepção esportivista, continuam restringindo as suas aulas aos esportes mais tradicionais, como por exemplo, basquetebol, voleibol e futebol. Não bastasse este fato, é muito comum que estes conteúdos esportivos sejam transmitidos superficialmente, apenas na ótica do saber fazer, o que acaba limitando a perspectiva do que se ensina/aprende, do conhecimento produzido pela humanidade sobre a cultura corporal.

Desta forma, limitado pelo processo de “saber fazer” é que o entrevistado D possui dificuldade de relacionar sua fase infantil e escolar ao contexto de atuação profissional na vida adulta e acadêmica. E, assim, desconhece o campo de possibilidade apresentado a ele nesta época de vida. Além disso, Tardif (2017) aponta que muitos professores concedem tal saber à própria “personalidade” ou até mesmo citam como sua “arte”, mas o autor contrapõe alegando que esses professores estejam “esquecendo justamente de que essa personalidade não é forçosamente ‘natural’ ou ‘inata’, mas é, ao contrário, modelada ao longo do tempo por sua própria história 'de vida e sua socialização” (TARDIF, 2017, p.78).

Quando indagados sobre suas lembranças das vivências das aulas de Educação Física Escolar, os entrevistados apresentaram semelhanças no âmbito das experiências geradas, no qual há destaque aos componentes esportivos. Porém, o entrevistado A discorre que sentiu ausência de uma abordagem orientativa à formação esportiva, no qual relata que

> Na minha formação lá como estudante, a Educação Física ela sempre foi muito fraca né, no ponto de vista da orientação, ela era mais uma recreação, do que a orientação ao esporte em si. Os professores daquela época, posso dizer assim, final dos anos 70, metade dos anos 80, eles eram assim muito soltos, não havia um planejamento, um objetivo, por exemplo, vou trabalhar certas habilidades coordenativas, ou metabólicas, sei lá. Então foi isso, sempre foi assim, ah é um momento de recreação, o que vocês querem, ah queremos futebol, aí os meninos jogavam futebol, e as meninas nem faziam exercício, ficavam mais paradas conversando. [...] Era isso, movimentar o corpo, mas sem orientação. (ENTREVISTADO A)

Nesta fala, entende-se que o acadêmico relaciona que a prática pedagógica desenvolvimentista geraria uma melhor experiência nas aulas de Educação Física e que isso, traria uma abordagem planejada por parte dos seus professores da época. Bem como, classifica o processo de “movimentar o corpo” como função das atividades realizadas nesta fase da sua experiência escolar. A esse respeito, Darido (2012, p.41) refere-se em seu texto sobre alguns fatores relacionados a tal prática pedagógica, que

> Para a abordagem desenvolvimentista, a Educação Física deve proporcionar ao aluno condições para que seu comportamento motor seja desenvolvido através da interação entre o aumento da diversificação e a complexidade dos movimentos. Assim, o principal objetivo da Educação Física é oferecer experiências de movimento adequadas ao nível de crescimento e desenvolvimento do indivíduo, a fim de que a aprendizagem das habilidades motoras seja alcançada.

> A criança deve aprender a se movimentar para se adaptar às demandas e exigências do cotidiano em termos de desafios motores.

Ainda sobre o relato do entrevistado A, que vivenciou a Educação Física em décadas que se estabeleceu a ditadura militar, o autor Taborda de Oliveira (2004, p. 13) descreve que a Educação Física na escola deste período, era confundida “com a formação moral”, porém predominou o oposto deste aspecto, sendo o esporte “a coroação de um mundo de competição, concorrência, liberdade, vitória, consagração. Sugerido de forma exclusiva pelos órgãos oficiais para a Educação Física escolar, ele carregava toda a simbologia de um mundo de lutadores e vencedores”.

Para o entrevistado B, ter tido continuidade com a mesma docente em praticamente toda sua trajetória escolar do ensino fundamental, proporcionou experiências distintas de alguns colegas de graduação

> Estive na mesma escola dos 8 aos 14 anos, e foi a mesma professora de Educação Física. Ela sempre nos incentivou muito a praticar esportes. Eu não tive vivência com o atletismo ou outros esportes que eu vim a conhecer depois, mas com relatos dos meus colegas dentro da universidade, que muita gente nunca praticou quase nada na escola. Tipo, tem gente que nunca jogou vôlei que só pegava uma bola e saía a jogar (futebol). Já na minha infância a professora nos proporcionava essas vivências, incluindo atividades no parquinho da escola, dentro da sala de aula com atividades recreativas. Nunca era uma coisa monótona, ela sempre tinha um jeito de apresentar para gente algo diferente e que era legal. Já no ensino médio, era só futebol, não tinha professor praticamente. Eu estudava à noite, então pra poder praticar alguma atividade da Educação Física, tinha que chegar antes pra poder formar os times e jogar futebol antes de começar as aulas. E por ser em bairros perigosos, a aula acabava antes das 10 da noite. (ENTREVISTADO B)

Nas aproximações teóricas desta pesquisa, a autora Honorato (2017) relata a massiva relação entre Educação Física Escolar e o esporte, a partir da sua pesquisa de mestrado. Nessa dissertação, ela explana que a aproximação à graduação em Educação Física se dá pela prática esportiva desde a infância dos sujeitos participantes de seu estudo. Acerca da professora que “nos proporcionava essas vivências”, apontadas pelo entrevistado como diferentes do trivial, a autora Darido (2004) aborda em seu estudo que de maneira prevalente, os sujeitos que responderam aos seus questionamentos e que estavam em período do ensino fundamental, também tinham como mais relevantes as práticas esportivas e de brincadeiras, classificando-as como “legais” e “animadas”.

Em contraponto, na época de sua juventude, no Ensino Médio, o entrevistado B relatou que precisou cursar tardiamente este período escolar e que precisou buscar de maneira proativa a prática corporal através do futebol. É possível, que tal ausência de professor e atividades do componente curricular da Educação Física na fase citada pelo entrevistado A, se deu em virtude da Lei 10.793 (BRASIL, 2003), na qual faculta tal prática aos estudantes do turno da noite, caso ocorrido com Ensino de Jovens e Adultos do entrevistado em questão.

Ainda sobre a perspectiva da falta de aulas de Educação Física no Ensino Médio, o entrevistado D relata que

> Quando eu vim para POA, depois do primeiro ano do ensino médio (entrevistado residia no município de Rio Grande) e lá era um pouquinho mais puxado, o colégio era bem tradicional assim, então era mais puxado. Tu era obrigado a fazer alongamento, atividade física, tinha umas avaliações e tal, então era mais puxado sabe? Era mais tecnicista assim né? E aí quando eu vim pra cá eu fiz o segundo e o terceiro ano aqui, e aqui era uma várzea, com o perdão da palavra. O professor chegava e largava a bola e tchau sabe? Não tinha nada no segundo e terceiro ano do ensino médio. E tanto o colégio de Rio Grande quanto de POA eram colégios públicos estaduais. (ENTREVISTADO D)

Nota-se a comparação que o acadêmico realiza com ambas as experiências escolares no âmbito público estadual, no qual para ele, a pedagogia tecnicista estava relacionada ao processo de maior envolvimento e participação dos alunos, mesmo que de forma obrigatória. De encontro a experiência obtida na capital do estado, onde o processo de desamparo às práticas corporais foi experimentado com prioridade em seu ambiente escolar.

Conforme apresentado ao longo de sua entrevista, o acadêmico em questão, que está em conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física), atua em uma escola privada em POA. No aspecto de trajetória de carreira, os autores Deluca, Rocha de Oliveira e Chiesa (2016) dialogam com Gilberto Velho em seu estudo, citando que “o indivíduo somente é capaz de constituir uma carreira a partir das possibilidades que visualiza em sua trajetória. Tais possibilidades são negociadas entre aquilo que é dado objetivamente e aquilo que é interpretado subjetivamente” (DELUCA; ROCHA DE OLIVEIRA; CHIESA, 2016, p.468). Assim, o acadêmico considerou o fato de suas experiências escolares, como um processo objetivo de atuação docente, no qual se relaciona com suas buscas pedagógicas atuais, já que

frequentou espaços públicos de educação básica e na atualidade labora em um espaço privado de educação.

No que se refere à participação nas aulas de Educação Física Escolar, a única entrevistada do gênero feminino, salienta sobre algumas dificuldades encontradas, pelas atividades oportunizadas pela sua professora da época e que mesmo assim, demonstrava admiração pela docente e vislumbrava tal opção formativa.

> Eu me lembro mais é de jogar futebol e vôlei. Eu me lembro que a professora ela era muito bonita e eu pensava, já na primeira ou segunda série do fundamental: nossa quando eu crescer eu quero ser professora de Educação Física! Isso que eu me lembro. Depois ao decorrer da vida escolar, aconteceram várias coisas em outra escola. Eu brigava muito pra poder jogar futebol no sexto ano do fundamental e os meninos não deixavam menina jogar. Eu brigava, chorava e a professora tinha que sair do conforto dela e ficar lá na beira da quadra porque senão eles ficavam chutando a bola em mim. Não sempre, mas em alguns momentos, isso aconteceu. Depois eu comecei a jogar futebol sempre com eles. Mas eu também, um dia eu queria jogar futebol e em outro queria jogar vôlei com as meninas. Aí no ensino médio, teve uma professora no primeiro ano que tinha um time. Uma das escolas que estudei era estadual, e na escola não tinha espaço para Educação Física. A gente estudava de manhã e tinha Educação Física à tarde. Então ela fazia dois grupos à tarde. Ela fazia um aulão com todo mundo. Então eu participei do time de futebol feminino da escola. Foi onde a gente jogou um campeonato municipal e ficamos em segundo lugar. Eu acho que foi uma época de ouro assim para mim. Foi um dos momentos mais legais da escola em relação à Educação Física. (ENTREVISTADA C)

Sobre isso, os autores Do Prado, Altmann e Ribeiro (2016) referem que tal divisão nas aulas de Educação Física em algo “masculino” ou “feminino” pode gerar, como desfecho negativo, alguns comportamentos depreciativos e ausência de apoio para algumas modalidades, como o caso citado pela entrevistada A, o futebol. Estes autores reforçam que “[...] Em situações mais extremas, essas atitudes podem se tornar discriminatórias, apresentando como resultado o preconceito, a intolerância e a demonstração de violência em relação ao que não é considerado ‘normal’ ou ‘apropriado’” (DO PRADO; ALTMANN; RIBEIRO, 2016, p. 64-65).

Importante apresentar, mesmo de forma sucinta, já que os conceitos de estudos feministas estão afastados do objeto desta pesquisa, que esta seleção do que seria “apropriado” às práticas corporais vêm descrita desde o século XIX, quando o

Ensino Primário[18] previa adequação de tais práticas realizadas por mulheres. Estas ditas adaptações, ainda constavam até o século seguinte, através do Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, no qual o artigo 54 determinava que "Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país" (BRASIL, 1941). Em suma, as restrições às práticas corporais e/ou esportivas, se dão há séculos, e infelizmente, se replicam em algumas práticas docentes do ambiente escolar.

Em relação à admiração e encantamento, demonstrados na fala supracitada da entrevistada C, que também compartilhei em minha infância e trajetória escolar, é demonstrado por Folle *et al.* (2009), quando cita em sua pesquisa uma professora em fase inicial de carreira, que declara como opção profissional a docência porque "[...] estava diretamente relacionado a identificação com a intervenção de sua professora de Educação Física nas séries iniciais do ensino fundamental (FOLLE *et al.*, 2009, p.31).

O percurso no ambiente escolar dos sujeitos entrevistados, demonstra que algumas das situações vividas tornam-se bagagens repletas de significado, e desta forma, se aproximam com a abordagem de Tardif (2017), no qual discorre que o conhecimento oriundo de suas vivências escolares implicará em sua condição docente no futuro. Seja pela permanência em um mesmo ambiente por diversos anos ou até mesmo pela frustação da ausência docente e expectativa não alcançada de viver uma experiência sistematizada, como relatado em algumas das falas já citadas.

## 3.2 OPÇÃO FORMATIVA: DAS EXPECTATIVAS ÀS VISÕES DE MUNDO

Quando se pensa no ingresso ao ensino superior, principalmente se isso se dá de forma inédita, ou seja, sendo o primeiro curso a se realizar (realidade de dois dos quatro entrevistados), há expectativas a serem atendidas. Lembro de estar na secretaria da faculdade pensando em quanto tempo eu já poderia me enxergar atuando profissionalmente e como se estabeleceriam as relações com os colegas e os professores. Estava repleta de esperança de que poderia mostrar à minha família

[18] Projeto nº 224 de 1882, referente à reforma do Ensino Primário. Publicado na Câmara dos Deputados, sessão de 12 de setembro de 1882, n. 224. Disponível em http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242356

que tinha iniciado um percurso que atenderia às minhas expectativas, assim como as deles também, já que sempre ouvi de meus familiares, antes de me formar no ensino superior, que a carreira da Educação Física provavelmente não traria recompensas financeiras, de prestígio e valorização social.

Ao encontro disso, a percepção da (des)valorização da Educação Física Escolar, se apresenta em diversos momentos em que os entrevistados comentam sobre os fatores que navegam no âmbito estrutural, de reconhecimento social, das relações familiares e da função remunerativa.

Os quatro sujeitos desta pesquisa, são oriundos do ensino básico público, tanto da esfera estadual quanto da esfera municipal. Para o entrevistado A, sua experiência no setor público da educação básica trouxe, em certa medida, práticas além do espaço físico da sua escola

> Como estudei em escola pública, e a escola pública tem algumas dificuldades, como questões de quadra e tudo mais, no meu caso teve quadra, mas pode dizer que os equipamentos poderiam ser melhores. Mas foi isso, uma Educação Física solta e sem orientação. Poderia ter sido mais produtiva, de envolver mais a coordenação motora, o gosto pelo exercício físico. Não me recordo se tive Educação Física desde o primeiro ano do ensino fundamental. Lembro que aos oito anos, tínhamos um momento com o contato com as bolas de futebol e de sermos levados para o pátio da escola. Já sabia que a gente tinha um momento de Educação Física e aí a turma ia para o pátio, a gente pegava uma bola dividia em dois times e ficava todo mundo correndo atrás daquela bola. Depois não, começou a ter um pouco mais de organização, mas é como eu digo né, o professor faz muita diferença na forma como a aula era praticada, tinham professores que realmente nem ficavam presente para acompanhar o que nós estamos fazendo, era uma coisa bem solta mesmo, e tinha professor que por gostar mais de querer ficar junto dando aula, dava uma atividade e até participava junto da atividade. Quando ficamos maiores, 13/14 anos, ele participava junto da aula, ou a gente ia pro Ramiro Souto (parque municipal de POA) pra fazer uma corrida, aí ele introduza o atletismo, a escola era bem perto da Redenção (Parque Farroupilha em POA). Então a gente chegou a ter algo desse tipo. (ENTREVISTADO A)

Ele menciona suas expectativas de que as atividades deveriam ser orientadas na aula de Educação Física de forma mais específica e que tal conduta se dá pelo fato do interesse do professor responsável. E, pelo seu relato, cita relevância na ausência de estruturas próprias da escola lembrada. Questionado sobre o tempo de experiência dos seus professores da época escolar, o entrevistado não soube responder. Esta informação corroboraria à interpretação através da afirmativa de Tardif (2017, p. 86), onde ele diz que

> muita coisa da profissão se aprende com a prática, pela experiência, tateando e descobrindo, em suma, no próprio trabalho. Ao estrearem em sua profissão, muitos professores se lembram de que estavam mal preparados, sobretudo para enfrentar condições de trabalho difíceis, notadamente no que se refere a elementos como o interesse pelas funções, a turma de alunos, a carga de trabalho etc.

Este mesmo entrevistado, relata sobre a carência de professores em nossa sociedade e que isto ocorre de forma constante. Além da baixa remuneração citada por ele, tais lacunas se dão através de políticas-públicas mal geridas.

> Agora eu diria que tá faltando professor. Sempre faltou né? Puxa vida, a educação brasileira é péssima nesse sentido, deveríamos ser muito mais atentos a isso, deveriam ter mais professores, mais bem pagos, porque o professor deveria ter o melhor salário, é ele quem ensina às outras profissões. Existem vários aspectos, não só a importância da atuação do professor, do objeto dedicado deste profissional e aí vem forças políticas e econômicas que interferem nessa definição. O professor é a base da sociedade. A gestão pública é que tá realmente muito malconduzida né? (ENTREVISTADO A)

Na atual conjuntura política que vivemos, a inexistência de representatividade em cargos de gestão da educação ocupados por agentes e atores do ensino, colabora com esta visão do entrevistado A. Para Tardif (2017, p.116), “a maioria dos discursos que hoje tratam do ensino e são veiculados pela classe política, pela mídia e pelos formadores de opinião [...] questiona se os professores trabalham bastante, se trabalham corretamente ou se dão um bom acompanhamento aos seus alunos”. Além disso, este autor refere que na maior parte dos interessados pela área do ensino básico, argumentam sobre o que os professores precisariam ou não fazer “[...] ao invés de se interessar pelo que fazem realmente. Todos esses discursos mostram que o ensino ainda é, no fundo, um ‘ofício moral’, que serve sempre de lente de aumento para as angústias e inquietações da opinião pública” (TARDIF, 2017, p.116).

Acerca da presença de professores licenciados em Educação Física no espaço escolar, assim como sua permanência em esferas públicas, o entrevistado B cita

> Então, eu acho a Licenciatura em Educação Física, tem uma valorização abaixo do que deveria. Acho que deveria ser mais valorizado, porque muitas vezes na escola, assim que nem eu vivenciei lá no ensino médio, a gente nunca tinha professores. Não presenciei nenhum professor durante o tempo que eu tive nessas escolas do (ensino) médio. [...] Eu vejo hoje não vou dizer uma desvalorização concreta das escolas públicas, mas é bem básico o que eles fazem hoje com relatos de alguns colegas. Quando não têm professores daí pega um professor qualquer vai lá dá uma bola e vai jogar um futebol. Vai ficar ali com a bola, não dão atenção para essa

> classe, né? Para essa disciplina, né? Isso por vivências com colegas hoje que fazem esses estágios. Tem um professor (da graduação) que sempre falou para mim, que depois que terminar o bacharel para eu fazer a Licenciatura e assim poder fazer um concurso público, porque isso vai ser bom. E esse professor hoje em dia é diretor na escola dele (pública). Porque a maioria dos meus colegas hoje buscam escolas particulares. A maioria deles diz que escolas particulares tem uma melhor remuneração, que é mais fácil de se inserir nesse mundo. (ENTREVISTADO B)

Este acadêmico, acredita que tanto no campo das oportunidades, quanto nos aspectos remunerativos, os espaços escolares da iniciativa privada, possuem mais probabilidades de acesso. Ele percebe ainda, somente através de incentivo de seu professor acadêmico, como algo positivo, a oportunidade de ingresso ao campo de atuação docente pública. Essa relação estabelecida entre oportunidade e campo de atuação do professor, sendo o espaço privado narrado como mais atraente, a autora Fernandes (2013, p.36) em sua dissertação, traz uma análise no âmbito geral das Licenciaturas e declara que para alcançarmos uma maior quantidade de licenciandos, de maneira cativante será necessário dar alguns passos, como

> um salário inicial atraente; um plano de carreira que motive o profissional ao longo do tempo, para afastá-lo da possibilidade de abandono do magistério; a preocupação com a qualidade de uma formação inicial sólida; a criação, por exemplo, de um período intermediário (devidamente remunerado) entre a saída do professor do curso de formação universitária para o exercício da docência e o seu efetivo ingresso na escola – uma espécie de residência pedagógica – nos moldes do que já praticam algumas instituições formadoras e outras tantas instituições empregadoras.

Há também, na fala supracitada do entrevistado B, certo descrédito da atuação do professor de Educação Física no espaço público de ensino, quando indica “é bem básico o que eles fazem hoje”. Quanto a isso, Ferreira Neto (2022, p.547), em sua tese de doutorado, aponta que a Educação Física padece com contínuas ausências de infraestrutura na escola que são características do desenvolvimento de sua prática pedagógica, tais como: as instalações, os equipamentos e os materiais. Assim como,

> a redução de carga horária e do seu tempo no currículo escolar, a fragilidade do currículo escolar, o baixo status profissional devido a presença dos professores generalistas no ensino primário. Estas, dentre outras questões, são fortes indícios que a literatura aponta como sinônimos da desvalorização pela comunidade escolar e do baixo status da Educação Física escolar perante as demais disciplinas curriculares acadêmicas.

Ainda sobre essa situação de descrédito do ambiente escolar público, o entrevistado A relata uma percepção de desvalorização e desdenho por parte de pessoas com condições socioeconômicas desfavoráveis

> A coisa é mais solta e não tão valorizada. Não é tão claro pra eles. Não ficam convencidos da importância. Falta conhecimento para poder valorizar. A maior parte da população não vem a educação e o ensino como importante. Vou te dar um exemplo. No local onde atuo auxiliando uma assessoria esportiva de futebol, estávamos com 10 garotos (categoria sub 20). Destes, apenas dois tinham concluído o segundo grau (ensino médio) e um deles estava na faculdade, o outro não. E isso é um reflexo da família. Porque os pais também não estudaram. Eu percebo que uma importante situação que ocasionou esse enfraquecimento da escola pública em POA, porque eu estudei a vida inteira em escola pública. (ENTREVISTADO A)

Esse relato do entrevistado A, é de uma experiência recente. Ele associa a falta de interesse em buscar uma graduação, pelos sujeitos no qual convive no ambiente do futebol, à ausência de parâmetros familiares que tenham traçado tal trajetória. Contudo, é um cenário que se observa há um certo período em nossa sociedade. Sobre isso, a autora Barretto (2010) explana sobre a origem socioeconômica dos candidatos ao Exame Nacional de Avaliação de Desempenho dos Estudantes (ENADE) de 2005, no qual alguns dos cursos selecionados[19] para aquele ano, foram o de Pedagogia e demais Licenciaturas. Nesta publicação, a autora divulga que menos de um quarto dos pais destes graduandos possuíam o Ensino Médio. Além disso, corroborando com a fala do entrevistado A, quando diz “os pais também não estudaram”, a pesquisa de Barretto (2010) aponta que apenas 10% destes pais teriam concluído o Ensino Superior. Desta forma, se demonstra que "os estudantes representavam, na sua maioria, a primeira geração com acesso aos níveis superiores de instrução nas suas respectivas famílias" (BARRETTO, 2010, p. 297).

Ainda em relação ao contexto familiar, a valorização da Licenciatura e a opção formativa da entrevistada C, ela descreve o desapontamento por parte de alguns componentes da sua família e suas motivações intrínsecas para permanecer com essa possibilidade

> Eu tenho familiares que criticam. Meu Deus tantos cursos pra ti fazer e tu foi escolher ser professora? Não ganha nada (fala dos familiares). Tem familiares que acham lindo a profissão e sabem o quanto eu amo e me apoiam muito. Tem relatos de professores que estão na ativa em

[19] O ENADE possui um calendário com um período de seleção dos cursos que serão recrutados à avaliação a cada 3 anos.

> escola pública, que são bem ruins. Isso já tinha antes por que tem um professor na minha família, não tão próximo, mas tem parente mais distante e sempre houve muitas reclamações do ambiente escolar, dos conflitos com colegas, do salário, da valorização, da falta de material e estrutura. Acho que, como vou te explicar... acho que financeiramente em termos de status, definitivamente não foi o que me fez escolher a Educação Física, não é bom e tem muita coisa ruim sendo dita e vivida pelos professores que eu conheço. Mas eu acho que eu sempre pensei nas crianças sabe? A minha vida escolar foi enorme, dos 7 aos 17 anos. É uma vida e são muitos anos dentro de uma escola para que as crianças sejam abandonadas pelos professores, pelos que estão lá que não tem estrutura e pelo que estão por vir. Ah, não quero ser professor, falam né? Todo mundo "abandonando o barco" e isso foi uma das maneiras que me fizeram continuar pensando em fazer Licenciatura. Acho que a população, o ser humano precisa dos professores que querem mesmo sabendo dos problemas da Licenciatura. (ENTREVISTADA C)

Destaca-se na fala da entrevistada C, a expressão "minha vida escolar foi enorme". Nessa direção, se aproxima aos estudos de Tardif (2017) quando este autor indaga as atribuições docentes, estabelecendo relação com os saberes que são mobilizados no desempenho de sua profissão. Para ele, o professor em sua prática pedagógica, incorpora vários saberes, que são oriundos de sua construção pessoal, assim como profissional. Para compreensão da expressão utilizada pela entrevistada, referindo os muitos anos de trajetória escolar básica, enfatizo o saber experiencial. Sobre isso, Tardif (2017, p. 261) diz que essa vivência absorvida refletirá no seu ato docente, pois "se manifesta através de toda uma bagagem de conhecimentos anteriores, de crenças, de representações e de certezas sobre a prática docente. Esses fenômenos permanecem fortes e estáveis através do tempo". Fundamentando a importância do saber experiencial, Tardif (2017, p. 232) diz que

> Seus saberes estão enraizados em sua história de vida e em sua experiência do ofício de professor. Portanto, eles não são somente representações cognitivas, mas possuem também dimensões afetivas, normativas e existenciais. Eles agem como crenças e certezas pessoais a partir das quais o professor filtra e organiza sua prática.

Ou seja, entende-se que uma parcela relevante da competência profissional que será desenvolvida pela entrevistada C, possui vínculo em sua história de vida, desenrolando-se através de uma seleção de suas experiências anteriores, relacionando-se às vivências sucessivas, que assim serão atualizadas para suas práticas pedagógicas.

Sobre o sentimento de envolvimento social demonstrado pela entrevistada C, é encontrado similarmente no estudo de Turra, da Costa e Rossi (2019), no qual a opção formativa dos sujeitos investigados é a mesma da entrevistada e a intenção de serem “agentes de transformação” aparece dentre os fatores citados pelos graduandos em Educação Física Licenciatura como elemento de influência em sua escolha (TURRA; DA COSTA; ROSSI, 2019, p. 104). Da mesma forma, a fala do entrevistado D demonstra um cunho de responsabilidade social que rompe as fronteiras da especificidade da Educação Física e se relaciona com outras áreas do conhecimento ligadas à docência e ao ambiente escolar.

> Se fosse valorizado o professor ia ganhar bem mais em todas as esferas não só na Educação Física, mas nas outras disciplinas também. Claro que as pessoas acham bonito, bah professor, que profissão legal, as pessoas valorizam né? Mas financeiramente eu não vejo essa valorização, tu tem mais é o sentimento, é vocacional, estou fazendo o meu dever estou cumprindo e formando cidadão né? Estou ajudando. (ENTREVISTADO D)

Apoiando essas sensações de comprometimento social e enfrentamento das mazelas supracitadas pelos entrevistados C e D, Bracht (1992, p. 74) afirma que “o educador na sua prática, quer queira quer não, é um veiculador de valores. É nesse sentido que reside a ligação da forma de ensino com seu conteúdo”.

Quando questionada sobre a tensão das práticas pedagógicas dos(as) seus(uas) professores(as) da sua época escolar como estudante, a entrevistada C, relata certa decepção com as funções pedagógicas e as práticas empregadas em suas aulas de Educação Física.

> Eu me lembro muito de professores lendo o jornal dentro da Educação Física. Eu não acredito que na época, que há 30 anos atrás, eles estudavam 4 anos para serem professores de Educação Física não se tinha um pouco desse estudo? Não se tinha esse conhecimento em relação à Educação Física Escolar? Por que que a maioria não fazia? Por que que alguns se envolviam na escola e por que que outros não? (ENTREVISTADA C).

As inquietações da entrevistada, vão ao encontro de alguns relatos dos outros sujeitos desta pesquisa, quando estes ditam o comportamento do professor “tutor” ou até mesmo tachado de “rola bola”. Esse termo é utilizado popularmente para expressar as características de um(a) professor(a) de Educação Física Escolar descompromissado de suas funções pedagógicas. Há um desinteresse com o ato docente. Tal profissional, fará a escolha de deixar seus(uas) alunos(as)

desocupados(as) durante as atividades das aulas e raramente fará algum tipo de manifestação pedagógica. Desta forma, a autonomia disponibilizada aos estudantes, dará plenos poderes de definição do que fazer (ou não) em suas aulas.

Isso colabora para que perdure em alguns espaços escolares, o estigma sobre os professores de Educação Física, como a desvalorização e a insistente instabilidade de reconhecimento social deste componente. Sobre isso, Elias (2000, p.23) diz que essa estigmatização social é considerada “um rótulo” direcionado a um grupo. Assim, corroborando com as falas dos entrevistados, que referem uma diminuição da presença de acadêmicos com interesses na Licenciatura, noto que esta segmentação supera o caráter individual, tornando um grupo (bacharéis) distanciado de outro (licenciandos), e “não por suas qualidades individuais como pessoas, mas por eles pertencerem a um grupo coletivamente considerado diferente e inferior ao próprio grupo” (ELIAS, 2000, p.23).

Sobre o fato de a docência atuar com seres humanos, o objeto de trabalho se constitui através das relações sociais. Logo, carece de um ato pedagógico que fundamentalmente irá orientar essas relações com e entre os alunos. Acerca disso, Tardif (2017, p. 132) diz que em razão da pedagogia ser “feita essencialmente de tensões e de dilemas, de negociações e de estratégias de interação”, o docente terá de atuar com o coletivo, assim como se dedicar aos indivíduos. Diante disso, este autor acredita que

> deve dar a sua matéria, mas de acordo com os alunos, que vão assimilá-la de maneira muito diferente; deve agradar aos alunos, mas sem que isso se transforme em favoritismo; deve motivá-los, sem paparicá-los; deve avaliá-los, sem exclui-los, etc. Ensinar é, portanto, fazer escolhas constantemente em plena interação com os alunos. Ora, essas escolhas dependem da experiência dos professores, de seus conhecimentos, convicções e crenças, de seu compromisso com o que fazem, de suas representações a respeito dos alunos e, evidentemente, dos próprios alunos. (TARDIF, 2017, p. 132)

Essas aflições percorrem tipicamente a carreira docente. E, quando o docente não alcança o desejado com as interações de sua função pedagógica, não é sempre ou necessariamente um descompromisso profissional, pois isso “decerto existe, mas as condições de frustração nas quais ele está continuamente mergulhado colocam-no numa situação mais difícil em relação a esse aspecto: ele também quer se comprometer, mas as condições de emprego o repelem constantemente” (TARDIF, 2017, p. 100).

Dentre as inquietações apontadas pelos sujeitos da pesquisa, estão as condições remunerativas, nas quais os entrevistados C e D são bastante enfáticos, relacionando este critério ao processo de valorização e permanência na carreira docente. Chama a atenção, que justamente ambos (e únicos) licenciandos da pesquisa, salientaram tal condição. Sobre a remuneração dos professores de Educação Física, o entrevistado D diz

> Não é boa né? Deveria ser melhor. Na parte financeira principalmente eu me refiro né? Mas é aquilo, se tu gosta daquilo ali né, e aquilo te dá prazer. Mas essa parte aí é que dá uma entristecida, essa parte financeira é que não é valorizada. Mas claro que tem outras valorizações digamos assim. A escola te vê como um bom professor, como um bom funcionário, os alunos, os pais enfim. Mas essa parte financeira ainda é precária em todo o ensino, tanto no público quanto no privado, em geral. (ENTREVISTADO D)

É curioso como o entrevistado não estabelece relação direta com a baixa remuneração e a esfera de ensino. Ainda esboça que há insatisfação no que tange o processo remunerativo, mas que sobressai a ideia de que “tu gosta daquilo”, logo desejará permanecer, mesmo que de forma “entristecida”. Ainda descreve, como motivação, o processo de convivência entre todos os atores educacionais. Sobre algumas razões de permanência ou abandono da carreira docente em Educação Física, ligadas ao processo de valorização, convívio e remuneração, os autores Favatto e Both (2019, p.132) revelaram que dentre os fatores que influenciam a vontade de fuga ou estada na carreira docente

> estão intimamente ligados ao fator financeiro, uma vez que grande parte dos professores anseia desistir da docência pelo baixo salário. Mas permanecem por causa do vínculo do trabalho estatutário, o qual é uma garantia de vínculo empregatício ao professor. As demais colocações, como a indisciplina dos alunos, que automaticamente leva ao estresse, também se destacaram como influenciadores do abandono da carreira. Por outro lado, questões como identificação com a profissão e satisfação de trabalhar com crianças foram observados como pontos positivos para a permanência na carreira.

Ainda sobre os aspectos positivos de atuação junto às crianças no ambiente escolar, porém citando as fragilidades financeiras da carreira docente, citado como fator inconveniente desta profissão, a entrevistada C atribui algumas inseguranças que vislumbra em seu futuro.

> O que me incomoda sim é a limitação. Por exemplo, eu quero continuar trabalhando com criança, quero trabalhar em uma escola,

> mas se eu conseguir trabalho só com uma escola no estado e que ganha pouco eu não tenho como me manter financeiramente. O que eu vou fazer para ganhar dinheiro? E aí que entra o Bacharelado. Eu poderia ser Personal Kids, eu poderia trabalhar num clube. Eu acho que limita profissionalmente, a Licenciatura. Não me arrependo em nenhum momento. Eu amei e tenho certeza de que foi a melhor escolha da minha vida, mas eu preciso comer. Eu preciso criar meu filho, entende? Isso me fez pensar que me limita. Essa limitação profissional, isso sim. (ENTREVISTADA C)

Esse dilema gerado pelo cenário de insegurança financeira, no qual a entrevistada imediatamente menciona uma expectativa de buscar outra função laborativa, envolvendo ainda a atuação através da formação complementar no Bacharelado, é descrita no estudo de Martins Junior (2000). Este autor aponta que esta situação ocorre em razão da remuneração não ser apropriada para os professores, levando então os docentes a um certo desinteresse pelas atividades na escola, desta forma limitando a gama de possibilidades deste professor. Assim, o docente iria procurar pela sua comunidade, na tentativa de exercer funções adicionais e desta maneira, integrar melhor seu orçamento. O autor ainda ressalta que tal fato, direciona o professor por “muitas vezes, a dar preferência por essa segunda função, transferindo para lá a sua motivação. Assim sendo, a motivação do seu aluno nas turmas de Educação Física é esquecida ou fica diminuída” (MARTINS JUNIOR, 2000, p. 109).

## 3.3 PERCURSO ACADÊMICO: AS EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS DOS SUJEITOS E A CONSTANTE DICOTOMIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Sobre percurso da formação inicial, os entrevistados expressam momentos fundamentais às suas construções como acadêmicos de Educação Física. Para eles, essas experiências são ditas como significativas e que colaboram com suas trajetórias formativas. A entrevistada C, coloca que a carreira no Ensino Superior será levada em consideração, porém sem desvincular profissionalmente do ambiente escolar. Salienta também, as trocas e diálogos estabelecidos nas rotinas de aula.

> É uma coisa que eu penso para o meu futuro. Ser professora universitária, mas continuar em alguma escola, que eu acho que faz toda diferença. São professores que ensinaram coisas para a vida sabe? Muitos, ixiiii, poderia passar a entrevista inteira falando disso. As discussões, fazer uma roda, pegar uns artigos e conversar sobre o

> artigo, dar opinião e ouvir a opinião do colega, discutir escutar a opinião defender a sua. Conversas com os professores. Essa parte da prática, do contato, isso é uma coisa que eu levo assim da minha formação de mais importante. (ENTREVISTADA C)

Para a entrevistada supracitada, sua trajetória formativa se deu de maneira satisfatória, em relação aos conhecimentos abordados através de interações significativas. Retratando isso, cita a carreira na docência do Ensino Superior, como possibilidade em seu futuro. Tardif (2017, p. 64) refere que essa relação de interação rotineira no ambiente da sala de aula, contribui com os saberes profissionais da docência, mobilizando tais saberes e que "é impossível identificar imediatamente suas origens: os gestos são fluidos e os pensamentos, pouco importam as fontes, convergem para a realização da intenção educativa do momento".

No momento em que as entrevistas foram realizadas, a pandemia ainda estava bastante presente no cotidiano educacional, ou seja, os encontros das aulas nas IES dos sujeitos da pesquisa, na maior parte do tempo, ocorreram em ambiente virtual. A esse respeito, relacionando com as experiências do entrevistado A, ele relata

> A pandemia ainda influenciou um pouco as experiências do 1º semestre. Agora no 2º semestre já teve mais cadeiras práticas e no futebol tá sendo agora nesse momento, muito produtivo. Aí até o professor introduziu uma atividade de extensão e a gente tá podendo acompanhar esse trabalho junto com ele de fazer alguma iniciação ou uma melhora na função de exercícios para desenvolver habilidades técnicas. Tem muita inibição por parte dos colegas mais novos (de idade). Agora nas aulas remotas, somente eu e mais uns 3 colegas que abrem a câmera e interagem com os professores durante as aulas em uma turma de 20 aproximadamente. Eu, um colega de 60 e um na faixa dos 40 anos de idade. (ENTREVISTADO A)

O entrevistado percebe a necessidade de atividades que complementem o processo de aprendizagem em suas aulas, por isso cita uma atividade prática com o formato de extensão[20]. Como ele está no princípio do curso, tal vivência contribui de forma significativa na sua trajetória formativa, pois "com base nessas experiências, os graduandos têm um contato antecipado com o ambiente de trabalho, o que para muitos ocorre somente com o início dos estágios curriculares supervisionados" (TURRA; DA COSTA; ROSSI, 2019, p. 97). Sobre o absentismo dos colegas citados pelo entrevistado A, se faz importante ressaltar que o trabalho do professor no

[20] As atividades de extensão são serviços oferecidos por algumas IES, para a comunidade externa. Nelas, tanto professores quanto os graduandos, organizam as atividades ofertadas para que a população em geral possa participar.

cotidiano “é fundamentalmente um conjunto de interações personalizadas com os alunos para obter a participação deles em seu próprio processo de formação e atender às suas diferentes necessidades” (TARDIF, 2017, p. 141). A pandemia expôs as fragilidades da educação brasileira. Isso se evidencia na descrição feita pelo entrevistado A, no qual os professores ficam na expectativa de interação e resposta aos estímulos da aula virtual, enquanto os estudantes acreditam que apenas o fato de estar conectados ao ambiente da aula, predominantemente de forma passiva, se faz suficiente para o processo de aprendizagem. Para tal situação, Tardif (2017, p. 141) expressa

> Eis por que esse trabalho exige, constantemente, um investimento profundo, tanto do ponto de vista afetivo como cognitivo, nas relações humanas com os alunos. Essas relações podem dificilmente ser superficiais. Elas exigem que os professores se envolvam pessoalmente nas interações, pois eles lidam com pessoas que podem desviar e anular, de diferentes maneiras, o processo de trabalho e das quais eles devem obter o assentimento ou o consentimento, e mesmo a participação.

No que se refere as vivências práticas da docência e as interações com seus professores na graduação, o entrevistado D, explana sobre os pontos significativos de sua trajetória formativa em Licenciatura

> Na Educação Física além de alguns professores que marcaram com as aulas e os ensinamentos, teve os estágios né? Para mim o principal foram os estágios. Foi ali que eu vi que era ali mesmo, que eu estava no caminho e tal e que eu não tive mais arrependimentos. Foi a parte que foi a cereja do bolo, foram os estágios e alguns professores também né? Foi basicamente isso aí. (ENTREVISTADO D)

Nesse sentido, o entrevistado supracitado estabelece pertencimento ao processo de aprendizagem a partir das experiências de estágio, pois relaciona a prática como processo significativo do seu percurso acadêmico. Quando refere os “ensinamentos” gerados nas aulas e os professores que “marcaram” esse processo para o entrevistado D, Tardif (2017, p.181) alega que pela bagagem dos seus saberes experienciais, os docentes “retraduzem sua formação anterior e a adaptam à profissão, eliminando o que lhes parece inutilmente abstrato ou sem relação com a realidade vivida e conservando o que pode servir-lhes, de uma maneira ou de outra, para resolver os problemas da prática educativa”. Esse autor complementa que “para as faculdades de educação, o reconhecimento da prática da profissão como processo de aprendizagem profissional deveria incluir o desenvolvimento de uma parceria com

os professores, de modo que estes tomem parte, diretamente, na formação de professores" (TARDIF, 2017, p.181).

Para o entrevistado B, que no período das entrevistas, era concluinte do curso de Educação Física Bacharelado, as relações significativas estabelecidas em sua trajetória formativa estão atreladas ao processo de participação de um projeto de extensão e nas interações com seus professores.

> O que mais me agregou foram os valores que os professores com muita experiência e uma bagagem de conhecimento muito grande, nos transmitiram. Profissionais realmente excelentes! Outro momento bem importante, foi uma experiência com um projeto de extensão dentro da faculdade, com o paradesporto (natação e dança) [...] e daí para mim foi muito agregador porque eu tive a possibilidade de ser professor de natação, professor de dança e assim ter uma noção de participação, né? De poder estar ali com a vivência de um professor, né? [...] Depois tive a oportunidade de atuar com pessoas da terceira idade em um projeto (de extensão) da faculdade [...] Foi uma ótima experiência com essas alunas dele, são pessoas maravilhosas que me receberam super bem também e tudo isso agregou no meu conhecimento e trazendo mais humanidade assim [...] todas essas vivências que eu tive, eu carreguei para o meu tcc e foi aí que eu desenvolvi o meu tcc, falando sobre corrida para pessoas da terceira idade, sobre os fatores motivacionais que levam as pessoas a praticar ainda esportes de corrida, principalmente na terceira idade. (ENTREVISTADO B)

Nesse contexto, salta aos olhos o vínculo estabelecido pelo entrevistado quando afirma o sentimento de "estar ali com a vivência de um professor", mesmo ele não estando na grade curricular do curso de Licenciatura. Sobre o fato de se reconhecer e aprender a ser um professor, a autora Silva (2009, p.63) traz em sua dissertação que "não constitui-se em um processo definido para momentos ou períodos, como poderíamos nos referir a um curso de formação, ou mais especificamente, a disciplinas do referido curso, mas ocorre contínua e cotidianamente".

Dentro do processo de idealização do seu trabalho de conclusão de curso, a vivência prática incentivou a opção pelo seu objeto de estudo, se tornando assim, uma experiência fundamental nesse processo, pois o entrevistado B narra que após essa atividade junto ao grupo de pessoas da terceira idade, ele formulou seu objeto de pesquisa, tornando então, uma vivência significativa de compreensão e reflexão dos aprendizados práticos gerados a partir desse contexto. Sobre isso, a autora supracitada diz que

> é relevante considerarmos que as aprendizagens somente serão significativas a partir do momento em que exista uma tomada de consciência por parte do sujeito aprendente sobre esse processo. E para isso, certamente existem espaços que se propõe a uma abertura para reflexão e conscientização que são mais significativos que outros, espaços que traduzem implícita ou explicitamente, essa preocupação e que estimulam/mediatizam esse olhar retrospectivo sobre as aprendizagens da docência. (SILVA, 2009, p.63)

Quanto ao dualismo de formação inicial em que os sujeitos desta pesquisa estão inseridos, os entrevistados apontam suas percepções acerca da construção profissional em Educação Física, sendo a Licenciatura e o Bacharelado os pontos centrais destas representações. O entrevistado A cita a possibilidade de reingresso à graduação em Educação Física, para cursar Licenciatura, e aponta uma carga horária maior de disciplinas curriculares do que o reingresso inverso (um acadêmico formado em Bacharelado que retorna para concluir formação em Licenciatura)

> Eu acho justo mesmo, a Licenciatura tem que saber mais que o Bacharelado, tem essa questão pedagógica, teórica etc., lida com a criança mais amplamente assim no seu desenvolvimento, eu já entro em uma área mais especifica, as abordagens são diferentes. (ENTREVISTADO A)

Nota-se uma alteridade saliente em sua interpretação sobre o desempenho do graduado em Licenciatura comparado ao graduado em Bacharelado. Para ele, o processo pedagógico está aproximado ao processo de desenvolvimento amplo do ser humano. Já para a atuação do Bacharelado, há uma abordagem restritiva nesse contexto. Sobre isso, a pesquisa de Turra, da Costa e Rossi (2019, p.94) concluiu que a compreensão do ser professor para acadêmicos de Educação Física

> significa agir para a transformação social, é o profissional que está apto e capacitado para mediar seu conhecimento adquirido/construído no decorrer da formação para os alunos de maneira crítica e reflexiva para que, assim, possa incidir uma **transformação na vida do aluno**, lembrando que ambos são detentores de conhecimento e podem ensinar e aprender conjuntamente. (grifo nosso)

Contrapondo essa ideia de dualidade nas ações profissionais da Educação Física, o entrevistado A acredita no ato docente em ambas as habilitações do curso, no qual ele percebe que a interação social disponível em uma ou em outra, é passível de ações pedagógicas que remetem ao processo de ensino-aprendizagem, que já citado anteriormente e reiterado na fala do entrevistado a seguir, pode ser entendido como forma exclusiva de atuação dos espaços formais de educação.

> Se fala que o professor de Educação Física dentro da escola é uma coisa e fora da escola é do Bacharelado, mas eu diria para ti que ambos estão ensinando, não numa amplitude maior (Bacharelado), mas aí na hora que tu tá querendo que ele ensine o futebol, o vôlei, a patinação, tem que ter a pedagogia da modalidade, ou seja, é professor. Não é um ensino num conceito mais amplo, que segue um currículo, que tem x horas, tem que fazer nota, nisso eu concordo que é diferente, mas no dia a dia, no contato com o aluno, ele tá fazendo o trabalho de professor, como docente. (ENTREVISTADO A)

Nesse sentido, o entrevistado A atribuiu uma distinção nas habilitações da Educação Física, relacionando à elas, um aspecto curricular. Além disso, cita que no cotidiano da Educação Física, podemos perceber o ato docente, pois "as concepções do que é ser professor significam o entendimento a respeito da função deste profissional e são resultantes das representações construídas durante a trajetória de vida" (TURRA; DA COSTA; ROSSI, 2019, p. 104).

Na questão da estabilidade de atuação profissional, o entrevistado B fala sobre o sentimento de segurança, atrelando a percepção de mais possibilidades de campo de trabalho para o Bacharelado em Educação Física.

> Eu sei que sempre vai ter áreas de atuação e principalmente existem vários nichos dentro do Bacharelado que são bem bons assim né? São estáveis. Então acho que sim o Bacharelado pra mim é minha primeira opção. Não vou te dizer a única opção dentro da Educação Física. Talvez eu faça a Licenciatura, mas hoje neste momento, não é uma das minhas prioridades. (ENTREVISTADO B)

Ele cogita o reingresso para formação em Licenciatura, porém sem predileção momentânea, visto que considera uma área de atuação limitada no âmbito das ofertas deste campo. De encontro a essa percepção do entrevistado, a Licenciatura se apresentou como prioridade de formação dos graduandos do estudo de Turra, da Costa e Rossi (2019, p. 96), pois para estes acadêmicos há mais estabilidade e segurança econômica na carreira docente da Educação Física quando comparado à atuação do Bacharelado, pois para eles a Licenciatura é vista como "mais segura profissionalmente. A partir do momento em que o professor se insere em uma escola, seja por meio de um concurso público ou outro processo seletivo, os estudantes consideram que, financeiramente, estarão mais seguros". Esta situação divergente nas percepções de estabilidade, pode ter sua razão nas modalidades curriculares distintas cursadas pelos sujeitos da pesquisa supracitada – estão inseridos no novo modelo de currículo comum; o entrevistado B cursa Bacharelado desde o princípio da graduação.

Ainda sobre a dicotomia do comportamento profissional do Bacharelado e do Licenciado em Educação Física, o entrevistado B, faz um relato bastante expressivo do que ele assimila neste contexto.

> Mas (a figura do) professor, com o tempo, que fui amadurecendo, eu realmente sempre tive essa visão de que o professor é mais importante do que o treinador, porque o treinador é aquela pessoa que tá ali que é o doutrinador, que é o cara que tem que fazer do jeito que ele manda. Eu já sempre preferi o jeito do professor. O professor é aquela figura do teu segundo pai, praticamente. É aquela figura, que de certa forma, é uma pessoa que vai te acolher, que vai ter de receber de braços abertos. [...] Um treinador de futebol que eu tive no (citou o nome do time que jogou) era uma pessoa bem ríspida. Um cara que era linha dura e ele era assim porque ele queria desempenho. Ele queria performance. Então eu acho que a exigência dele obrigava ele a ser assim né? Já o professor não, é aquele cara que consegue lidar com a tua convivência melhor do que o treinador. Já os meus colegas acham que o treinador tem um trabalho mais efetivo do que o do professor. E isso se dá pelo fato de que em função da performance, como um meio de fazer a pessoa ser o melhor, que é extrair aquela coisa de disciplina do esporte. Sendo mais ríspido eles conseguem extrair essa performance. No meu ponto de vista eu acho errado. Eu acho que se tu quiser que a pessoa faça o melhor, tu vai ter que conversar com ela. [...] Eu já não gostaria de ser esse tipo de treinador, mas eu gostaria de ser um professor. Eu acho que o professor ele tem que ser uma pessoa que agrega valor no próximo. O professor ele é aquela pessoa que realmente vai te fazer ser melhor do que tu é, independente do que tu vai fazer. (ENTREVISTADO B)

Sob o ponto de vista apontado pelo entrevistado, o professor é aquele que se destaca pela atenção ao processo de formação humanizada. Que se distingue de uma atenção tecnicista e restrita ao desempenho mecânico do ser humano. Do mesmo modo, a autora Cruz (2012, p.95-96) analisou em sua dissertação, diversas produções sobre formação de professores e observou que

> a existência de argumentos que identificam a Licenciatura vinculada ao processo de formação humana, enquanto o Bacharelado é identificado com a formação profissional. Entretanto, nos cabe alertar que ambos são projetos de formação humana e da forma como estão configurados, são complementares no modo hegemônico de produção da vida, haja vista a questão dos campos de atuação profissional da Licenciatura (espaços formais) e do Bacharelado (espaços não formais).

Desta forma, as vivências do entrevistado B o direcionaram para perspectiva de distinção na maneira de atuação dos graduados em Educação Física, quando estes são habilitados nas ênfases, Licenciatura e Bacharelado. Provavelmente, por ter relacionado sua experiência na juventude no campo do assistencialismo e que esta

ação se faz vinculada à formação humana, no qual ele considera como uma postura de maior afeição, mesmo que, tendo sido oportunizada fora do contexto escolar – projeto social do bairro que residia.

Semelhantemente sobre o aspecto da interação humana do trato pedagógico, o entrevistado D, ratifica a relação estabelecida pelo sujeito anteriormente citado (entrevistado B), onde a função tecnicista se estabelece ao bacharel e o processo humanizado, ao licenciando.

> Na Licenciatura tu tem uma humanização assim que tu não tem muito no bacharel. O bacharel ele é mais técnico né? Então tu tem essa visão mais técnica com o bacharel. De ser treinador de passar treino né? Nem pensava muito sobre a qualidade de vida, era mais treino e performance. A minha visão era toda essa. Claro que eu carrego um pouco disso ainda, mas eu consegui ver nesse processo da Licenciatura essa humanização. (ENTREVISTADO D)

Justamente por assumir um processo de reformulação de suas visões de mundo sobre a docência, que o entrevistado D reforça que a partir do percurso acadêmico e das experiências oferecidas, ele pode reconstruir sua perspectiva como docente, que em seu princípio de curso, não ocorreu assim. Logo, “é na formação inicial que os acadêmicos vão reconstruindo seus saberes sobre o ser professor que foram elaborados na educação básica” (SILVA, 2009, p. 48). Visto que, nesse período os sujeitos passam a contemplar a docência não mais com o olhar de aluno, mas com o olhar de professores que em breve serão (ibid.).

Nas IES de rede privada, é de praxe a integração das habilitações Licenciatura e Bacharelado em um mesmo componente curricular, principalmente pelo fato de poder formar turmas que atinjam um número esperado de estudantes. Digo isto, pelo meu atual exercício como docente no ensino privado, assim como a experiência que ocorreu na época em que eu era estudante da mesma esfera de ensino. Dessa forma, muitas vezes os discentes terão conteúdos que alternam ora em perspectivas da educação ora em condições de saúde e treinamento. Nesse ponto, a entrevistada C, percebeu que tal circunstância conduzia seu aprendizado de forma que a magnitude do aspecto educacional, ficasse destacado para ela.

> Eu vi aqui nas disciplinas que eram voltadas para a educação, uma aula de futebol quando os professores davam uma aula didática, os colegas não prestavam atenção, eles estavam preocupados com o rendimento do músculo, o quanto a criança ia produzir, e se se falasse em criança entende? Eles estavam preocupados na técnica e eu estava preocupada com o social, com outras coisas e eu acho que

> isto, se pegar um profissional Bacharelado e colocar dentro de uma escola não vai ter esse cuidado didático, esse cuidado humano e social que a criança na escola precisa, e mesmo que lá os que tivessem feito (Licenciatura) plena tivessem uma aula de didática de Educação Física escolar eles iriam estar com a cabeça num outro lugar que nem eu quando eu tô na aula de musculação entende? Eu tô fazendo, tô me dedicando, estou aprendendo, mas minha cabeça não é pra aquilo. Eu não tô me vendo lá no futuro dando musculação. Eu estou me vendo, estou tentando relacionar aquilo ali na escola, com as crianças com o corpo da criança entende? Porque a gente mais ou menos direciona, se imagina numa aula quando tu está aprendendo e aí eu vejo que isso pode ou poderia, imagino né? (ENTREVISTADA C)

Uma vez que se percebe a condição de interpretação e compreensão daquilo que traz relevância ao processo de formação acadêmica, a entrevistada referida, cita o seu processo de assimilação dos conteúdos, mesmo quando apresentados de maneira generalista, ou seja, sem a definição do contexto escolar. Sobre esses conteúdos ministrados de forma a contemplar uma única disciplina, Cruz (2012, p.118) afirma que “são os mesmos, o que vai mudar é a intencionalidade pedagógica. A definição para os campos de atuação entre formais e não formais desconsidera a docência como a base em qualquer local de intervenção profissional”. Assim, é pertinente reforçar que o

> Despertar em um acadêmico a capacidade de refletir sobre a ação é encorajá-lo para que construa seus saberes sobre a docência e tenha confiança de usá-los no cotidiano das aulas. embora exista a compreensão de que a aprendizagem seja um processo em grande parte interno de cada sujeito aprendente, a partir da ressignificação e reconstrução de suas experiências subjetivas, a construção do ser docente não se limita a essa compreensão, ela perpassa processos de interação social. (SILVA, 2009, p. 56-57)

As relações estabelecidas no cotidiano acadêmico, tendem a colaborar com a ratificação ou retificação dos caminhos projetados, pois mesmo sendo um aspecto subjetivo no qual o sujeito criou expectativa para sua trajetória formativa, estes estão passíveis de inquietações e incertezas. Sobre isso, a entrevistada C relata que para ela não houve esse processo de hesitação, entre a Licenciatura ou Bacharelado, porém ela relata que para seus colegas, em início de curso, isso ocorre de forma costumeira.

> Mas eles têm essa questão de ser difícil escolher no início, tanto é que eu tenho vários colegas que trocaram ao longo do curso, foram do Bacharelado para a Licenciatura ou contrário. Eu acho que é bem isso, é difícil escolher no início para a maioria, mas eu acho importante a

> divisão. Acho importante direcionar sim. Porque tem momentos que são mais voltados para a educação escolar, para a vida e não para o rendimento. E isso que diferencia muito os dois. Qual o objetivo da escola? Qual o objetivo da escolinha? É um abismo de diferenças, não dá pra colocar tudo no mesmo bolo, né? E talvez hoje essa matriz comum no início possa ajudar a direcionar para que esses que ficaram indo e vindo, tanto da Licenciatura quanto do Bacharelado, pudessem escolher com mais tranquilidade, sabe? (ENTREVISTADA C)

Como forma de contribuição ao processo de seleção entre as ênfases da Educação Física, sobretudo na área da Licenciatura, as atividades de cunho prático, como estágios e/ou projetos de extensão, poderiam ser oferecidas já no princípio do curso, e não como encontramos formalmente nas IES[21] atualmente. Assim,

> as atividades práticas realizadas durante a formação Inicial na escola pelos acadêmicos podem possibilitar uma amplitude na percepção sobre a prática, sendo possível desenvolver uma maior instrumentalização através da experiência, que nos possibilite, quando professores, ter subsídios para desenvolvermos nossa atividade docente. Estas experiências precisam ser acompanhadas de um pensar sobre. Por isso, despertar a criticidade no acadêmico informação é proporcionar-lhe autonomia nas suas atividades diárias, bem como, a reflexão durante toda a trajetória formativa. (SILVA, 2009, p. 59)

Findando os questionamentos aos participantes deste estudo, eles foram indagados a refletir sobre como a formação em Educação Física se relaciona com seus projetos de vida, pois segundo Velho (2003) o sujeito prediz seu futuro a partir de um projeto individual, porém a partir dos campos de possibilidade que vislumbra e negocia com a realidade. Para a noção de projeto, Velho (2003, p. 101) entende como "a conduta organizada para atingir finalidades específicas". Em vista disso, o indivíduo tratará seu projeto de forma antecipada, imaginando quais papéis, cargos e status poderá alcançar em seu futuro. Logo, o sujeito avista uma carreira, sendo essa, traçada por um projeto, mas também considerando projetos distintos, tanto no campo individual quanto coletivo. Assim, seu campo de possibilidades poderá modificar-se com projetos inéditos, pois poderá atribuir outros significados à realidade que experimenta. Deste modo, o cenário se tornará recorrente no que diz respeito ao processo de negociação e metamorfose do sujeito.

---

[21] Os estágios curriculares obrigatórios, são disponibilizados apenas ao final dos cursos de graduação, pois a concepção de trajetória formativa que instrumentalize os graduandos de forma eficaz, se dá ao sujeito que está concluindo o curso. Essa estratégia vincula-se ao processo de "mão-de-obra barata", quando a intenção de proporcionar aprendizado *in loco* se desfaz.

No âmbito da formação que caberá ao processo de legalização da atuação profissional, o entrevistado A – que já possui formação no Ensino Superior, em Economia – reitera seu projeto de vida no ramo do futebol

> Vai encaixar como se diz assim, como uma luva né? Eu tô precisando muito do aprendizado, desse conhecimento. Eu já tenho muito conhecimento adquirido de outra forma no caso né? Porque eu leio os livros sobre o assunto, já vinha fazendo isso. Eu só posso trabalhar no futebol se for ex-jogador de futebol profissional com algum tempo porque caso contrário a tendência é não entrar no círculo, então a barreira da profissão ela está associada a essa condição de ter habilidade, habilitação ou como jogador e daí pela CBF[22] pelos cursos que a CBF dá, só não pode fazer preparação física, mas pode ser treinador de futebol. (ENTREVISTADO A)

Para o entrevistado B, estudar durante a pandemia, trouxeram muitas reflexões e momentos de projeção das etapas finais de sua graduação. Mesmo apresentando algumas inseguranças, ele pode confirmar seus desejos.

> Eu tive bastante tempo para pensar no meio dessa pandemia. Nada é como a gente quer. Nada é como a gente espera que seja. A gente tem que se desdobrar e a pandemia veio para agregar nesse sentido. Onde a gente tem que realmente se desdobrar para fazer o nosso melhor para esperar o que pode vir né? Então eu como futuro educador físico, eu penso que realmente tem que saber jogar o jogo. Tem que saber se introduzir primeiramente né? Tem que saber buscar o que se quer, do jeito que a gente acha que tem que ser, mas a gente não pode achar que é algo definitivo. Aquilo que eu vou fazer pode não dar certo e vou ter que fazer de um outro jeito e se não der certo de novo vou ter que fazer de novo e dá medo, mas a gente tem que ser convicto porque a gente tá entrando de cabeça no que vai fazer e tem que fazer porque gosta e a Educação Física me mostrou que é algo que eu realmente gosto. Então eu acredito que sim a gente tem bastante desafios, desafios bons e trabalhar com que a gente gosta é fundamental. A gente não pode ficar no achismo. A gente tem que ter convicção do que tá fazendo. Então realmente eu acho que tem que ir buscar mais e a gente só vai ter certeza depois que fizer né? E eu percebo que na Educação Física quando fazemos algo bem-feito e com carinho, a gente tem retorno disso. É reconhecido. E fazer as pessoas se sentirem bem, e é essa sensação de um trabalho bem-feito que me motiva. (ENTREVISTADO B)

Destaca-se na fala do entrevistado, o fato de demonstrar obstinação para atuação profissional no campo da Educação Física. Mais ainda, o processo explícito de ponderação que o levou a repercutir para si sobre sua carreira profissional.

---

[22] Confederação Brasileira de Futebol, que atua nos aspectos de regulamento, fiscalização e organização dos campeonatos entre clubes e associações vinculadas ao futebol profissional em território nacional.

Provavelmente, com as circunstâncias de isolamento social trazidos pela pandemia, essas reflexões citadas por ele, trouxeram em certa medida, algum conflito pessoal. Nesse contexto, Velho (1981, p. 44) relata que isso pode causar “angústia da individualização”. E neste caso, somos expostos às cobranças sociais de talvez não termos clareza dos nossos projetos e assim “não saber o que se quer” (VELHO, 1981, p. 44).

Já na fala da entrevistada C, percebe-se uma convicção no seu desejo de projeto de vida. Inclusive, relata certa ansiedade nesse processo, já que no período da entrevista, estava há poucos meses de concluir sua graduação.

> Nossa. Puxa. Totalmente. Não quero fazer outra coisa. Não vejo outra coisa a não ser a Licenciatura, senão estar em uma escola. Eu olho o site da Seduc (secretaria de educação) todos os dias para ver se tem inscrição pra Educação Física. Eu só estou esperando terminar a minha prova para começar a enviar o meu currículo para as escolas particulares. Me vejo estudando para concurso. Estou hoje trabalhando como auxiliar de ensino em uma escola pleiteando uma vaga um dia, mas eu estou ali com olho nas oportunidades da Licenciatura. Isso é a coisa mais certa da minha vida hoje é dar aula de Educação Física. Não tenho outra opção pra mim (risos). Eu pretendo fazer pós, eu pretendo fazer Bacharelado para ganhar dinheiro, fazer mestrado e dar aula numa faculdade e continuar trabalhando em uma escola esse é o meu projeto de vida hoje e profissional. (ENTREVISTADO C)

Mesmo com indubitabilidade acerca da atuação profissional em Educação Física Escolar, a entrevistada demonstra representar a sua escolha ao processo de baixa remuneração, quando afirma pretender o reingresso para concluir também a ênfase no Bacharelado. Em vista disso, Cruz (2012, p.105) relata que

> [...] tal dualidade é um mecanismo de ajuste às novas configurações no mundo do trabalho, pois a dita “expansão” para o setor de serviços faz crescer a demanda por formação profissional flexível. Não é raro professores licenciados atuarem no setor de serviços, assim como, podemos vislumbrar uma predominância dos bacharéis neste mesmo setor ou na tentativa de complementarem a sua formação na Licenciatura, o mesmo acontecendo com os licenciados. Muito por conta do desemprego estrutural.

Por fim, a relação contraditória estabelecida pelo entrevistado D, que demonstrou focar na carreira docente – inclusive, já está inserido nesse contexto – mas atribui seu projeto de vida, com menção familiar, na atuação vinculada às atividades físicas.

> Bah, agora (risos e pausa pensativa). A minha vida sempre foi voltada para atividade física né? Tem uma grande relação né? Tanto que aqui em casa eu tenho uma esposa e um filho... meu filho tem 3 anos é ativo, ativo, ativo. A minha esposa treina comigo de noite e ele treina junto. É uma coisa que eu levo pra eles junto, então nesse planejamento de vida, planejamento familiar tem muita relevância. O meu sogro também caminha e começou a se incentivar através de um pouquinho da questão da saúde dele, que tem que cuidar, mas também um pouquinho através de mim. Alguns primos da minha esposa que são jovens de 15 anos e também correm através de mim. Tá lincado sim. Só falta meu pai e minha mãe que não fazem nada (risos), mas a graduação em Educação Física está vinculada à minha família e ao meu plano de vida, digamos assim. (ENTREVISTADO D)

Ele estabelece a formação em Educação Física de forma ampla e não fragmentada à Licenciatura ou Bacharelado. E no contexto de sua trajetória de vida, busca operar no seu projeto. Um projeto individual sempre interagirá com outro, dentro de um campo de possibilidades. Para Velho (2003, p.46), "[...] Não operam num vácuo, mas a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos". Desta forma, o entrevistado D, transita na complexidade subjetiva de sua ideia de projeto de vida. E, por ser complexo "os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes, até contraditórias. suas pertinência e relevância serão definidas contextualmente" (VELHO, 2003, p.46).

Ao lançar aos entrevistados a proposta de discorrerem sobre sua trajetória formativa, foi possibilitado a eles, reviver todo este percurso, revisitando suas memórias e experiências de vida. Apesar de os sujeitos dessa pesquisa demonstrarem muita satisfação com suas opções de formação acadêmica, ficou evidente que ainda se percebe vulnerabilidade no âmbito de valorização remunerativa e vislumbre de oportunidades efetivas no campo educacional.

Outro ponto a se destacar nas falas dos entrevistados, foram os momentos percebidos como significativos para eles, nos quais os estágios, as interações com seus professores e a participação em atividades extracurriculares, como projetos de extensão, por exemplo, constaram de maneira evidente. Há de se sinalizar, como sugestão, ponderar o momento da graduação em que é oferecida a possibilidade de estágio curricular, ou seja, com acompanhamento acadêmico. Desta forma, a orientação das possibilidades de atuação profissional se dá no princípio do curso, colaborando assim, com a identificação de área, pois atualmente são disponibilizados os campos de estágio na porção final do curso, com a justificativa de que o acadêmico estará mais apto à atuação profissional.

É importante refletir que “a formação de professores e o conhecimento sobre a docência não se inicia quando se ingressa no curso de formação, mas sua aprendizagem sobre ser professor, inicia-se ainda quando aluno na educação básica” (SILVA, 2009, p. 48).

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando passamos por uma temporada tão significativa quanto o percurso de um mestrado, é comum nos depararmos com situações que causem desconforto e até mesmo arrependimentos. Compartilho, de forma muito sincera, que precisei recuar muitas “casas” desse tabuleiro para me encontrar e assim, recuperar o prazer ao me debruçar nas leituras necessárias para a construção desta pesquisa. E, por isso, lamento não ter ingressado neste PPG com uma base mais estabelecida acerca das Ciências Humanas e Sociais, mais especificamente a Antropologia.

O arremate da escrita desta dissertação, me parece um caminho intermediário entre duas versões de mim, separadas por um período de um pouco mais de dois anos: uma estudante inquieta cheia de expectativas e uma aspirante à pesquisadora da educação, destacando a área da Educação Física. Percebo então, que carrego fragmentos destes dois olhares, visto que me sinto em construção no contexto da pesquisa e para isso, permaneço no lugar de aprendiz. Trata-se, como afirma Tardif (2010, p. 83), de uma espécie de "rito de passagem da condição de estudante à de professor".

Neste sentido, reforço que concomitante aos meus conflitos como estudante de mestrado, enfrentamos ainda a circulação do vírus causador da COVID-19, que atualmente está em remissão, visto que a vacinação avançou e nos permite ter esperanças de não mais registrarmos milhares de mortes em apenas um dia[23] em nosso país.

Dito isso, após esse precioso período de desenvolvimento e aprendizagem, com a intenção de buscar um “pluralismo de saberes” (TARDIF, 2017, p. 180), fica muito claro que as interpretações que aqui foram produzidas, não devem ser encaradas como definitivas ou permanentes, pois o conhecimento se concebe através de um processo passageiro, suscetível às interpretações inéditas e de novas indagações, favorecendo assim, ao avanço das produções da comunidade científica brasileira.

Através de uma investigação qualitativa, esta dissertação teve como propósito o seguinte objetivo: que a investigação estabelecida por este estudo, teve como

[23] Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2021-06-17/brasil-registra-o-maior-numero-de-mortes-diarias-por-coronavirus-desde-o-final-de-abril-e-volta-a-acelerar-contagios.html

objetivo principal: **compreender as percepções de discentes de Educação Física, de IES privadas em POA, acerca da Licenciatura como possibilidade de formação inicial.**

Distante de pretender assimilar e identificar todas as percepções destes acadêmicos na delimitação investigada, esta pesquisa exibiu considerações sobre um contexto de característica singular, mas que, em paralelo aos estudos apresentados no embasamento teórico, demonstraram-se semelhantes ao demais sujeitos indagados sobre a mesma temática.

Neste estudo, foi possível entender, que a pesquisa sobre a opção formativa em Licenciatura está atrelada a uma variedade de áreas de conhecimento, além da própria Educação Física, tais como: Pedagogia, Sociologia, Antropologia, entre outras. Isto foi perceptível ao sondar e ler estudos que referenciam essas grandes áreas do conhecimento.

A circunstância de que a formação inicial em Licenciatura, segundo os sujeitos entrevistados, manifestou uma menor procura nos últimos anos, se apresentando assim de forma limitada nos cursos de Educação Física, demonstrando certo declínio e desvalorização social desta atuação profissional. Perpassando desde questões familiares até por ideias de oportunidade de mercado de trabalho. Este último, retificado no segundo subcapítulo deste texto.

Ainda assim, foi possível interpretar que mesmo metade dos acadêmicos entrevistados sendo oriundos da Licenciatura em Educação Física, suas próprias percepções corroboram ainda com a ideia inserida de remuneração baixa e falta de chances de atuação profissional.

Ao tratar das percepções da Educação Física como opção formativa, de forma generalista, os sujeitos possuíam ideias semelhantes. Neste contexto, foi possível observar que, apesar de existir uma consonância em relação às práticas esportivas na trajetória escolar, sendo fundamentalmente uma motivação para tal preferência ao ingressar no ensino superior, os olhares sobre a Licenciatura são ampliados, desde uma noção sobre atuação com mais humanidade, até o entendimento sobre o ato pedagógico de forma apurada.

Analisei, ainda, sobre o ato pedagógico como uma constante dentro do processo de interação humana, para além dos espaços escolares, ou seja, o processo de ensino-aprendizagem é encontrado na dinâmica de atuação profissional também do acadêmico que se habilita em Bacharel. Fato este, que só é concebido, quando os

sujeitos se deparam com a realidade da prática de estágio ou em atividades de extensão, mesmo eles afirmando compreender desde sua infância e juventude, a presença da docência, de maneira comprometida e efetiva, como fator determinante para vislumbrar as práticas corporais de forma prazerosa.

Sendo assim, é perceptível que ao refletir sobre a opção formativa em Licenciatura, deve-se levar em consideração os mais diversos aspectos expostos neste estudo, pois a vigência curricular somente proporciona tal caminho, ao final da trajetória de formação acadêmica. E, somente um dos sujeitos participantes, não estava em currículo antigo, ou seja, os demais entrevistados fizeram a opção em Bacharelado ou Licenciatura já no ingresso do curso em Educação Física.

Salienta-se que esta pesquisa, contou com a colaboração de quatro discentes de Educação Física, de diferentes momentos de formação inicial, e que não possuíam quaisquer ligações pessoais. Logo, suas contribuições puderam gerar inúmeras reflexões de maneira individualizada, apesar do pequeno número de delimitação desta dissertação.

Ao longo da construção desta pesquisa, busquei tratar sobre o dilema e as tensões geradas durante décadas sobre a Educação Física e suas possibilidades de atuação profissional. Contudo, após os momentos da escrita da análise das informações produzidas, alguns questionamentos permanecem em minha mente: o novo currículo de ingresso generalista, fomentará uma maior ou menor dicotomia entre a Licenciatura e o Bacharelado? A Licenciatura necessita de políticas públicas que aumentem as possibilidades de adesão à esta ênfase? É a partir de um contexto de valorização social que a busca pela formação específica em Licenciatura ocorrerá efetivamente?

Apesar destas perguntas serem amplas e provocantes, faço-as sem a pretensão de respondê-las neste momento, pois creio que estas e muitas outras surgirão no debate necessário deste trabalho e assim, culminando em prováveis novas pesquisas, com novos objetos de estudo nesta temática, com ou sem minha participação.

Aqui, encerro minha escrita. Com a expectativa de ter alcançado, a partir da sua leitura, pensamentos sobre a formação inicial em Educação Física, a opção formativa e a Licenciatura. Além disso, a profissão professor deveria ser compreendida desde a época pré-escolar até a chegada no ensino superior, com a devida importância e valor. Para que assim, fosse possível nos reconhecermos, uns

com os outros, como sujeitos competentes, e de igualdade de aprendizagem mútua. Que os licenciandos e os bacharéis nada tenham que provar ou mostrar, mas sim aprender com o outro como realizar melhor o ofício em comum, a Educação Física. (TARDIF, 2017).

# 4 PRODUTO DE PESQUISA

O produto educacional exigido pelo PPG e proveniente desta investigação, constitui-se em um *website* que abordará os assuntos comuns à Educação Física em geral, independentemente da ênfase, Bacharelado ou Licenciatura. Visto que a legislação vigente, pertence às Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física e que, anteriormente apresentado nesta dissertação, prevê um currículo comum no princípio do curso. Logo, é necessária a movimentação imediata sobre o debate das práticas profissionais que serão vislumbradas por estes discentes.

O objetivo deste produto é promover conteúdos que possam auxiliar acadêmicos em período inicial de formação, quanto discentes que estejam se aproximando da colação de grau, quanto às possibilidades de aprofundamento das temáticas em consonância na Educação Física, tais como: recomendação de literatura clássica do curso; sugestão de filmes/séries que abordem contextos da Educação Física; calendário de eventos, processos seletivos e concursos da área afim; promover *lives* para dialogar práticas bem disseminadas nos ambientes da atuação profissional; entre outros.

Este produto está em fase protótipo e terá como domínio: www.efemconvergencia.com.br. Tenho a pretensão de vincular no endereço da *web,* as redes sociais mais comuns, como Instagram e YouTube, para ser um veículo de comunicação ativa e principalmente interativa.

Assim que finalizado, será divulgado junto à comunidade acadêmica através das redes sociais do GEPRACO, assim como os canais oficiais de comunicação da UERGS.

## REFERÊNCIAS

BARRETTO, Elba Siqueira de Sá. Trabalho docente e modelos de formação: velhos e novos embates e representações. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, p. 427-443, 2010.

BECKER, ALK; FERREIRA, Lucimar Martins; KRUG, Hugo Norberto. O interesse ou desinteresse dos futuros professores pela atuação na Educação Física escolar. **Jornada Académica Integrada**, v. 14, p. 1080-1092, 1999.

BOTH, Vilmar José. Crise estrutural do capital, mudanças no mundo do trabalho e suas mediações na Educação Física. **Motrivivência**, v.23, n. 36, p. 45-62, jun. 2011.

BRACHT, Valter. Aprendizagem social e Educação Física. **Porto Alegre: Magister**, p. 69-89, 1992.

_____, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física**. Cadernos CEDES, Campinas, n. 48, p. 69-88, 1999.

BRASIL, Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. **Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país**. Disponível em https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html Acesso em 13 de julho de 2022.

_____, Lei nº 10.793, de 1º de dezembro de 2003. **Dispõe sobre o componente curricular da Educação Física ser facultativa aos estudantes do turno noturno**; altera a redação do art. 26 e do art. 92 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em http://www. planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/2003/L10.793.htm#art26§3 Acesso em: 12 de julho de 2022.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Publicado no D.O.U. Institui **Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física** e dá outras providências. Resolução nº 6, de 18 de dezembro de 2018.

CRUZ, Amália Catharina Santos. **O embate de projetos na formação de professores de Educação Física: além da dualidade Licenciatura-Bacharelado.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

DARIDO, Suraya Cristina. A Educação Física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista brasileira de Educação Física e esporte**, v. 18, n. 1, p. 61-80, 2004.

_____, Suraya Cristina. Diferentes concepções sobre o papel da Educação Física na escola. **Cadernos de Formação: Conteúdos e Didática de Educação Física, São Paulo**, v. 1, p. 34-50, 2012.

D'ÁVILA, Ronaldo Castro. **As representações sociais dos professores da graduação em Educação Física sobre o Bacharelado e a Licenciatura.**

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

DELUCA, Gabriela; ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei; CHIESA, Carolina Dalla. Projeto e metamorfose: contribuições de Gilberto Velho para os estudos sobre carreiras. **Revista de administração contemporânea**, v. 20, p. 458-476, 2016.

DO PRADO, Vagner Matias; ALTMANN, Helena; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Condutas naturalizadas na Educação Física: uma questão de gênero. **Currículo sem fronteiras**, v. 16, n. 1, p. 59-77, 2016.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**. Zahar, 2000.

FAVATTO, Naline Cristina; BOTH, Jorge. Motivos para abandono e permanência na carreira docente em Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 41, p. 127-134, 2019.

FERNANDES, Neiva Santos Masson. **Quem quer ser professor ou professora? Um estudo com graduandos dos cursos de Licenciatura da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.** Dissertação (Mestrado). 2013.

FERREIRA NETO, Rubem Barboza. **Entre o sonho e a realidade: o" status quo" da Educação Física escolar brasileira.** 2022. Tese (Doutorado). Universidade de Santiago de Compostela.

FIGUEIREDO, Zenólia C. Campos. Formação docente em Educação Física: experiências sociais e relação com o saber**. Movimento**, v. 10, n. 1, p. 89-111, 2004.

FOLLE, Alexandra *et al*. Construção da carreira docente em Educação Física: escolhas, trajetórias e perspectivas. **Movimento**, v. 15, n. 1, p. 25-49, 2009.

_____; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. Aderência à profissão Educação Física: estudos de casos do magistério público estadual de Santa Catarina. **Revista da Educação Física (UEM),** v. 20, n. 3, p. 353-365, 2009.

FRAGA, Alex Branco. **Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa.** Tese (Doutorado). Porto Alegre: UFRGS, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Como fazer pesquisa qualitativa.** São Paulo: Atlas, v. 1, 2021.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE-revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

HONORATO, Ilma Célia Ribeiro. **As Representações sociais dos acadêmicos do Curso de Licenciatura em Educação Física sobre o que é Ser professor.** Tese (Doutorado). Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR/, 2017.

IORA, Jacob Alfredo; SOUZA, Maristela da Silva; PRIETTO, Adelina Lorensi. A divisão Licenciatura/Bacharelado no curso de Educação Física: o olhar dos egressos. **Movimento**, v. 23, n. 2, p. 461-473, 2017.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 3ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LOPES, Andressa Ceni; WITTIZORECKI, Elisandro Schultz. Ser professor: reflexões sobre experiência artesanal a partir de narrativas docentes; p. 296-316. In Gabriela Nobre Bins, Rodrigo Alberto Lopes, Vera Regina Oliveira Diehl (orgs.). **Educação Física na escola: entre demandas curriculares e experiências artesanais.** Porto Alegre: ESEFID/UFRGS, 2016.

MARTINS JUNIOR, Joaquim. O professor de Educação Física e a Educação Física escolar: como motivar o aluno? **Journal of physical education**, v. 11, n. 1, p. 107-117, 2000.

MASCHIO, Alexandre Vieira *et al*. As motivações para a escolha do curso de Licenciatura em Educação Física: um diálogo com acadêmicos em formação inicial. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**, 13, Cachoeira do Sul, RS,2008. Anais. Cachoeira do Sul, RS: ULBRA, 2008. p. 1-9.

MORSCHBACHER, Marcia. **Reformas curriculares e formação do (novo) trabalhador em Educação Física: a subsunção da formação à lógica privada/mercantil**. Dissertação (Mestrado). Pelotas: ESEF: UFPel, 2012.

NOZAKI, Hajime Takeuchi. **Educação Física e reordenamento no mundo do trabalho: mediações da regulamentação da profissão.** Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: UFF, 2004.

PEREIRA, Gabriella Da Silva; FIGUEIREDO, Zenolia Christina Campos. O tornar-se professor de Educação Física na formação inicial: um olhar sob as narrativas de formação. **Motrivivência**, v. 30, n. 56, p. 62-75, 2018.

RAMALHO, Carla Chagas; CARDOSO, Fernanda de Souza. A adequação à exploração do mercado de trabalho via segmentação da Licenciatura e Bacharelado em Educação Física. **Revista Pensar a Prática**, v.24. 2021

RAZEIRA, Maurício Berndt *et al.* Os motivos que levam à escolha do curso de Licenciatura em Educação Física e as pretensas áreas de atuação**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 124-136, jul./dez. 2014.

RIBEIRO, Daniele Bueno Godinho. **Licenciatura e Bacharelado: a formação profissional na área de Educação Física.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba/MG: 2012.

RIGO, Luis Carlos; RIBEIRO, Gabriela M.; HALLAL, Pedro C. Unidade na diversidade: desafios para a Educação Física no século XXI**. Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Pelotas, v. 16, n. 4, p. 339-345, 2011.

REZER, Ricardo. **O trabalho docente na formação inicial em Educação Física**: **reflexões epidemiológicas** - Porto Alegre: Orquestra, 2013.

SANTOS, José Carlos dos *et al.* Formação de professores de Educação Física em ação: reflexos da formação inicial. **Revista Pensar a Prática**, v. 22, 2019.

SILVA, Alexandra Rosa. **As trajetórias formativas de acadêmicos de Educação Física do curso de Licenciatura da UFSM: contribuições na constituição do ser professor.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, 2009.

SILVA, Eugénio Alves da. As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais. **Revista Angolana de Sociologia.** v. 12, p. 77-99, 2013.

SOUZA NETO, Samuel de *et al*. A formação do profissional de Educação Física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal no século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 2, 2004.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 2, 2004.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; SANTOS JÚNIOR, Cláudio Lira. Formação humana e formação de professores de Educação Física: para além da falsa dicotomia Licenciatura x Bacharelado. In: TERRA, Dinah Vasconcellos; SOUZA JÚNIOR, Marcílio (Orgs.). **Formação em Educação Física & Ciências do Esporte: políticas e cotidiano**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, Goiânia: CBCE, 2010. p.13-47.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

_____, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 3ª edição. Editora Vozes Limitada, 2017.

TRIANI Felipe da Silva, MAGALHÃES JÚNIOR Carlos Alberto de Oliveira, NOVIKOFF Cristina. As representações sociais de estudantes de Educação Física sobre a formação de professores. **Movimento**. v.23, p. 575-586, 2017.

TRIVINÕS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

TURRA, Bárbara; DA COSTA, Cátia Silvana; ROSSI, Fernanda. Concepções de ser professor e motivos de escolha pela docência em Educação Física. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, v. 8, n. 3, 2019.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas.** 3ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

# APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE TRIAGEM DOS CANDIDATOS

## Formulário Candidato à Pesquisa

Prezado(a) candidato(a).
Me chamo, Gabriella Rodrigues, sou profissional de Educação Física e aluna do Programa de Pós-graduação - Mestrado em Educação da UERGS. Estou construindo uma pesquisa para minha dissertação de Mestrado e conto com sua colaboração. Respondendo este formulário, você contribuirá enormemente com o delineamento dos voluntários de minha investigação. Espero que você possa participar!

*Obrigatório

1. E-mail *

2. Nome *

3. Gênero *

*Marcar apenas uma oval.*

- Feminino
- Masculino
- Outro: _____

4. Idade *

5. Número de telefone (WhatsApp) *

6. É sua primeira graduação? *

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

7. Ano/Semestre de ingresso ao curso de Educação Física? *

8. Qual semestre está cursando? *

9. Você está cursando a matriz comum (sem a divisão em licenciatura e bacharelado desde o início do curso)? *

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Não sei

10. Se respondeu "Não" à questão anterior, optou por qual ênfase?

*Marcar apenas uma oval.*

- Licenciatura
- Bacharelado

11. Sentiu alguma dificuldade na hora de fazer tal escolha? *

*Marcar apenas uma oval.*

- Nunca
- Sim, mas já superei esta dificuldade
- Ainda tenho dúvidas

12. Já realizou estágio remunerado na área da Educação Física? *

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

13. Estaria disposto(a) a participar de uma entrevista semiestruturada de forma online? *

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

# APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

## Termo de Consentimento Livre Esclarecido

O(A) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) de um estudo, no qual participará através de entrevistas, que tem como problema de pesquisa "como acadêmicos de Educação Física, de instituições privadas de ensino em Porto Alegre, percebem a Licenciatura enquanto opção formativa?" de responsabilidade da mestranda Gabriella Camargo Rodrigues, vinculada à Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, no Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional em Educação na Unidade Litoral Norte – Osório, localizada na Rua Machado de Assis nº 1456, fone (51) 3663-9455.

Meu estudo tem a intenção de realizar aproximações entre a Licenciatura e os discentes de Educação Física através das representações sociais, contribuindo para a produção acadêmica e científica atual.

Para participar deste estudo o(a) Sr.(a) não terá quaisquer custos, nem receberá qualquer vantagem financeira.

O (A) Sr.(a) será esclarecido(a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar, retirando seu consentimento ou interrompendo sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pela pesquisadora.

A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e privacidade, sendo que em caso de obtenção de fotografias, vídeos ou gravações de voz os materiais ficarão sob a propriedade da pesquisadora responsável. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr.(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida ao(a) Sr.(a).

Eu, _____, portador do CPF:_____, nascido(a) em __/__/____, residente no endereço,_____ _____na cidade de,_____, Estado,_____, podendo ser contatado(a) pelo nº de telefone (___)_____ e e-mail: _____, fui informado(a) dos objetivos do estudo, de maneira clara e detalhada e esclareci as minhas dúvidas. Concordo que os materiais e informações obtidas relacionadas à minha pessoa poderão ser utilizados em atividades de natureza acadêmico-científica, desde que assegurada a preservação de minha identidade. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar, de modo que declaro que concordo em participar desse estudo e recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

_____, _____ de _____, de _____

Voluntário(a) da Pesquisa

Gabriella Camargo Rodrigues

## APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

**Entrevistado A:** Bacharelado; segundo semestre; segunda graduação; 54 anos.

Como a Educação Física entrou na tua vida?
*A minha outra graduação é em economia e eu fiz isso com dezoito anos então aí na minha carreira profissional eu trabalhei na área de sistemas, análise de sistemas e elaboração. Eu tô fazendo essa a graduação de Educação Física, eu cheguei nela porque eu tenho uma certa atração pelo futebol eu gosto muito e sempre gostei e joguei bem, não fui profissional fui amador e depois me envolvi bastante com o futebol, de estudar o assunto né dentro de uma forma paralela aos meios institucionais né e aí eu comecei a fazer um pouco algumas análises em cima de como é que eu poderia entrar no mercado e no caso eu já tinha conhecimento já tinha feito cursos online também de gestão de futebol, mas eu percebi aqui dentro do meio né do futebol em si, no departamento de futebol, que na comissão técnica existia na verdade uma necessidade de certificação mais apurada, institucionalizada, registrada e essa a Educação Física para mim ela foi a forma única né porque digamos assim que existem outras especializações dentro do departamento de futebol, tem médico, tem fisioterapeuta, tem nutricionista, assistente social, várias áreas assim né, mas eu achei que a Educação Física seria aquela que da área do futebol é a que eu mais gosto, lidar com jogador, auxiliando no desenvolvimento das técnicas e do jogo em si, e a Educação Física tem muito mais a ver com isso. Então eu acabei fazendo essa escolha.*

Como foi a Educação Física no seu processo de escolarização?
*Eu sou um cara que gosta muito de fazer esportes, futebol foi sempre minha maior qualidade, tive sempre mais destreza. Mas sempre pratiquei vários esportes, até porque o futebol é um esporte de pernas, então a tendência é tu ter habilidades múltiplas em relação aos de mão, porque é mais difícil o contrário né. Então se tu fica bom no futebol, jogar vôlei fica mais fácil, se for jogar tênis também, ou seja, tu trabalha muitas habilidades né, e elas são úteis para os outros esportes, e aí acaba que a pessoa vai se inserindo em diversas atividades. Na minha formação lá como estudante, a Educação Física ela sempre foi muito fraca né, no ponto de vista da orientação, ela era mais uma recreação, do que a orientação ao esporte em si. Os professores daquela época, posso dizer assim, final dos anos 70 metade dos anos 80, eles eram assim muito soltos, não havia um planejamento, um objetivo, por exemplo, vou trabalhar certas habilidades coordenativas, ou metabólicas, sei lá. Então foi isso, sempre foi assim, ah é um momento de recreação, o que vocês querem, ah queremos futebol, aí os meninos jogavam futebol, e as meninas nem faziam exercício, ficavam mais paradas conversando. Tinha no início assim vamos, vamos fazer um newcon, que era um voleizinho pra não bater na bola para segurar ela, então as vezes lá no fim do tempo da aula, ah vamos fazer um vôlei. Ou alguma coisa relacionada a corrida, tipo um pega-pega. Era isso, movimentar o corpo, mas sem orientação. Então vou fazer uma aula de futebol na aula de Educação Física, ou de introdução ao futebol, daí na outra semana eu vou fazer uma aula de introdução vôlei, ou introdução ao basquete. Como estudei em escola pública, e a escola pública tem algumas dificuldades, como questões de quadra e tudo mais, no meu caso teve quadra, mas pode dizer que os equipamentos poderiam ser melhores. Mas foi isso, uma Educação Física solta e sem orientação. Poderia ter sido mais produtiva, de envolver mais a coordenação motora, o gosto pelo exercício físico. Não me recordo se tive Educação Física desde o primeiro ano do ensino fundamental. Lembro que aos oito anos, tínhamos um momento com o contato com as bolas de futebol e de sermos levados para o pátio da escola. Já sabia que a gente tinha um momento de Educação Física e aí a turma ia para o pátio, a gente pegava uma bola dividia em dois times e ficava todo mundo correndo atrás daquela bola. Depois não, começou a ter um pouco mais de organização, mas é como eu digo né o professor faz muita diferença na forma como a aula era praticada, tinham professores que realmente nem ficavam presente para acompanhar o que que nós estamos fazendo, era uma coisa bem solta mesmo, e tinha professor que por gostar mais de querer ficar junto dando aula, dava uma atividade e até participava junto da atividade. Quando ficamos maiores, 13/14 anos, ele participava junto da aula, ou a gente ia pro Ramiro Souto [parque anexo ao Parque Farroupilha, no Bairro Bom Fim em POA] pra fazer uma corrida, ele introduza o atletismo, a escola era bem perto da Redenção [nome popular do Parque Farroupilha em POA]. Então a gente chegou a ter algo desse tipo.*

Em sua juventude, você teve outras experiências com a Educação Física para além da escola?
*Sim, eu tive ginástica olímpica no CETE [Centro Estadual de Treinamento Esportivo], dos 5 aos 10 anos. Eu também fiz vôlei na Sogipa, eu já tava com 14 anos daí eu fiz um ano de vôlei lá mas eu não tinha estatura para ser um jogador da seleção do clube, eu não consegui ser admitido pra fazer parte da equipe, naquele momento que eu estava fazendo eu tinha uma altura baixa comparado com os*

*outros colegas e no final eu fiquei só atendendo fazendo a escola de vôlei e tal, mas não depois eu saí justamente porque eu queria competir, daí não queria repetir mais um ano de escolinha. Isso na fase escolar ali né e depois eu fiz kung fu né, eu também joguei tênis, eu fui muito alto didata né então eu comprei alguns livros e ia pro paredão jogar tênis. Basquete eu joguei no segundo grau na escola, mas esses são os principais, ah fiz natação também.*

Como percebes as controvérsias da formação em Educação Física? Mais especificamente na relação entre Bacharelado e Licenciatura?
*Eu acho que os dois têm que ter a opção de fazer tipo assim, currículo básico né e vai mesclando cadeiras e ambos os objetivos, mas que em algum momento adiante né, pudesse aprimorar, agregar, eu, vamos dizer, faço os 4 anos de Bacharelado, mas ainda quero Licenciatura eu faço mais dois anos, uma coisa assim, ou seja, é uma complementação ao curso de graduação, eu acho que isso seria o melhor. A minha opção é o Bacharelado, porque realmente eu tenho ideia de trabalhar com o futebol, então trabalhar dentro de uma agremiação dentro de um projeto específico, não penso em ir para dentro de uma escola entendeu, e daí realmente teria que abordar outros assuntos da Educação Física que são pertinentes a Licenciatura. Então eu acho que para mim não seria agora no momento meu objetivo Licenciatura, esse é o meu entendimento. Pelo que eu sei, a Licenciatura é mais ampla e é mais fácil de agregar o Bacharelado no currículo, e o Bacharelado já não, ele tem que buscar agregar mais cadeiras. Eu acho justo mesmo, a Licenciatura tem que saber mais que o Bacharelado, tem essa questão pedagógica, teórica etc., lida com a criança mais amplamente assim no seu desenvolvimento, eu já entro em uma área mais especifica, as abordagens são diferentes.*

Como percebes a docência no cotidiano da atuação do Bacharelado?
*Eu acho que pode se aproximar com certeza, eu vejo isso aí mais como uma disputa, entre como se diz assim, sindicatos, também é uma briga aí de quem vai pegar o mercado de quem. Se eu sou Licenciatura eu vou ficar com CPERS, se eu sou Bacharelado eu vou ficar no CREF. É uma representação de categoria e eu vejo mais isso como uma questão política econômica do que totalmente técnica em relação ao cada um tá fazendo com as pessoas que estão sendo atendidas. É normal? É, mas tem que dar um peso para isso que não prejudique a formação do profissional, mas não é o que acontece, esses caras influenciam muito nas definições legais tá, então eu acho que não há conflito entre as duas (Licenciatura e Bacharelado) de ficar incomodado, acho que entre eles é quase que dizer que um é irmão do outro ali, então cada um na sua área né mas eu não acho que isso seja o fator que atrapalha, o que atrapalha é essa galera de fora tentando enxergar o cara como um cifrão, e aí dane-se o resto né.*

Como percebe a valorização da docência nos dias de hoje?
*Do ponto de vista atual não para mim como professor, mas sim como os pais estão agindo hoje com os filhos eu acho que melhorou muito a importância. As famílias, os pais, eles realmente se preocupam se a criança, se seus filhos estão realmente sendo bem orientados na Educação Física acho que tem uma grande parcela que inclusive aumenta a demanda por exercícios físicos para os filhos com atividades extracurriculares dentro da escola. De poder prestar um serviço além do seu turno de aula, e aí não é só a questão: ah eu vou botar ele porque se eu não saio às 6 horas para pegar meu filho ele fica lá parado. Isso seria uma questão só do horário do trabalho de acordo com horário de saída da escola, não, a gente percebe na verdade que não, eu vou pegar ele às 7, eu posso pegar às 6, mas eu vou botar ele no futebol, na patinação, na ginástica, no judô ou na capoeira, e aí o que acontece com isso, é o grande destino né para as crianças hoje saírem desse contexto game que tá fazendo grandes prejuízos do ponto de vista desenvolvimento motor e diria cognitivo também, relacional né social, estão tendo muita dificuldade das crianças estão ficando doentes muito cedo né com essas doenças crônicas muito cedo, então eu acho que na verdade está ocorrendo uma conscientização maior dos pais que anteriormente e está aumentando. E eu acho que tá sendo daí valorizado mais o profissional de Educação Física tanto que tá surgindo mais atividades assim, há uma demanda maior pro personal, pros educadores físicos que vão lá atender especificamente pra dar um pouquinho mais de ênfase aqui ou ali, porque eu vejo que ele está com dificuldade, só ele está assim no grupo. Se fala que o professor de Educação Física dentro da escola é uma coisa e fora da escola é do Bacharelado, mas eu diria para ti que ambos estão ensinando, não numa amplitude maior (Bacharelado), mas aí na hora que tu tá querendo que ele ensine o futebol, o vôlei, a patinação, tem que ter a pedagogia da modalidade, ou seja, é professor. Não é um ensino num conceito mais amplo, que segue um currículo, que tem x horas, tem que fazer nota, nisso eu concordo que é diferente, mas no dia a dia, no contato com o aluno, ele tá fazendo o trabalho de professor, como docente. A pandemia até aumentou a valorização do profissional de Educação Física, eu diria que esse profissional tem emprego garantido. Essa demanda*

*vai aparecer dentro de 5, 6 anos e aí vamos ver que vai começar a reequilibrar. Agora eu diria que tá faltando professor. Sempre faltou né? Puxa vida, a educação brasileira é péssima nesse sentido, deveríamos ser muito mais atentos a isso, deveriam ter mais professores, mais bem pagos, porque o professor deveria ter o melhor salário, é ele quem ensina às outras profissões. Existem vários aspectos, não só a importância da atuação do professor, do objeto dedicado deste profissional e aí vem forças políticas e econômicas que interferem nessa definição. O professor é a base da sociedade.... A gestão pública é que tá realmente muito malconduzida, né? É uma coisa que no final não gera esse impacto no final, na escolha da população e não tem uma conexão causa-efeito. Tudo que causa imediato prejuízo sempre traz uma atenção maior e as coisas que ficam a longo prazo assim são sempre postergadas a atenção, então o nível de preocupação tá ligado ao tempo da consequência de alguma coisa. A educação é ela realmente é a última né? Leva 20 anos. Tem uma frase bacana do Victor Hugo que ele diz, se tu quer civilizar alguém tem que começar pela avó. Porque tu não vai conseguir, são três gerações. A partir do momento que tu impacta três gerações, agora sim. Aí a gente vai começar a colher, são 75 anos entre as gerações. Alguém vê alguém pensando politicamente no que vai dar resultado em 60 anos? Não! Se pensa em dois anos. Mas aí nunca começa essa porcaria, nunca começa! Se tivesse começado comigo, olha só, eu já estaria colhendo os frutos, porque eu tô nessa fase. E isso a gente começa a aprender e perceber, com estudo, com a filosofia, com a vivência. A coisa do esporte, da brincadeira, da alegria. A partir do momento que tu percebe que isso gera bem-estar, tu já direciona tua atenção positivamente pra isso. Existem algumas verdades absolutas, o ser humano não vive sem o movimento, nasceu eu boto em movimento, e aí quando morrer, acabou o movimento. Enquanto ele tiver vida ele tem que estar se movimentando, nem que sejam os olhos. A vontade de ter a experiência das práticas corporais, não dá para dissociar né, o ambiente ou de onde a pessoa tá né? Então alguma coisa vai estimulando a outra. É uma mão dupla. Não existe isso! É uma ficção dizer que a pessoa é motivada por um só ambiente, ou ambiente interno, pessoal, corporal, mental ou o ambiente externo é outra coisa. Ainda bem que é assim, por uma questão evolutiva.*

Quais experiências considera como significativas em sua trajetória acadêmica?
*A pandemia ainda influenciou um pouco as experiências do 1º semestre, agora no 2º semestre já teve mais cadeiras práticas e no futebol tá sendo agora nesse momento, muito produtivo. Aí até o professor introduziu uma atividade de extensão e a gente tá podendo acompanhar esse trabalho junto com ele de fazer alguma iniciação ou uma melhora na função de exercícios para desenvolver habilidades técnicas. Tem muita inibição por parte dos colegas mais novos (de idade). Agora nas aulas remotas, somente eu e mais uns 3 colegas que abrem a câmera e interagem com os professores durante as aulas em uma turma de 20 aproximadamente. Eu, um colega de 60 e um na faixa dos 40 anos de idade.*

Como percebe a valorização da Licenciatura em Educação Física nos diferentes contextos que se relaciona (universidade, local de trabalho, família, amigos)?
*Eu percebo que na minha rede de convívio é bem tranquilo, tenho uma bagagem e história com uma família de professores. Tenho dois filhos que convivem com a prática de esporte orientado, minha esposa também faz aula online com um professor. Agora, em outras realidades sociais, é mais complicado. A coisa é mais solta e não tão valorizada. Não é tão claro pra eles. Não ficam convencidos da importância. Falta conhecimento para poder valorizar. A maior parte da população não vem a educação e o ensino como importante. Vou te dar um exemplo. No local onde atuo auxiliando uma assessoria esportiva de futebol, estávamos com 10 garotos (categoria sub 20). Destes, apenas dois tinham concluído o segundo grau e um deles estava na faculdade, o outro não. E isso é um reflexo da família. Porque os pais também não estudaram. Eu percebo que uma importante situação que ocasionou esse enfraquecimento da escola pública em Porto Alegre, porque eu estudei a vida inteira em escola pública. Na época do Collares, que acabou com o círculo de pais e mestres e não permitiu que a comunidade pudesse participar e atuar na gerência da escola junto ao corpo diretivo. Meu pai foi diretor de escola. Aí nesse governo eles colocaram o calendário rotativo, no final dos anos 80. Aí o professor tem que dar aula, de manhã, de tarde e de noite. Não existe isso! O professor trabalha fora da escola também, para ele poder dar aula e ele tem que preparar a aula. A intenção desse governo era de que a escola ia ficar disponível para todos, só que pra atender todos tem que fazer mais escola, tem que contratar mais professor, e não fazer as mesmas coisas com o mesmo corpo de professores e os mesmos prédios. Isso passou e destruiu a escola pública, porque a classe média estava presente na escola pública e aí ela foi toda para escola particular. As famílias de classe média não foram lá dizer que não queriam esse modelo, ela fez o seguinte, eu vou sair e dar a solução para a minha família e começaram a migrar para as escolas particulares. E aí quem não tinha condição econômica ficou à deriva. Isso foi um desastre que não recuperou mais, até hoje. Eu me lembro que nas férias escolares, a comunidade ajudava com a manutenção da escola.*

Como a sua formação em Educação Física se relaciona em seu projeto de vida? (profissional, pessoal, acadêmico)
*Vai encaixar como se diz assim, como uma luva né? Eu tô precisando muito do aprendizado, desse conhecimento. Eu já tenho muito conhecimento adquirido de outra forma no caso né? Porque eu leio os livros sobre o assunto, já vinha fazendo isso. Eu só posso trabalhar no futebol se for ex-jogador de futebol profissional com algum tempo porque caso contrário a tendência é não entrar no círculo, então a barreira da profissão ela está associada a essa condição de ter habilidade, habilitação ou como jogador e daí pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol) pelos cursos que a CBF dá, só não pode fazer preparação física, mas pode ser treinador de futebol.*

**Entrevistado B:** Bacharelado; sexto semestre; primeira graduação; 31 anos.

Como a Educação Física entrou na tua vida?
*Acho que é meio clichê assim, mas é o que eu vivi né? Que é o esporte. Sempre pratiquei esporte, fiz diversas atividades na escola, durante o fundamental e no médio também, participei de algumas atividades extraclasse na escola durante o ensino médio também. Fiz parte também de grupos de dança de rua também participei por muito tempo de um grupo de skate. Eu sempre gostei muito de praticar atividades e sempre foi um gancho para mim poder aliviar, porque aquela coisa a gente eu vivi em bairros mais humildes então era o que a gente podia fazer no nosso tempo livre, que era um tempo precioso que a gente tinha para fazer o que a gente gostava né, que era jogar uma bola na praça, jogar um futebol no colégio. Também participei de um clubezinho de bairro onde eu morava e foi sempre bom. O esporte veio pra mim de uma forma que agregou muito.*

Em sua juventude, você teve outras experiências com a Educação Física para além da escola?
*Eu fiz parte desse projeto social que eles ensinavam a dançar hip hop, que era da comunidade do Rubem Berta [Bairro da Zona Norte de POA]. Também fiz parte de uma escolinha de futebol que era desse campão no bairro né, que era o "nova geração" o nome do time. Fiz algumas peneiras de futebol também fora do espaço escolar. Também pratiquei bastante basquete, também do projeto social ali na Praça México, também foi bem acolhedor. Eles tentavam fazer tudo isso com as crianças da minha idade, daquela geração, para tentar afastar o máximo daqueles malefícios das drogas, das más influências. Esses projetos sociais foram o que praticamente me levou a querer Educação Física.*

Como foi a Educação Física no seu processo de escolarização?
*Eu tive muita boa referência na escola né? Quando eu entrei na escola eu não entendi muito bem por que eu achava que a Educação Física da escola era pegar uma bola e jogar futebol. Naquele período depois, quando a professora tentava implementar algumas atividades, tentava buscar a gente para praticar um vôlei, para praticar um basquete. Estive na mesma escola dos 8 aos 14 anos, e foi a mesma professora de Educação Física. Ela sempre nos incentivou muito a praticar esportes. Eu não tive vivência com o atletismo ou outros esportes que eu vim a conhecer depois, mas com relatos dos meus colegas dentro da universidade, que muita gente nunca praticou quase nada na escola. Tipo, tem gente que nunca jogou vôlei que só pegava uma bola e saía a jogar. Já na minha infância a professora nos proporcionava essas vivências, incluindo atividades no parquinho da escola, dentro da sala de aula com atividades recreativas. Nunca era uma coisa monótona, ela sempre tinha um jeito de apresentar para gente algo diferente e que era legal. Já no ensino médio, era só futebol, não tinha professor praticamente. Eu estudava à noite, então pra poder praticar alguma atividade da Educação Física, tinha que chegar antes pra poder formar os times e jogar futebol antes de começar as aulas. E por ser em bairros perigosos, a aula acabava antes das 10 da noite.*

Quais experiências considera como significativas em sua trajetória acadêmica?
*Olha, se eu fosse falar sobre os melhores momentos da faculdade acho que a gente conversaria até amanhã! O que mais me agregou foram os valores que os professores com muita experiência e uma bagagem de conhecimento muito grande, nos transmitiram. Profissionais realmente excelentes! Outro momento bem importante, foi uma experiência com um projeto de extensão dentro da faculdade, com o paradesporto. Era natação com pessoas com deficiência e daí para mim foi muito agregador porque eu tive a possibilidade de ser professor de natação, professor de dança e assim ter uma noção de participação né? De poder estar ali com a vivência de um professor né? Podendo ter essa bagagem que a gente vem ganhando, vem adquirindo com eles e passar para o próximo e assim foi bem legal essa parte. Depois tive a oportunidade de atuar com pessoas da terceira idade em um projeto da faculdade, porque fiz um estágio não remunerado com um professor. Foi uma ótima experiência com essas alunas dele, são pessoas maravilhosas que me receberam super bem também e tudo isso*

*agregou no meu conhecimento e trazendo mais humanidade assim para parte do esporte, a partir da atividade física e tudo isso que eu tive, toda essas vivências que eu tive nesse estágio, eu carreguei para o meu TCC e foi aí que eu desenvolvi o meu TCC falando sobre corridas para pessoas da terceira idade, sobre os fatores motivacionais que levam as pessoas a praticar ainda esportes de corrida, principalmente na terceira idade.*

Como percebe a valorização da Licenciatura em Educação Física nos diferentes contextos que se relaciona (universidade, local de trabalho, família, amigos)?
*Então, eu acho a Licenciatura em Educação Física, tem uma valorização abaixo do que deveria. Acho que deveria ser mais valorizado, porque muitas vezes na escola assim que nem eu vivenciei lá no ensino médio, a gente nunca tinha professores. Não presenciei nenhum professor durante o tempo que eu tive nessas escolas do médio. Foi muito bom, no fundamental, porque foi a mesma professora que me deu aula da terceira série, quando eu comecei a ter Educação Física, até o oitavo, sempre com a mesma professora. Ela sempre estava feliz sempre estava presente em aula. Ela sempre foi bem presente. Mas no ensino médio eu não tive essas vivências. Eu vejo hoje não vou dizer uma desvalorização concreta das escolas públicas, mas é bem básico o que eles fazem hoje com relatos de alguns colegas. Quando não têm professores daí pega um professor qualquer vai lá dá uma bola e vai jogar um futebol. Vai ficar ali com a bola, não dão atenção para essa classe né? Para essa disciplina né? Isso por vivências com colegas hoje que fazem esses estágios. Tem um professor que sempre falou para mim, que depois que terminar o bacharel para eu fazer a Licenciatura e assim poder fazer um concurso público, porque isso vai ser bom. E esse professor hoje em dia é diretor na escola dele (pública). Porque a maioria dos meus colegas hoje buscam escolas particulares. A maioria deles diz que escolas particulares tem uma melhor remuneração, que é mais fácil de se inserir nesse mundo.*

Como foi, ou está sendo, o processo de escolha entre Licenciatura ou Bacharelado? Em algum momento você se arrependeu? Quais suas principais dúvidas e preocupações?
*Eu acho que lá no início eu não tive muita dúvida. Eu realmente pensei o Bacharelado por ter mais áreas de atuação. Vinha muito forte as escolas de crossfit, os centros de treinamento funcional. Bastante áreas para se atuar né? A corrida, o clube de futebol que vem crescendo bastante também e assim eu fiquei bem entusiasmado com bacharel desde o começo. Na época que ingressei, eu não tinha uma visão que alguns professores me mostraram sobre a Licenciatura. No segundo semestre, um professor indicou pra gente fazer a Licenciatura, porque acho que ele viu alguma coisa assim né? Pela dedicação que a gente tinha nas aulas e que a gente busca saber sempre mais, com um certo aprofundamento do que eles tinham para nos oferecer. E me veio essa dúvida ali, será que é válido mesmo fazer Licenciatura? Mas daí com o passar do tempo os outros alunos reclamavam da valorização do professor na escola, que não é boa. Que eles não estão dando muita atenção em ter o professor de Educação Física. Que tinha ainda a questão de dar uma bola e mandar as crianças jogar. E outros colegas também que foram de escola pública de me falar a mesma coisa, que eles não tiveram professores que vão lá dava uma base de como jogar algum esporte entendeu? E para mim foi sempre consolidando mais o Bacharelado, vindo mais atividades e descobrindo mais formas de desenvolver um trabalho dentro do Bacharelado. Também penso fortemente em fazer uma pós em psicomotricidade, mais para desenvolver um trabalho como o que eu vi nas palestras que um professor nos proporcionou. Onde as ideias da psicomotricidade ficaram muito evidentes que poderia ser fora da Licenciatura, fora da escola, trabalhando em instituições privadas. Em função do meu estágio atual em uma empresa de recreação e funcional kids, cada vez mais está consolidado o Bacharelado. Eu sei que sempre vai ter áreas de atuação e principalmente existem vários nichos dentro do Bacharelado que são bem bons assim né? São estáveis. Então acho que sim o Bacharelado pra mim é minha primeira opção. Não vou te dizer a única opção dentro da Educação Física. Talvez eu faça a Licenciatura, mas hoje neste momento, não é uma das minhas prioridades.*

Como percebes as controvérsias da formação em Educação Física? Mais especificamente na relação entre Bacharelado e Licenciatura?
*Hoje eu não vejo tanta controvérsia, mas no começo do curso era bem estranho assim, porque todo mundo comentava, quem era do Bacharelado, falavam, ah, tu é da Licenciatura, vai dar aula só pra criança. Então tinha meio que um preconceito com pessoal da Licenciatura de quem era do Bacharelado. Hoje não. Hoje eu vejo que quem dá aula na escola tem a sua particularidade, tem seus motivos e quem escolheu Bacharelado realmente é porque gosta do Bacharelado. Gosta ou tá fazendo Bacharelado para dar aula em academia ou para dar em clube. E é bem distinto assim. Muitos deles tem uma opinião formada sobre o Bacharelado. Com o decorrer do curso cada um foi amadurecendo seu jeito, mas hoje eu não vejo mais esse sentimento de preconceito com o pessoal da Licenciatura.*

*Mas eu vejo muita gente querendo realmente fazer Licenciatura. Alguns deles voltando né? Porque eu parei um ano e nesse processo eu conheci pessoas dentro do curso que voltaram para fazer Licenciatura porque não conseguiram se encaixar no mercado de trabalho com o Bacharelado. E aí eu vi assim que realmente tem pessoas que hoje estão voltando, estão no curso de Licenciatura fazendo a Licenciatura e que já tem um bacharel, porque não se encaixaram no mercado de trabalho e os meus colegas que eu comecei com eles em 2018, e continuei o processo em 2020 com a mesma turma, só que hoje eles se formam e eu tenho mais um pouco pra cursar, eu vejo assim o amadurecimento nessa perspectiva. Hoje eu vejo um amadurecimento nos colegas do Bacharelado, sabendo que realmente não tem uma distinção, e que na verdade um agrega ao outro.*

Como percebes a docência no cotidiano da atuação do Bacharelado?
*O pessoal eles tinham preconceito pelo ser professor né? Eles têm mais uma identificação com o treinador. Como aquela pessoa que faz as atividades. Mas o professor com o tempo, que foi amadurecendo, eu realmente sempre tive essa visão de que o professor é mais importante do que o treinador, porque o treino é aquela pessoa que tá ali que é o doutrinador, que é o cara que tem que fazer do jeito que ele manda. Eu já sempre preferi o jeito do professor. O professor é aquela figura do teu segundo pai praticamente. É aquela figura de certa forma é uma pessoa que vai te acolher, que vai ter de receber de braços abertos. O treinador é aquele cara que me vem na cabeça agora o Bernardinho. O cara discreto, é um cara que claro, eu não convivo, então não sei como é dentro de uma seleção, não sei como é essa função, mas me vem a ideia de um treinador. Um treinador de futebol que eu tive no "nova geração" era uma pessoa bem ríspida. Um cara que era linha dura e ele era assim porque ele queria desempenho. Ele queria performance. Então eu acho que a exigência dele obrigava ele a ser assim né? Já o professor não, é aquele cara que consegue lidar com a tua convivência melhor do que o treinador. Já os meus colegas acham que o treinador tem um trabalho mais efetivo do que o do professor. E isso se dá pelo fato de que em função da performance, como um meio de fazer a pessoa ser o melhor, que é extrair aquela coisa de disciplina do esporte. Sendo mais ríspido eles conseguem extrair essa performance. No meu ponto de vista eu acho errado. Eu acho que se tu quiser que a pessoa faça o melhor, tu vai ter que conversar com ela. Alguns dos colegas que eu convivo, eles têm essa figura do treinador ser o cara que fazer um corredor ser o Usain Bolt, um jogador ser o Neymar, um jogador de vôlei, ser o Giba. Então eu já não penso assim. Eu já não tenho essa visão de treinador. Eu já não gostaria de ser esse tipo de treinador, mas eu gostaria de ser um professor.*

Como percebe a valorização da docência nos dias de hoje?
*Eu acho que o professor ele tem que ser uma pessoa que agrega valor no próximo. O professor ele é aquela pessoa que realmente vai te fazer ser melhor do que tu é, independente do que tu vai fazer. Por exemplo, um professor de matemática quando ele tem a postura de te ensinar matemática porque eu tive professores ruins de matemática, que eles não sabiam lecionar. Eles não tinham o domínio dessa situação e ele se frustrava com o erro dos alunos, porque eles achavam que os alunos eram burros.*

Como a sua formação em Educação Física se relaciona em seu projeto de vida? (profissional, pessoal, acadêmico)
*Eu tive bastante tempo para pensar no meio dessa pandemia. Nada é como a gente quer. Nada é como a gente espera que seja. A gente tem que se desdobrar e a pandemia veio para agregar nesse sentido. Onde a gente tem que realmente se desdobrar para fazer o nosso melhor para esperar o que pode vir né? Então eu como futuro educador físico, eu penso que realmente tem que saber jogar o jogo. Tem que saber se introduzir primeiramente né? Tem que saber buscar o que se quer, do jeito que a gente acha que tem que ser, mas a gente não pode achar que é algo definitivo. Aquilo que eu vou fazer pode não dar certo e vou ter que fazer de um outro jeito e se não der certo de novo vou ter que fazer de novo e dá medo, mas a gente tem que ser convicto porque a gente tá entrando de cabeça no que vai fazer e tem que fazer porque gosta e a Educação Física me mostrou que é algo que eu realmente gosto. Então eu acredito que sim a gente tem bastante desafios, desafios bons e trabalhar com que a gente gosta é fundamental. A gente não pode ficar no achismo. A gente tem que ter convicção do que tá fazendo. Então realmente eu acho que tem que ir buscar mais e a gente só vai ter certeza depois que fizer né? E eu percebo que na Educação Física quando fazemos algo bem-feito e com carinho, a gente tem retorno disso. É reconhecido. E fazer as pessoas se sentirem bem, e é essa sensação de um trabalho bem-feito que me motiva.*

**Entrevistada C:** Licenciatura; oitavo semestre; primeira graduação; 37 anos.

Como a Educação Física entrou a tua vida?

*Na escola e também muita influência do meu pai. Ele jogava futebol, então eu cresci vendo meu pai jogando futebol. Meu pai me levava nos jogos dele e eu achava muito legal. Na Educação Física da escola, eu acho que sempre fui muito inquieta então na Educação Física eu me sentia mais livre. Eu me lembro da Educação Física lá na primeira série do fundamental, da segunda série, já tinha na escola que eu estudava, que era municipal em pelotas. Mas nada muito diferente. Era uma bola para cada um. Em pouco momentos a professora fez atividades diferentes. Eu não me lembro das atividades. Eu me lembro mais é de jogar futebol e vôlei. Eu me lembro que a professora ela era muito bonita e eu pensava, já na primeira ou segunda série do fundamental: nossa quando eu crescer eu quero ser professora de Educação Física! Isso que eu me lembro. Depois ao decorrer da vida escolar, aconteceram várias coisas em outra escola. Eu brigava muito pra poder jogar futebol no sexto ano do fundamental e os meninos não deixavam menina jogar. Eu brigava, chorava e a professora tinha que sair do conforto dela e ficar lá na beira da quadra porque senão eles ficavam chutando a bola em mim. Não sempre, mas em alguns momentos isso aconteceu. Depois eu comecei a jogar futebol sempre com eles. Mas eu também um dia eu queria jogar futebol e em outro queria jogar vôlei com as meninas. Aí no ensino médio, teve uma professora no primeiro ano que tinha um time. Uma das escolas que estudei era estadual, e na escola não tinha espaço para Educação Física. A gente estudava de manhã e tinha Educação Física à tarde. Então ela fazia dois grupos à tarde. Ela fazia um aulão com todo mundo. Então eu participei do time de futebol feminino da escola. Foi onde a gente jogou o [campeonato] cidade de Pelotas e ficamos em segundo lugar. Eu acho que foi uma época de ouro assim para mim. Foi um dos momentos mais legais da escola em relação à Educação Física. Aí depois eu virei mãe adolescente e não pude começar a faculdade quando eu queria. Iniciei a faculdade aos 34 anos, com a Educação Física Licenciatura, mas sempre soube que eu queria fazer desde sempre, nunca mudei!*

Como foi a Educação Física no seu processo de escolarização?
*Em detalhes assim eu não lembro muito. Eu me lembro de não ter tantas atividades. Eu me lembro de ter na escola, caçador, vôlei para as meninas e uma bola para os meninos. Mas ainda assim, para mim era o melhor momento e para muitos dos meus colegas. Hoje eu vejo a Educação Física como um momento de liberdade do corpo das crianças sabe? Agora que eu já tô no final do curso, eu já consigo relacionar o que eu vivi com o que eu aprendi. Eu me lembro de ter muito prazer assim. A Educação Física é o dia mais esperado da minha semana. Eu participava de todas as aulas. Eu não me lembro de atividades em detalhes desses momentos. Brincadeiras eu não lembro de ter. Eu realmente lembro de me sentir livre na aula. Eu acho que sou hiperativa, não tenho um diagnóstico, mas por exemplo, eu não consigo ficar sentada na faculdade até hoje. Às vezes eu me sento no fundo da sala, tipo de pé mesmo, assistindo a aula. Esses dias uma colega de trabalho veio aqui, ela já não trabalha mais comigo e disse: eu lembro nas reuniões que eu ficava irritada contigo tu dançando na cadeira a reunião inteira e não parava quieta. Então eu acho que essa minha característica na escola, de ficar na cadeira sentada era muito sofrido para mim. Na sala de aula. Na Educação Física talvez eu me sentia livre também. Também podia jogar bola eu não lembro de detalhes assim, mas eu me lembro muito bem desse momento do futebol do campeonato que a gente participou foi um ano só e depois eu seguir jogando fora, fora da escola com algumas meninas que jogavam amador e é isso sim. Talvez eu me lembre mais depois. Eu sofria com alguns bullyings. Eu vivia no mundo da lua e tinha uma professora que gritava comigo: acorda! Presta atenção. Isso não tão relacionado ao ficar sentada e mais relacionado a falta de atenção. Mas me incomoda, por exemplo, no meu trabalho hoje, se eu tiver que fazer um trabalho remoto muitas horas sentada e me concentrar para fazer, eu não gosto eu fico com dor no corpo eu sofro e eu trabalho hoje numa escola onde eu passo o dia inteiro de pé transitando pela escola e eu me sinto muito feliz. Não sofro mentalmente. Meu corpo cansa, mas minha mente não. Eu acho que na escola eu sentia mais ou menos isso. Eu gostava daquele momento de liberdade, do recreio, da Educação Física. Acho que era isso, de ficar livre, meu corpo livre, de brincar, acho que era isso. Era divertido para mim. Eu me divertia jogando caçador, jogar bola cada vez melhor, com o meu progresso no futebol. Eu gostava dessa coisa do corpo sabe? O jeito de pegar a bola, esses detalhes. Eu sempre gostava. E eu me saía bem, eu acho. Por gostar eu praticava bastante em casa. Eu brincava muito. Eu não era aquela menininha, meu pai dizia olha ali a fulana, uma vizinha minha, olha os tênis dela sempre branquinho e eu ficava pensando: sim ela não brinca. E o meu tênis era sempre furado, rasgado. Se eu precisava ir no aniversário eu precisava me vestir com alguma saia eu chorava porque eu gostava de sair virando estrelinha. Então, eu gostava de qualquer ambiente que eu pudesse me movimentar.*

E essa professora que tu mencionaste como muito bonita, o que ela te marcou nesse processo de escolarização?

*Eu não sei. Eu era muito criança. Eu não fiz o pré eu fui direto para a primeira série que naquela época ninguém fazia isso eu era a única que não tinha feito pré. E o pai me matriculou em uma escola estadual e aí teve greve e aí eu entrei em junho na escola e as professoras diziam: ela não vai acompanhar porque já está no meio do ano. A professora passava os conteúdos e meu pai eu passava de novo comigo em casa me ensinava mais e eu aprendi a ler na primeira série com esse esforço do meu pai. Então eu acho que como foi meu primeiro contato com a escola, e as minhas primeiras aulas de Educação Física eu me lembro dela, lembro do nome dela que era Luciane e eu lembro de poucos nomes dos meus professores e professoras, mas dela eu lembro bem. Ela era bem magra com o cabelo liso bem comprido e eu acho que ela era recém-formada porque ela era bem novinha, querida, carinhosa. Não sei como seriam os outros professores, mas ela me encantou. Ela era muito simpática. E agora eu me lembrei de uma atividade que ela fez. Ela nos colocou de pé e mandava a gente ir para a frente com os pés juntos para ver qual o pé se mexia primeiro para fazer esse teste com a turma para ver qual o nosso pé era melhor, se canhoto ou destro. Acho que era isso assim, aquele conhecimento que ela mostrava. Disso eu me lembro.*

Em sua juventude, você teve outras experiências com a Educação Física para além da escola?
*Não. Tive, perdão. Na verdade, não sei se posso dizer como Educação Física. Mas eu fiz karatê. Meu pai me matriculou no balé e aí eu pedi pra trocar pro karatê que tinha do lado da sala. Num centro social urbano em Pelotas. Aí tinha esse professor de karatê, mas ele não era professor de Educação Física ele só era faixa preta em karatê. E aí eu treinei karatê acho que nos meus 11, 12 e 13 anos, ou até mais talvez 12, 13 e 14. Na adolescência, depois daquele campeonato, eu comecei a jogar futebol com as mulheres que jogavam amador com mulheres mais velhas e eu já tinha os meus 16 anos. Fiquei muito pouco tempo porque fui mãe com 17 anos então eu parei um pouco assim. Aí tentei voltar a jogar mas depois vim para Porto Alegre e depois disso eu continuei jogando amador mas um período curto. Eu trabalhava numa loja e uma menina estava no telefone falando olha eu hoje não posso porque é meu futebol eu jogo toda quarta. Quando ela desligou o telefone eu falei oi olha só queria jogar e eu fui jogar com essa menina que eu nem conheci e assim tu vai. E eu jogo sempre quando dá, mas não é algo muito regrado. Mas segui. Eu tenho uma vida adulta ativa esportivamente falando.*

Como percebes as controvérsias da formação em Educação Física? Mais especificamente na relação entre Bacharelado e Licenciatura?
*Eu acho que tem algumas coisas boas e algumas coisas ruins. Eu acho que muitas disciplinas assim, hm, muitas disciplinas que a gente faz para completar currículo. Eu acredito que não foram tão produtivas. Mas acredito que tu acaba selecionando sim até os próximos professores. Eu vejo que meus colegas do Bacharelado eles têm um perfil ou muito pouca noção do ensinar mesmo, acho que se todo mundo tivesse no mesmo bolo desde o início até o fim, como era antigamente, sairiam pessoas voltadas para o rendimento ou a musculação e não conseguiriam emprego onde queriam e iam cair numa escola. Porque assim, e por mais que a gente tenha todas as disciplinas na faculdade a gente foca naquelas que a gente quer. A gente se interessa mais por aquilo que é mais produtivo para nós, a gente também seleciona então eu acho que eu estou fazendo, um exemplo, eu estou fazendo agora uma eletiva que é musculação. Estou adorando, estou aprendendo e está ótimo mas eu não estou pensando em como eu vou usar isso na minha vida. Eu estou fazendo ela vou passar na prova e deu. Já nas didáticas como vôlei, basquete, até quando se fala em política. Todas as didáticas tudo o que se fala para o que eu vou estudar na minha vida escolar o meu olhar é bem diferente. Minha atenção é diferente. Eu procuro entender, refletir e eu acho que serve para o Bacharelado também. Essa de visão ela é importante, mas eu também acho que tem muita coisa ruim, eu acho que a gente fica muito tempo em coisas que não nos agregam. Encher linguiça vamos dizer assim, desculpa o palavreado. E naquele formato antigo, acho que o profissional que cai na escola era porque ele não tinha outra opção de trabalho. Porque não conseguiram fazer personal, porque não conseguiram fazer auto rendimento, entende? Talvez. Não posso dizer com certeza. Como teve essa matriz nova comigo, eu tinha muitas aulas no Bacharelado. Eu vi aqui nas disciplinas que eram voltadas para a educação, uma aula de futebol quando os professores davam uma aula didática, os colegas não prestavam atenção, eles estavam preocupados com o rendimento do músculo, o quanto a criança ia produzir, e se se falasse em criança entende? Eles estavam preocupados na técnica e eu estava preocupada com o social, com outras coisas e eu acho que isto, se pegar um profissional Bacharelado e colocar dentro de uma escola não vai ter esse cuidado didático, esse cuidado humano e social que a criança na escola precisa, e mesmo que lá os que tivessem feito plena tivessem uma aula de didática de Educação Física escolar eles iriam estar com a cabeça num outro lugar que nem eu quando eu tô na aula de musculação entende? Eu tô fazendo, tô me dedicando, estou aprendendo mas minha cabeça não é pra aquilo. Eu não tô me vendo lá no futuro dando musculação. Eu estou me vendo, estou tentando relacionar aquilo*

*ali na escola, com as crianças com o corpo da criança entende? Porque a gente mais ou menos direciona, se imagina numa aula quando tu está aprendendo e aí eu vejo que isso pode ou poderia, imagino né? Não tenho certeza.*

E o que te faz imaginar que na época da Licenciatura plena os professores que tinham na escola estavam lá porque não tinha outra oportunidade?
*Eu me lembro muito de professores lendo o jornal dentro da Educação Física. Eu não acredito que na época, que há 30 anos atrás, eles estudavam 4 anos para serem professores de Educação Física não se tinha um pouco desse estudo não se tinha esse conhecimento em relação a Educação Física escolar? Por que que a maioria não fazia por que que alguns se envolviam na escola e por que que outros não? E por conversar com pessoas dentro da faculdade, conversar com pessoas que são da Educação Física, e também pela minha vida acadêmica por perceber o interesse dos meus colegas que escolheram Bacharelado e entender e perceber o interesse dos meus colegas da Licenciatura. Claro que também nós tivemos mais disciplinas voltadas para a didática, mas pelo interesse mesmo assim, por isso que eu falei, pela minha visão. Por exemplo se eu fizer Bacharelado e cair numa academia, não vou ser uma boa professora de academia se eu tiver que trabalhar numa academia. Porque se eu fizer o Bacharelado depois eu vou ter que trabalhar num clube, em uma escolinha infantil de futebol, como Personal infantil. Mas se eu tiver que ir para uma academia não vou nem saber direito, vou ter que voltar a estudar, e por mais que eu tenha feito a formação não é o meu foco não é o que eu gostaria de fazer. Vendo essa minha visão eu acredito que o outro também possa ser assim.*

Quais experiências considera como significativas em sua trajetória acadêmica?
*Bah, muitas. Hoje em dia eu diria para quem vai para [nome de uma IES], vá pelos professores. Professores incríveis e que estão na faculdade e também estão na escola e isso é uma coisa que eu penso para o meu futuro. Ser professora universitária, mas continuar em alguma escola, que eu acho que faz toda diferença. São professores que ensinaram coisas para a vida sabe? Muitos, ixiiii, poderia passar a entrevista inteira falando disso. As discussões, fazer uma roda, pegar seus artigos e conversar sobre o artigo, dar opinião e ouvir a opinião do colega, discutir escutar a opinião defender a sua. Conversas com os professores. Essa parte da prática do contato isso é uma coisa que eu levo assim da minha formação de mais importante.*

Como percebe a valorização da Licenciatura em diversos ambientes?
*Eu tenho familiares que criticam. Meu Deus tantos cursos pra ti fazer e tu foi escolher ser professora? Não ganha nada. Tem familiares que acham lindo a profissão e sabem o quanto eu amo e me apoiam muito. Relatos de professores que estão na ativa em escola pública que são bem ruins, isso já tinha antes por que tem um professor na família não tão próximo mas tem parente mais distante e sempre houve muitas reclamação do ambiente escolar, dos conflitos com colegas, do salário, da valorização, da falta de material e estrutura. Acho que, como vou te explicar, acho que financeiramente em termos de status, definitivamente não foi o que me fez escolher a Educação Física, não é bom e tem muita coisa ruim sendo dita, e vivida pelos professores que eu conheço. Mas eu acho que eu sempre pensei nas crianças sabe? A minha vida escolar foi enorme, dos 7 aos 17 anos. É uma vida e são muitos anos dentro de uma escola para que as crianças sejam abandonadas pelos professores, pelos que estão lá que não tem estrutura e pelo que estão por vi. Ah, não quero ser professor falam né? Todo mundo abandonando o barco e isso foi uma das maneiras que me fizeram continuar pensando em fazer Licenciatura. Acho que a população, o ser humano precisa dos professores que querem mesmo sabendo dos problemas da Licenciatura.*

Como foi, ou está sendo, o processo de escolha entre Licenciatura ou Bacharelado? Em algum momento você se arrependeu? Quais suas principais dúvidas e preocupações?
*Não. Nenhuma. O que me incomoda sim é a limitação. Por exemplo, eu quero continuar trabalhando com criança, quero trabalhar em uma escola, mas se eu conseguir trabalho só com uma escola no estado e que ganha pouco eu não tenho como me manter financeiramente. O que eu vou fazer para ganhar dinheiro? E aí que entra o Bacharelado. Eu poderia ser Personal Kids, eu poderia trabalhar num clube. Eu acho que limita profissionalmente, a Licenciatura. Não me arrependo em nenhum momento. Eu amei e tenho certeza de que foi a melhor escolha da minha vida, mas eu preciso comer. Eu preciso criar meu filho, entende? Isso me fez pensar que me limita. Essa limitação profissional, isso sim.*
Como percebes a docência no cotidiano da atuação do Bacharelado?
*Sim, consigo. Mas de uma maneira empírica, eu acredito que eles agem da forma como foram tratados. Acho que eles reproduzem o que vivenciaram. Percebo isso pelas conversas pelas discussões.*

Como a sua formação em Educação Física se relaciona em seu projeto de vida? (profissional, pessoal, acadêmico)
*Nossa. Puxa. Totalmente. Não quero fazer outra coisa. Não vejo outra coisa a não ser a Licenciatura, se não estar em uma escola. Eu olho o site da Seduc todos os dias para ver se tem inscrição pra Educação Física. Eu só estou esperando terminar a minha prova para começar a enviar o meu currículo para as escolas particulares. Me vejo estudando para concurso. Estou hoje trabalhando como auxiliar de ensino em uma escola pleiteando uma vaga um dia, mas eu estou ali com olho nas oportunidades da Licenciatura. Isso é a coisa mais certa da minha vida hoje é dar aula de Educação Física. Não tenho outra opção pra mim (risos). Eu pretendo fazer pós, eu pretendo fazer Bacharelado para ganhar dinheiro, fazer mestrado e dar aula numa faculdade e continuar trabalhando em uma escola esse é o meu projeto de vida hoje e profissional.*

Tem algo que tu gostarias de acrescentar algum sentimento que tu tenhas percebido ao longo da nossa conversa no qual eu não tenho contemplado através de alguma pergunta?
*A minha percepção em relação à diferença, eu acho válida, eu acho que é importante sim. Mas eles têm essa questão de ser difícil escolher no início, tanto é que eu tenho vários colegas que trocaram ao longo do curso, foram do Bacharelado para a Licenciatura ou contrário. Eu acho que é bem isso, é difícil escolher no início para a maioria, mas eu acho importante a de visão. Acho importante direcionar sim. Porque tem momentos que são mais voltados para a educação escolar, para a vida e não para o rendimento. E isso que diferencia muito os dois. Qual o objetivo da escola? Qual o objetivo da escolinha? É um abismo de diferenças, não dá pra colocar tudo no mesmo bolo né? E talvez hoje essa matriz comum no início possa ajudar a direcionar para que esses que ficaram indo e vindo tanto da Licenciatura quanto do Bacharelado pudessem escolher com mais tranquilidade, sabe?*

**Entrevistado D:** Licenciatura; oitavo semestre; primeira graduação (em conclusão); 35 anos.

Como a Educação Física entrou na tua vida?
*Na verdade, eu nunca tive vontade assim de uma vocação, alguma coisa de criança, quero ser isso, quero ser aquilo. Mas eu sempre fui uma criança muito ativa, fazia futebol, fazia corrida, praticava diversos esportes na época escolar, né? Depois, eu sou de rio grande, em Porto Alegre, quando tava no segundo pro terceiro ano do segundo grau, naquela época tava começando o Enem né, mas não tinha esse viés ainda de classificatório para faculdade e tal né, e aí acabou que na época eu fiz nutrição, vestibular pra nutrição, não sabia muito bem o que eu queria. Aí fiz nutrição. Fiz (vestibular) na [nome de uma IES] e na [nome de uma IES]. Na [nome de uma IES] não passei e na [nome de uma IES] eu passei. Aí em 2003, em 2004 logo quando saí do ensino médio. Aí eu entrei em nutrição, só que era muito caro e acabei desistindo. Aí a [nome de uma IES], a coordenadora falou comigo na época, falando que tinha alguns cursos que tinham cadeiras parecidas que eu podia cursar, que eram mais acessíveis e eu podia cursar pra ver se eu ia me adaptar e tal. E tinham cadeiras que complementavam currículo no caso. Tinha Educação Física, biologia e química.eu acabei optando pela Educação Física. Aí fiz um ano o curso, não fiz todas as cadeiras, fiz pouquinho pra ver se eu ia gostar. Fiz um ano e acabei trancando. Aí gostei e tal, mas não foi aquilo. E aí na época eu comecei a correr também. Corria por atividade física, por esporte né? Aí um tempo depois comecei a correr competitivamente e tal, e só que nesse tempo eu fiquei parado, não estudei mais. Aí cinco ou seis anos depois, a [nome de uma IES] tem faculdade, aí fui pra lá, fiz mais um ano. Aí pensava em trabalhar com a corrida, tinha mais uma visão né? Aí fiz mais um ano e parei por causa de grana e tal, particular era caro e eu não tinha condição de pagar e tranquei. Aí em 2011, vou fazer o Enem, quem sabe né? Aí fiz o Enem e consegui bolsa para [nome de uma IES] né? E aí em 2012 comecei a cursar e só tinha bolsa pra Licenciatura daí, não tinha bacharel, e eu tinha começado o bacharel né? Comecei a Licenciatura, fiz 2012, 2013, aí tive uns problemas pessoais, tranquei. Aí foi assim, trancando e voltando, trancando e voltando. Só que aí eu fiquei na Licenciatura e não pro bacharel. Aí 2015, fiz mais um pouco, parei em 2017 e foi assim pulando pulando. Aí quando começou a pandemia que eu dei um power agora, tipo 2020, 2021 e peguei e fiz um monte de cadeira e estágio que faltava, fiz praticamente tudo, e agora tô concluindo. E eu acabei gostando da Licenciatura, por causa dos professores e tal. Tive contato com escola também. Participei de um projeto de atletismo em escola né, em esteio, em 2017/2018 e acabei com os estágios também gostando muito da Licenciatura e gosto também da parte do bacharel porque eu também trabalho em uma assessoria esportiva de corrida né? Trabalho com corrida até hoje, então tô numa equipe de corrida. Corrida não, uma assessoria esportiva de várias, tem ioga, tem funcional, mas eu trabalho na parte da corrida. Enfim, acabei pegando gosto pra Licenciatura né? E daí agora tô me formando, tô com quatro cadeiras agora, e agora no final do ano eu me formo. E eu consegui um estágio no meio do ano ali no [nome do colégio], que é uma escola vinculada [nome de uma IES] né? Aí consegui um*

*estágio ali [nome do colégio], acabei sendo contratado agora. E agora eu trabalho não como professor, mas trabalho como auxiliar de disciplina no [nome de um colégio], então eu tô desde 2012 no [nome de uma IES], agora em 2021, nove anos né? Demorei nove anos pra me formar, fora o que eu tinha no [nome de uma IES], na [nome de uma IES] e tal. Foi uma longa jornada, mas enfim, acho que era pra ser isso. Então foi assim que aconteceu e agora eu tô graças a deus às vésperas de acabar aí a Licenciatura. Mas eu quero continuar e fazer o bacharel, fazer um pós né? E dar seguimento. A pandemia no caso pra mim foi bom nesse aspecto, que eu consegui ficar em casa e me concentrar e nesse aspecto foi bom. Não que tenha sido bom a pandemia, claro que não, né? Mas.*

Como foi a Educação Física no seu processo de escolarização?
*Na educação do ensino fundamental, estudei em colégio público estadual né? Estudei todo, na época era da primeira a oitava série né? Não era o nono ano ainda. Eu tive Educação Física do 5º ao 8º por que não tinha do primeiro ao quarto né? Era só a professora largava a bola, era professora tutora né? Do 5º ao 8º eu tive duas professoras, as duas eram boas assim. Tinham algumas atividades, de estafetas, de coisinhas lúdicas e tal. Mas era o basicão aquele, com futebol e vôlei né? Não era aquela coisa de colégio né? Que algum dia tu dá uma atividade e geralmente daqui uns 10 minutos, 15 minutos e depois larga bola e né? É cada um por si. No colégio acho que a partir da sexta série, acho que foi, que tinha o projeto amigos da escola, que era um cara que era maratonista e ia para lá uma vez por semana e nos dava uma aula de corrida, um alongamento e tal, a gente corria em volta do colégio e foi aí que eu despertei o interesse pela corrida. Eu acho que foi na sexta e na sétima série. Depois acabou. Quando eu vim para Porto Alegre, no primeiro ano do ensino médio eu tava em rio grande ainda, e lá era um pouquinho mais puxado, o colégio era bem tradicional assim, então era mais puxado. Tu era obrigado a fazer alongamento, atividade física, tinha uma avaliação ações e tal, então era mais puxado sabe? Era mais tecnicista assim né? E aí quando eu vim pra cá eu fiz o segundo e o terceiro ano aqui, e aqui era uma várzea, com o perdão da palavra. O professor chegava e largava a bola e tchau sabe? Não tinha nada no segundo e terceiro ano do ensino médio. E tanto o colégio de rio grande quanto de Porto Alegre eram colégios públicos estaduais.*

Em sua juventude, você teve outras experiências com a Educação Física para além da escola?
*Hm (ficou pensativo). Não. Foi isso aí. Foi bem raso assim né? O que tive de mais diferente foi esse projeto que teve dentro da escola mesmo. Que eu me recordo né? Não me recordo de ter feito outro. E eu adorava Educação Física então eu acho que se tivesse tido eu iria me lembrar (risos). Aí fora da escola eu fiz uns 2 ou 3 anos de futebol numa escolinha, no bairro que eu morava ali. Também fiz capoeira por 1 mês, mas não deu certo e também fiz no bairro que eu morava ali. Eu achava super bonito e tal mas fazer é outra coisa aí não me adaptei.*

O que te fez permanecer na Licenciatura? (variação da pergunta do roteiro: como foi, ou está sendo, o processo de escolha entre Licenciatura ou Bacharelado? Em algum momento você se arrependeu? Quais suas principais dúvidas e preocupações?)
*Uma das coisas foram os professores né? Que tu começa, como eu posso dizer, te espelhar neles né? De como eles dão aula, tu quer ser igual ou parecido com aquele professor. No [nome de uma IES]eu tive vários professores que, uns 4 ou 5 professores assim da Licenciatura assim, que te faz querer ser um o professor próximo ou parecido aquela aula que ele dá que tu vê que ele gosta e tem prazer. E a maioria desses professores eram da Licenciatura. Na Licenciatura tu tem uma humanização assim que tu não tem muito no bacharel. O bacharel ele é mais técnico né? Então tu tem essa visão mais técnica com o bacharel. De ser treinador de passar treino né? Nem pensava muito sobre a qualidade de vida era mais treino e performance. A minha visão era toda essa. Claro que eu carrego um pouco disso ainda mas eu consegui ver nesse processo da Licenciatura essa humanização. Aí depois eu entro numa escola e pude pegar na prática que eu gostava mesmo nesse período de 2017 tal que trabalhei na escola. Aí eu vi que era aquilo ali mesmo. Eu já tinha experiência com adulto, porque quando eu entrei a primeira vez na faculdade (Bacharelado) eu comecei a trabalhar em uma academia, e eu trabalhei 4 anos em uma academia e tinha o grupo de corrida também. Claro que são recompensas diferentes digamos assim. Bah tu vê um aluno que emagreceu ou que conseguiu correr 5 ou 10 km, mas tu ver a criança na escola evoluindo é um processo bem diferente né? E na minha visão ele é mais satisfatório, não só para nós como professor né, mas para a família também que às vezes a criança tem um problema que tu consegue ajudar um pouquinho, então né? Aí a Educação Física (Licenciatura) acabou nesse processo aí, como que eu vou dizer, primeiramente pelos professores e depois pelas experiências que eu tive em aula (na escola) né? Se eu tivesse num bacharel talvez eu estaria naquela mesmice aquela coisa de treino e treino sabe? Sou muito grato por ter seguido na Licenciatura.*

Como percebes as controvérsias da formação em Educação Física? Mais especificamente na relação entre Bacharelado e Licenciatura?
*Eu acho que a Educação Física tinha que ser única né? Na minha opinião né? Ela não tinha que ter essa separação. Como que eu vou te dizer, pra mim ela é uma coisa só, não é separado né? Claro que tem gente que só quer fazer uma coisa e tem gente que quer fazer outra, eu tipo quero fazer as 2 no caso, mas eu acho que ela é única. Então para mim teria que seguir nesse plano de ser como antigamente que era Licenciatura plena né? Que existia né? Que tu te formava nos dois. Algumas pessoas pensam diferente de mim, na verdade a maioria pensa e quer que seja separado né? Mas eu na minha visão, eu acho que teria que ser única. Talvez depois do final no curso tu vai e eu quero ir para a Licenciatura ou eu quero ir para o bacharel. Talvez alguma coisa assim. Mas que ela englobasse tudo e não que ela fosse separada. Eu acho que tem prós e contras nas 2. Não a Licenciatura, mas talvez os estágios. A gente podia ter mais oportunidade de ficar mais em sala de aula atuar mais. Porque geralmente os estágios que eu fiz mais para o final do processo né, fiquei mais observando né? Então eu acho que teria que ter mais atuação no estágio. Mas no [nome de uma IES] por exemplo, a parte teórica é prática é bem desenvolvida nessa parte, tanto na Licenciatura quanto Bacharelado porque eu fiz cadeira dos 2 né? Do [nome de uma IES] não tenho nada pra falar sobre reclamação, fora a burocracia que não tem nada a ver com o que a gente está falando. A aula em si ela é ótima né? Dos estágios (curriculares) que eu fiz só o primeiro que foi mais observar e não foi tanto atuar. E já o último estágio que eu fiz e o segundo, foi crescendo assim, no segundo estágio já foi um pouco mais atuante mas não foi tanto, e aí no terceiro estágio a gente atuou bastante e era de acordo com o professor e não com a gente. Mas eu entendo que foi pouca atuação também por causa da pandemia, né?*

Como percebe a valorização da docência nos dias de hoje?
*Licenciatura não existe praticamente. Tu entra numa sala de aula e tem 20 pessoas vamos dizer 2 da Licenciatura e 18 do bacharel. Primeiro lugar é o dinheiro né de pessoas sabem que o professor vai ganhar pouco e eu não vai querer trabalhar com isso. Tenho colegas por exemplo que fazem Licenciatura também e perguntavam o valor de estágio, porque tinha a vaga no colégio, e quando viram o valor não quiseram porque falaram, ah vou optar pelo bacharel porque não dá. Só que tu sabe que o professor vai ter que fazer um pós, vai ter que fazer um mestrado e tem uma caminhada, não é assim pra ti logo que termina, e mesmo assim tu não vai ficar rico. Então tu tem que ter uma percepção disso aí. Então eu acho que o primeiro fator é o fator financeiro, pra ti não entrar mesmo com vocação, posso fazer sei lá a pessoa quer fazer o bacharel vai ganhar com o Personal Trainer. Vai ganhar a hora aula, mas também não vai ser fácil ganhar a hora aula, vai ter que ser um bom profissional. Ah, vai fazer outro curso que não tem tanta vocação, mas eu vou ganhar dinheiro vou fazer direito para fazer um concurso público. Mas eu acho que a parte principal é o financeiro. Foi o que eu percebi, que a galera não quer ganhar pouco.*

Como percebe a valorização da Licenciatura em Educação Física nos diferentes contextos que se relaciona (universidade, local de trabalho, família, amigos)?
*Olha eu acho que é pouco valorizada né? Começa por essa parte financeira que eu já tinha citado. Se fosse valorizado o professor ia ganhar bem mais em todas as esferas não só na Educação Física, mas nas outras disciplinas também. Claro que as pessoas acham bonito, bah professor, que profissão legal, as pessoas valorizam né? Mas financeiramente eu não vejo essa valorização, tu tem mais é o sentimento, é vocacional, estou fazendo o meu dever estou cumprindo e formando cidadão né estou ajudando. Mas a valorização é por parte da família. Na escola que eu trabalho, assim como vou te dizer, o salário não é ruim nem bom, mas a gente é bem valorizado como eu vou te dizer, pelos coordenadores pelos pais dos alunos, a maioria né, são bem gratos e tal pelos projetos que a escola faz e o desenvolvimento e tal. A escola não tenho do que reclamar. Ela é bem, todo o projeto que a gente faz uma vez teve uma mostra científica no colégio e a gente é bem valorizado, estão sempre botando no Instagram divulgando o que a gente faz, é bem citado assim, então essa parte não tem do que se queixar. Pela faculdade os professores valorizam ao máximo, mas agora eu não sei como é que tá em função do que está acontecendo e está bem complicado não sei se vai continuar a Licenciatura que alguns cursos começaram a ser cancelados, então não sei como é que está esse processo aí, então como tem pouca procura talvez fique só o bacharel.*

Como foi o processo de escolha entre Licenciatura ou Bacharelado? Em algum momento você se arrependeu? Quais suas principais dúvidas e preocupações?
*Vários momentos eu me arrependi. Agora não mais, mas a fase que eu estava trancando e voltando gerava arrependimentos. Será que eu vou ser um bom professor? Será que é isso mesmo? Será que*

*não é era melhor já ter feito bacharel por já estar trabalhando com a assessoria de corrida? Na época até alguns professores que são do bacharel comentavam: que está fazendo na Licenciatura? Já trabalha com corrida com treinamento esportivo? Bateu várias vezes o arrependimento. Depois da pandemia para cá que eu segui o baile não parei mais que eu pude pensar e ver que era isso mesmo, mas com certeza bateu várias vezes um arrependimento. E começou (a ter mais segurança com a escolha da Licenciatura) depois que eu tive experiências né? Vivências em esteio, lá no colégio que eu fiquei dois anos. Depois dos estágios também e agora por último a escola que eu trabalho que eu vi que é isso que eu quero, foi uma coisa que foi amadurecendo, porque na época que eu não tinha certeza e me arrependi, foi porque eu não tinha tido as vivências. Aí eu pude ver se era bom ou não era. Claro que não é um mar de rosas né? Então, eu era cobrador de ônibus e eu odiava ser cobrador de ônibus, então eu me achei naquilo ali fazendo algo que eu gostasse. Trabalhei 6 anos nesse meio e eu tinha pavor. Trabalhava só para acordar e lá trabalhar e voltar, não gostava daquilo ali e eu queria achar alguma coisa que me preenchesse. E em 2017 eu comecei a ter experiência no colégio que eu vi que era isso mesmo. Na época um colega meu que trabalhava na academia comigo e largou a academia e fez concurso público e passou. E aí ele dava aula em Sapiranga e Esteio. E surgiu essa oportunidade de trabalhar com atletismo em esteio porque ele sabia que eu era ligada a isso porque dava aula de corrida na academia e ele me chamou para participar. Fiz entrevista com as coordenadoras do colégio e aí entrei no projeto. Foi assim. Foram 2 anos, 2017 e 2018, ia continuar só que em função da pandemia em 2020 não teve mais. Eu entrei através desse colega que me indicou lá.*

Quais experiências considera como significativas em sua trajetória acadêmica?
*Na Educação Física além de alguns professores que marcaram com as aulas e ensinamentos, os estágios né? Para mim o principal foram os estágios. Foi ali que eu vi que era ali mesmo, que eu estava no caminho e tal e que eu não tive mais arrependimentos. Foi a parte que foi a cereja do bolo, foram os estágios e alguns professores também né? Foi basicamente isso aí.*

Como percebes a docência no cotidiano da atuação do Bacharelado?
*De certa forma sim né? Porque pra tu lidar com o aluno na escola ou fora dela tu tem que ter uma, uma progressão pedagógica né? Como por exemplo a corrida, o cara vai lá correr comigo e nunca correu. Eu vou pedir para ele alguns exames e se está tudo bem com o médico e a gente não vai começar ali correndo direto, a gente vai caminhar e vai caminhar e correr até que ele consiga correr. Então é todo um processo. Tem toda uma docência e parte pedagógica por trás que se não tiver tu não vai entender esse aluno e esse aluno vai embora ou ele vai se machucar. Então tu tem que entender o processo, tem que ter essa parte sim. Eu acredito que tem que ter, se não tu não vai ser um bom profissional e não vai dar certo. Então acho que o processo de docência está ligado sim no bacharel. Tem que estar vinculado sim.*

Como percebes a valorização da docência nos dias de hoje?
*Não é boa né? Deveria ser melhor. Na parte financeira principalmente eu me refiro né? Mas é aquilo, se tu gosta daquilo ali né, e aquilo te dá prazer. Mas essa parte aí é que dá uma entristecida, essa parte financeira é que não é valorizada. Mas claro que tem outras valorizações digamos assim. A escola te vê como um bom professor, como um bom funcionário, os alunos, os pais enfim. Mas essa parte financeira ainda é precária em todo o ensino, tanto no público quanto no privado, em geral.*

Como a sua formação em Educação Física se relaciona em seu projeto de vida? (profissional, pessoal, acadêmico)
*Bah, agora (risos e pausa pensativa). A minha vida sempre foi voltada para atividade física né? Tem uma grande relação né? Tanto que aqui em casa eu tenho uma esposa e um filho, meu filho tem 3 anos é ativo, ativo, ativo. A minha esposa treina comigo de noite e ele treina junto. É uma coisa que eu levo pra eles junto, então nesse planejamento de vida, planejamento familiar tem muita relevância. O meu sogro também caminha e começou a se incentivar através de um pouquinho da questão da saúde dele, que tem que cuidar mas também um pouquinho através de mim. Alguns primos da minha esposa que são jovens de 15 anos e também correm através de mim. Tá lincado sim. Só falta meu pai e minha mãe que não fazem nada (risos), mas a graduação em Educação Física está vinculada à minha família e ao meu plano de vida, digamos assim.*

Tem algo que tu gostarias de acrescentar algum sentimento que tu tenha percebido ao longo da nossa conversa no qual eu não tenho contemplado através de alguma pergunta?

*Sentimento assim é só de gratidão aos professores né? Que é através deles que a gente começa uma caminhada, porque lá em rio grande eu não tinha uma aula bam bam bam, mas teve um projeto que iniciou e que deu uma sequência a tudo isso. Na escolinha de futebol também tinha um professor que era muito legal. Depois na faculdade com os professores também. Basicamente é gratidão aos professores. Mesmo com altos e baixos foram experiências muito positivas então meu agradecimento é aos professores e isso que me fez permanecer querer seguir em frente e fazer parte dessa profissão.*